



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Memória Social

**JOSÉ OLYMPIO: O HOMEM E A EDITORA - A CONSTRUÇÃO
DISCURSIVA DA IMAGEM DO EDITOR E DA EDITORA NA MEMÓRIA
SOCIAL**

ANGELA MARIA TORRES DI STASIO

Rio de Janeiro
2012

ANGELA MARIA TORRES DI STASIO

**JOSÉ OLYMPIO: O HOMEM E A EDITORA – A CONSTRUÇÃO
DISCURSIVA DA IMAGEM DO EDITOR E DA EDITORA NA MEMÓRIA
SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora Prof^a. Dr^a Lucia Maria Alves Ferreira

Rio de Janeiro
2012

S775j Stasio, Angela Maria Torres Di.

José Olympio: o homem e a editora – a construção discursiva da imagem do editor e da editora na memória social / Angela Maria Torres Di Stasio. — 2012.

117f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Lucia Maria Alves Ferreira

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2012.

Bibliografia: f. 84-88.

1. Memória. 2. Discurso. 3. José Olympio Pereira Filho. 4. Livraria José Olympio. I. Título.

CDD 302

ANGELA MARIA TORRES DI STASIO

**JOSÉ OLYMPIO: O HOMEM E A EDITORA - A CONSTRUÇÃO
DISCURSIVA DA IMAGEM DO EDITOR E DA EDITORA NA MEMÓRIA
SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Aprovada em: 27 de junho de 2012

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Alves Ferreira (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Carmen Irene de Oliveira – UNIRIO

Prof^a. Dr^a. Maria Lizete dos Santos – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Vanise Gomes de Medeiros – UFF

Rio de Janeiro
2012

Ao Gabriel, meu anjo enviado por Deus.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Lucia Ferreira Alves, pela paciência, pela seriedade e responsabilidade na condução de todo o percurso da orientação.

À Prof^a. Dr^a. Carmen Irene de Oliveira, pelo apoio, por compartilhar grandes porções de sentimentos e pelos valiosos comentários. Aos demais membros da banca, Prof^a. Dr^a Maria Lizete dos Santos e Prof^a. Dr^a Vanise Gomes de Medeiros, por aceitarem o convite e pelas importantes sugestões durante o exame de qualificação.

Às companheiras do curso de Mestrado em Memória Social da Unirio: Regina Valadão e Sabrina Dinola pela amizade, apoio e incentivo.

À Mônica Auler pela versão do *abstract*.

À Angela Tadei pelas corretas e incentivadoras palavras.

Aos colegas da Fundação Biblioteca Nacional: Daniele Cavaliere, Frederico Ragazzi, Guilherme Braga e Marcella Albani por me ouvirem falar diariamente sobre José Olympio e sobre minhas angústias.

À minha amiga e irmã Regina Di Stasio Cantoni pela parceria e amor em todas as horas.

Ao Marcos, “por existir um mestrado em nós.”

RESUMO

A proposta desta dissertação é investigar os discursos jornalísticos sobre o editor José Olympio Pereira Filho e a livraria José Olympio, focalizando, especificamente, os processos discursivos e a produção de sentidos que contribuíram para a construção e o delineamento da imagem emblemática do editor e da editora na memória social brasileira. Considerando a constituição de um arquivo como função dessa memória, selecionamos textos publicados na imprensa do século XX, e utilizamos o referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de origem francesa e seus desdobramentos no Brasil. Nosso arquivo de pesquisa, de natureza heterogênea e com temporalidade distinta, é constituído de: a) dezesseis crônicas; b) duas reportagens; c) duas cartas. Esses textos foram redigidos por escritores editados pela Livraria José Olympio Editora, por ocasião de datas comemorativas relacionadas ao editor e a editora. A condição dessas crônicas, como discursos laudatórios, é considerada em nossas análises. A partir do exame de toda a materialidade discursiva, estabelecemos algumas imagens representativas: José Olympio, o editor predestinado; José Olympio, o herói de nossa gente; José Olympio, o editor dos contrários. A estas imagens, associamos três formações discursivas, respectivamente: a religiosa, a histórica e a política. Além disso, é possível perceber a imagem em torno da própria editora como lugar de acolhimento, sendo designada em diversos enunciados como a Casa.

Palavras-chave: José Olympio Pereira Filho. Livraria José Olympio Editora. Discurso. Memória.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to examine the processes of meaning production in the journalistic discourse about José Olympio Pereira Filho and his publishing house, Livraria José Olympio Editora, which contributed to building up and outlining the emblematic image of the publisher and the publishing house in the Brazilian social memory. We analyse texts collected from the twentieth century press, considering the constitution of an archive as function of this memory. We have used the theoretical-methodological frame work of French Discourse Analysis and its development in Brazil. The archive of our research, of heterogeneous nature and different temporalities, is composed of: a) sixteen chronicles; b) two news stories; c) two letters. These texts were composed by writers published by Livraria José Olympio Editora, on commemorative dates related to the publisher or the publishing house. Our analysis considers the condition of these chronicles as laudatory discourse. After appraising the whole discursive materiality, we defined some representative images: José Olympio, the predestined publisher; José Olympio, our people's hero; José Olympio, the publisher of contraries. We have associated three discursive formations to those images: the religious, the historical, and the political one. In addition, one can distinguish the image around the publishing house itself as a place of hospitality being referred to, in several statements, as the House.

Keywords: José Olympio Pereira Filho; Livraria José Olympio Editora; Discourse. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem nº. 1 - Diagrama sobre a constituição dos arquivos.....p. 22
- Imagem nº. 2 - Carta de Gilberto Freyre a José Olympio. Arquivo da Livraria José Olympio Editora.....p. 25
- Imagem nº. 3 - Capa de Santa Rosa para *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Retirada da obra *José Olympio: o editor e sua Casa* organizada pelo editor Mário Pereira (2008, p. 105).....p. 26
- Imagem nº. 4 - Capa do livro *Conhece-te pela psicanálise*. Arquivo da Livraria José Olympio Editora.....p. 26
- Imagem nº. 5 - Foto de Ciro dos Anjos, Guimarães Rosa, José Olympio, Luís Jardim, Thiago de Mello e Mário Palmério no escritório do editor. Década de 1950. Arquivo da Livraria José Olympio Editora.....p. 27
- Imagem nº. 6 - Reportagem *Uma nova Casa Editora – Anexo 1*.....p. 90

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1. Material Jornalístico selecionado para constituir o arquivo de análise – período de 1934 a 1990.....	p. 47
Quadro 2. Denominações sobre José Olympio e a livraria-editora nos discursos jornalísticos	p. 58

SUMÁRIO

Introdução	13
1 – Arquivo e Memória: uma relação indissociável	20
1.1. O arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora	24
1.2. Textos jornalísticos: um recorte do arquivo institucional	29
1.3. Arquivo na perspectiva discursiva	32
2 – Análise do Discurso: reflexões teóricas	33
2.1. Condições de Produção	35
2.2. Memória Discursiva	36
2.3. Sujeito	36
2.4. Formação Discursiva	40
3 – A construção de sentidos nos textos jornalísticos sobre José Olympio e sua Casa	41
3.1. O <i>corpus</i> da pesquisa	45
3.1. 1. A crônica: filha do jornal e falha no discurso jornalístico	50
3. 2. Construindo sentidos: aproximações para a análise de construções discursivas dos textos jornalísticos sobre o editor José Olympio e a livraria-editora	55
3. 2. 1. José Olympio: o editor predestinado	59
3. 2. 2. José Olympio: o herói da nossa gente	63
3. 2. 3 José Olympio: o editor dos contrários	68
3. 2. 4 A Casa-Grande de José Olympio	71
Considerações Finais	81
Referências bibliográficas	84
Anexo I – Quadro dos textos jornalísticos que integram o <i>corpus</i> empírico	89
Anexo 1 - Uma nova casa editora no Rio	90
Anexo 2 - A vitória de um bandeirante	93
Anexo 3 - 3 de Julho: Uma data do livro brasileiro	94
Anexo 4 - A Livraria José Olympio	97
Anexo 5 - O meu amigo José Olympio	98
Anexo 6 - Um editor de política	99
Anexo 7 - A Casa	100
Anexo 8 - A Crônica de uma livraria	103
Anexo 9 - 25 anos de atividade Editorial	104
Anexo 10 - Trinta anos de cultura e livros	105
Anexo 11 - Carta a José Olympio	107
Anexo 12 - Retrato de um País e de um Povo	108
Anexo 13 - O que pensava A. A. Lima de J.O: o duque de Olinda	109
Anexo 14 - José Olympio	110
Anexo 15 - Retrato humano de um editor	111

Anexo 16 - Quixote	112
Anexo 17 - José Olympio, octogenário	113
Anexo 18 - José Olympio: um semeador de livros	114
Anexo 19 - José Olympio, o mais brasileiros dos paulistas	115
Anexo 20 - José Olympio: O homem e a Casa	117

Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.

Foucault (2009, p. 7)

INTRODUÇÃO

A figura do editor representa um importante elo entre a obra, o autor e o leitor. Segundo Chartier (1999), o editor como conhecemos na atualidade surgiu em decorrência das revoluções industriais pelas quais o livro passou no século XIX.

O termo editor, de origem latina, segundo Bragança (2002, p. 59) era utilizado na Roma antiga para designar os responsáveis por cuidar e multiplicar as cópias de manuscritos originais, garantindo assim que as obras fossem reproduzidas de maneira correta.

Apesar do ofício de editor ser antigo, o modo de reproduzir livros somente será revolucionário com a invenção da prensa móvel. Chartier (1999) garante que, até o século XVIII, a atividade de editor não é uma função delimitada. Apenas a partir do século XIX, mais precisamente no ano de 1830, é que, segundo Chartier (1999, p. 50) se institui a figura do editor como uma profissão “de natureza intelectual e comercial” que controlava desde a impressão até a distribuição. Esta época é a do editor-empresário.

Na atividade editorial segundo Bragança (2002, p. 62), é possível destacar três tipos basilares de editor: o *editor-impressor*, o *editor-livreiro* e o *editor independente*.

Grosso modo [...], de 1450 a 1550, há a hegemonia do impressor-editor; de 1550 a 1850, surge e se torna hegemônico, o livreiro-editor; no período de 1850 a 1950, há a emergência e logo a hegemonia do editor, pleno ou independente (BRAGANÇA, 2002, p. 62).

Segundo esses perfis, as características predominantes da função são: O *impresso-editor* (século XV-XVI) é o profissional que domina as técnicas da tipografia. O seu centro de trabalho é “a oficina tipográfica” (BRAGANÇA, 2002, p. 62).

O livreiro-editor (século XVI-XIX) tem como centro o mercado. Esse perfil de editor precisa prestar atenção nas demandas e no relacionamento com clientes. Precisa atender sua clientela de forma lucrativa para sua empresa. “Após definir em que seguimento editorial atuará, seu faro é dirigido para conseguir os autores ou as obras que o mercado pede. Isto é sua meta. O importante é ter um bom fundo editorial, um bom catálogo” (BRAGANÇA, 2002, p. 64).

Por último, ainda segundo Bragança (2002, p. 65) o editor independente (século XIX-XX) tem como centro o autor. Diferentemente dos anteriores, ele não precisa de benesses das autoridades.

A política editorial brasileira, ainda no final do século XIX, proporcionava pouco espaço às produções literárias brasileiras. Para muitos dos escritores brasileiros nesse período,

“o jornal representou uma espécie de passagem de acesso ao mundo das letras impressas” (GENS, 2008, p. 195) e também um lugar onde o perfil do editor era tido e criticado “como vilões da história do livro no Brasil” (GENS, 2008, p. 196).

A tensão entre editores e escritores já é velha conhecida do mundo das letras. Um exemplo claro dessa tensão encontra-se em *A Bruxa* (1896-1898), na seção Livros Novos, em abril de 1896, onde o escritor e cronista Olavo Bilac, um dos diretores do periódico, faz severas críticas às práticas editoriais e ao editor:

Quero, antes de cuidar dos cinco ou seis volumes que aqui tenho sobre a mesa, deixem-me chamar as contas um editor! Um editor! Esse bicho impassível e astucioso, essa raposa de sobrecasaca, esse judeu disfarçado [...] Que homem de letras não ama dizer mal do editor? (BILAC, Olavo. In: *A Bruxa*, 1896).

A tensão também é assunto na crônica *A Vitória de um Bandeirante* (Anexo 2, p. 93) de Humberto de Campos, publicada no *Diário Carioca* (RJ), em 1934. O cronista assim se refere ao editor:

o editor é o parente mais próximo do autor. É, quase sempre, o parente burguês, o parente afortunado, o parente rico. E, por isso, o parente inimigo. Visitam-se os dois. Saúdam-se. Festejam-se onde se encontram. Mas, longe um do outro, desancam-se reciprocamente como podem: o editor sempre tem prejuízo com as edições do autor; o autor é sempre roubado pelo editor (CAMPOS, Humberto de. *A Vitória de um bandeirante* (Anexo 2, p. 93).

Imagens negativas acerca da figura do editor e de editoras foram sendo construídas por alguns escritores brasileiros. Gens (2008) informa que Artur Azevedo acusa nas páginas de *O Álbum*, n. 41, de outubro de 1893, o editor Garnier de fazer fortuna com as edições de Júlio Verne. Ainda segundo Gens (2008), revoltas e ressentimentos seguiam minando a relação comercial entre os editores e os escritores.

Entretanto e apesar dessa tensão entre editor e autor, no início do século XX, principalmente nos decênios de 1930 e 1940, ser editado pela Livraria José Olympio Editora era o grande sonho de todo escritor. Um sonho que, na realidade, garantia sucesso, reconhecimento e prestígio aos editados. Vários escritores e personalidades de renome no cenário nacional fizeram nome na José Olympio: Humberto de Campos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Getúlio Vargas, Plínio Salgado e tantos outros.

À frente dessa instituição, por mais de meio século, esteve o editor José Olympio Pereira Filho, conhecido no mundo dos livros como J. O. (pronunciava-se jotaó), apelido dado

pelo escritor e antropólogo Gilberto Freyre pela fraterna amizade cultivada pelos dois. O autor de *Casa-Grande e Senzala* não deixa dúvidas sobre o que pensa a respeito do editor e amigo e, também, sobre a Livraria: “(...) Quem diz José Olympio, não diz apenas um indivíduo, mas uma instituição. Quem diz Editora José Olympio não diz apenas um estabelecimento comercial, mas uma força, um ânimo, um espírito (...)”¹

Antes de externarmos o nosso interesse pelo complexo conjunto editor José Olympio/Discurso, devemos retroceder e abordar um pouco da vida desta figura pública que nas palavras de José Lins do Rego, encontradas na crônica *O meu amigo editor José Olympio* publicada em *O Globo*, de 11 de dezembro de 1952 (Anexo 5, p. 98), foi o editor que “se transformou no maior editor de literatura já aparecido no Brasil. Foi editor de novos e de velhos, conseguindo para a sua casa um prestígio universal.”

A vida profissional de José Olympio foi iniciada na Casa Garraux, em São Paulo, por intermédio de Altino Arantes, então presidente do Estado de São Paulo. A Casa Garraux, já no início do século XX, era conhecida como a principal loja de São Paulo, e, durante treze anos, foi nessa instituição que José Olympio buscou ascensão profissional. Ocupou posição privilegiada como gerente-livreiro e passou a conviver mais estreitamente com intelectuais, políticos e pessoas da alta sociedade paulistana. Nesse tempo, era conhecido como Zé da Garraux, Zé Política e Zé Especula (SOARES, 2006, p. 27), por conta de sua participação nos debates que eram travados, nesse meio intelectual, sobre o futuro do Brasil.

Em 1931, José Olympio deixou a Casa Garraux e decidiu comprar a maior biblioteca particular de São Paulo que pertencia ao advogado e bibliófilo Alfredo Pujol. Com auxílio de José Carlos de Macedo Soares, diretor do Banco do Estado de São Paulo, e de outros amigos, Olympio fez oferta à família de Pujol e adquiriu o acervo de dez mil livros. Pouco depois, ele comprou a biblioteca do advogado Estevão de Almeida, também cliente da Casa Garraux.

A partir dessas iniciativas, J.O. tornou-se para sempre livreiro-editor. Ele fundou a Livraria José Olympio Editora em 29 de novembro de 1931 na cidade de São Paulo (SOARES, 2006, p. 31). No entanto, tendo em vista o cenário que se formou com a crise de 1929 e com a Revolução de 1930, J. O. “soube desde logo que seu futuro não estava ali e planejou a mudança para o Rio de Janeiro” (SOARES, 2006, p. 32).

Um dos grandes impulsos comerciais da Livraria José Olympio Editora à época foi dado por Humberto de Campos, fervoroso aliado de J. O. e escritor já bastante popular no período de inauguração da livraria-editora. Em 1935, José Olympio já havia lançado

¹ FREYRE, Gilberto. 25 anos de atividade editorial. in: Revista O Cruzeiro. Ano XXVIII. Nº 35 – Rio de Janeiro 16-6-1956.

dezessete títulos de Humberto de Campos. No ano seguinte, em 1936, ano da morte de Campos, José Olympio “publicou mais seis novos livros do escritor e reeditou quinze” (VILLAÇA, 2001, p. 79).

Assim como Humberto de Campos, o sergipano Amando Fontes, autor de *Os Corumbas*, foi conselheiro e grande parceiro de José Olympio, tendo ajudado a escolher a loja na Rua do Ouvidor 110, no Rio de Janeiro, onde a Livraria funcionou de 03 de julho de 1934 a 1955.

Cinco anos depois da inauguração da editora, José Olympio lançou a Coleção Documentos Brasileiros, que se inaugura sob a direção de Gilberto Freyre, publicando o conhecido clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. “A Coleção soma mais de 200 títulos publicados” (VILLAÇA, 2001, p.83). Também foram diretores da Coleção o historiador Otávio Tarquínio de Sousa e Afonso Arinos de Melo Franco.

Em 1937, houve a instauração do Estado Novo e os discursos de Getúlio Vargas precisavam ser publicados. José Olympio foi o editor destes documentos e, sob o título *A Nova Política Brasileira*, cinco volumes foram lançados em 1938. O nono volume saiu em 1943, quando “Getúlio Vargas tomou posse na Academia Brasileira de Letras. [...] De Getúlio a Sarney, J.O. sempre foi amigo dos presidentes” (VILLAÇA, 2001, p. 96).

Apesar do sucesso editorial, na década de 1960, a Editora José Olympio começou a enfrentar crises financeiras.

Em junho de 1974, J.O. procurou o presidente Ernesto Geisel, no Palácio do Planalto, com o objetivo de conseguir do governo apoio para um financiamento a longo prazo para salvar a editora da crise. Contudo, apesar do prestígio pessoal do editor com o governo, em 18 de abril de 1975, consumou-se a passagem do controle acionário dos fundadores da instituição ao então Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDE. “A Casa estava salva, mas José Olympio fora ferido no mais íntimo de si” (VILLAÇA, 2001, pp. 267-268).

O governo decidiu privatizar a José Olympio em 1983. E logo no ano seguinte, o empresário Henrique Sérgio Gregori adquiriu a propriedade da Editora num leilão da Bolsa de Valores. O que parecia ser uma nova fase para a editora não tem um final feliz: Gregori e Ana Elisa, sua mulher, falecem num acidente de carro, em abril de 1990. “No mês seguinte, em maio de 1990, almoçando em casa, José Olympio engasgou e morreu” (VILLAÇA, 2001, p. 287).

Decerto, a Livraria foi a razão de viver de José Olympio. Desde a fundação, em 29 de novembro de 1931, até o fim da vida, ele se dedicou integralmente às atividades da

instituição, a Casa como ele a chamava, que promove e faz perdurar o seu nome como editor e figura da história do Brasil.

Com a propriedade da editora nas mãos da família Gregori, o arquivo da Livraria José Olympio Editora, ou melhor, o acervo documental da Livraria foi colocado em um depósito no subúrbio carioca, no bairro da Penha, e depois, em outubro de 2006, doado à Fundação Biblioteca Nacional, instituição na qual trabalho.

Essa doação resultou da iniciativa da família do empresário Henrique Sérgio Gregori e da intermediação entre as partes (Biblioteca e Família Gregori) pelo editor Geraldo Jordão Pereira, filho de José Olympio.

O arquivo cobre o período de 1932 a 2001 e reúne precioso acervo de toda a produção editorial da Livraria José Olympio Editora. Entre os documentos, encontram-se correspondências de escritores editados pela José Olympio, projetos gráficos das capas dos livros publicados, vasto material fotográfico, inúmeros periódicos e um exemplar de todos os livros publicados pela editora, inclusive o primeiro, intitulado *Conhece-te pela psicanálise*, do americano J. Ralph, de 1932.

Dentre toda a documentação do arquivo institucional da José Olympio, um tipo específico despertou-nos interesse para elaboração desta pesquisa. Foram os textos jornalísticos onde percebemos a formação de uma imagem de José Olympio e também da José Olympio. De todos os textos lidos e escolhidos para a constituição do arquivo de pesquisa, selecionamos os produzidos por ocasião de datas comemorativas como, por exemplo, nascimento e morte do editor, inauguração e aniversários da livraria-editora, etc. Os textos abrangem o período de 1934 a 1990, data da fundação da Livraria José Olympio Editora no Rio de Janeiro (1934), até a morte do editor J. O., em 1990. Decidimos selecionar apenas textos comemorativos, pois partimos do princípio de que a comemoração é um elemento central da construção da memória dos acontecimentos e dos indivíduos. Segundo Philippe Raynaud (1994), a comemoração é a cerimônia que destina-se “a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento... É um espaço para perpetuar a lembrança e indica a ideia de uma ligação entre homens, fundada sobre a memória” (RAYNAUD, 1994, p. 104).

Ao examinar esses vários textos jornalísticos que abordam a trajetória de vida do editor e da livraria-editora, algumas perguntas foram surgindo: Quais sentidos emergem desses vários discursos construídos em diferentes momentos sócio-históricos sobre o editor e sobre a livraria-editora? De que maneira as relações de sentidos constituídas nesses discursos contribuíram para o delineamento e inscrição da imagem do editor e da editora na memória social brasileira?

O objetivo deste trabalho, então, é investigar os processos discursivos de produção de sentidos nos discursos sobre José Olympio e sobre a livraria-editora que contribuíram para a construção da imagem do editor e da editora na memória social brasileira, considerando a constituição de um arquivo como função dessa memória.

Há, então, nesse estudo, duas discussões ou problematizações que se relacionam na construção da memória social: a imagem de José Olympio e da José Olympio construída a partir de determinadas produções discursivas; o papel ou função do arquivo, construído a partir de determinadas intencionalidades.

O que denominamos processo discursivo está materializado nos textos jornalísticos (que mais adiante indicamos como arquivo de pesquisa) e sua abordagem se fará por meio do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de origem francesa e seus desdobramentos no Brasil. Nessa perspectiva, o discurso é entendido como espaço ou uma arena na qual sentidos são engendrados e consagrados; ou como diria Pêcheux (2008), o discurso é um acontecimento. A Análise do Discurso “não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas (...)” (ORLANDI, 2009, pp.15-16).

Nosso arquivo de pesquisa, de natureza heterogênea e com temporalidades distintas, é constituído de: a) dezesseis crônicas; b) duas reportagens; c) duas cartas. Esses textos, todos jornalísticos, foram redigidos por escritores editados pela Livraria José Olympio Editora, por ocasião de datas comemorativas relacionadas ao editor e a editora, no período de 1934 a 1990.

Cabe ressaltar que será a partir do arquivo de pesquisa que pretendemos construir o arquivo analítico. Na perspectiva discursiva, só podemos compreender arquivo analítico a partir do conceito de recorte. Para isso, baseamo-nos em Orlandi (1984, p.14), para quem recorte discursivo “é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação”. O recorte é um conceito essencial para a Análise do Discurso, pois se diferencia dos segmentos, unidade da linguística constituída por frases ou sintagmas associados de forma linear em unidades hierárquicas. O recorte é um processo que procura destacar uma unidade de sentido enfocada pelo analista; melhor dizendo, uma unidade de sentido que se relaciona com as questões ou perguntas do dispositivo analítico escolhido.

Três capítulos regem o processo de desenvolvimento do projeto. No primeiro capítulo, abordamos as noções de arquivo e memória e apresentamos o arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora, nosso ponto de partida para a realização deste projeto. Também delimitamos o arquivo de pesquisa, constituído de textos jornalísticos sobre José Olympio e

sobre a editora que foram extraídos do arquivo institucional da Livraria José Olympio, e, por último, explicitamos o arquivo em perspectiva discursiva, ponto central deste trabalho.

O segundo capítulo consiste no desenvolvimento do nosso referencial teórico, que tem como base a Análise do Discurso de vertente francesa e seus desdobramentos no Brasil.

No terceiro capítulo, discutimos aspectos gerais da constituição do arquivo de pesquisa, constituído de textos jornalísticos de cunho comemorativo, publicados na imprensa do século XX e, num segundo momento, analisamos a produção de sentidos sobre a construção discursiva da imagem do editor e da livraria-editora que contribuiu para a inscrição de ambos na memória social brasileira.

CAPÍTULO 1

MEMÓRIA E ARQUIVO: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL

Elegia da Lembrança Impossível

O que não daria eu pela memória
 De uma rua de terra com baixos taipais
 E de um alto ginete enchendo a alba
 (Com o poncho grande e coçado)
 Num dos dias da planície,
 Num dia sem data.
 O que não daria eu pela memória
 Da minha mãe a olhar a manhã
 Na fazenda de Santa Irene,
 Sem saber que o seu nome ia ser Borges.
 O que não daria eu pela memória
 De ter lutado em Cepeda
 E de ter visto Estanislao del Campo
 Saudando a primeira bala
 Com a alegria da coragem.
 O que não daria eu pela memória
 Dos barcos de Hengisto,
 Zarpando do areal da Dinamarca
 Para devastar uma ilha
 Que ainda não era a Inglaterra.
 O que não daria eu pela memória
 (Tive-a e já a perdi)
 De uma tela de ouro de Turner,
 Tão vasta como a música.
 O que não daria eu pela memória
 De ter sido um ouvinte daquele Sócrates
 Que, na tarde da cicuta,
 Examinou serenamente o problema
 Da imortalidade,
 Alternando os mitos e as razões
 Enquanto a morte azul ia subindo
 Dos seus pés já tão frios.
 O que não daria eu pela memória
 De que tu me dissesses que me amavas
 E de não ter dormido até à aurora,
 Dissoluto e feliz.

Jorge Luis Borges, in "A Moeda de Ferro"

Como já assinalado, a proposta desta pesquisa é investigar a produção de sentidos sobre o editor José Olympio Pereira Filho e sobre a Livraria José Olympio Editora a partir de textos jornalísticos publicados pela imprensa do século XX. Tendo em vista esta produção de sentidos, procuramos entender o funcionamento do discurso a partir da construção da imagem do editor e da editora no contexto de uma memória cultural brasileira. Cabe ressaltar que,

como se trata de uma imagem construída discursivamente, temos como hipótese que ela é necessariamente parcial e, por vezes, contraditória, tendo em vista que não é todo o universo discursivo sobre José Olympio e sobre a José Olympio que será analisado e que as materialidades podem gerar diferentes interpretações. Tendo em vista a origem de nossas fontes, imagens laudatórias são preponderantes. Significar, do ponto de vista discursivo, quer dizer que os sentidos produzidos podem ser diferentes conforme as posições dos sujeitos no discurso. Procuraremos, portanto, investigar, no funcionamento do discurso, como foram construídas as imagens que tanto contribuíram para o delineamento dessa figura emblemática, no cenário cultural nacional.

Neste capítulo, são apresentados alguns modos de abordar a noção de arquivo em consonância com a noção de memória. Tal atitude justifica-se tendo em vista que diferentes concepções de arquivo e de memória estão envolvidas no processo de desenvolvimento desta pesquisa, a saber: arquivo institucional, arquivo da pesquisa e arquivo na perspectiva discursiva. O arquivo é visto como um lugar onde a memória se torna participante do processo.

Assim sendo, apresentamos o arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora, em seguida, abordamos a constituição do arquivo da nossa pesquisa, isto é, os textos jornalísticos sobre o editor José Olympio e sobre a Livraria José Olympio Editora que foram recortados do arquivo institucional da livraria-editora; por último, explicitamos o arquivo na perspectiva discursiva, um dos pontos deste trabalho. A nossa intenção com isso, é evidenciar a maneira como constituímos nosso arquivo discursivo, ou seja, a partir do arquivo institucional da livraria-editora constituímos um novo arquivo, isto é, o arquivo da pesquisa que é parte integrante desse arquivo institucional e, em seguida, constituímos outro novo arquivo, o discursivo que será o nosso arquivo analítico. A representação do exposto segue-se na ilustração a seguir:



Imagem n. 1 – Diagrama sobre a constituição dos arquivos

As noções de arquivo e memória vêm se alterando de maneira considerável, como podemos constatar através da literatura publicada sobre o assunto. Isso talvez possa ser explicado da seguinte maneira: assim como as bibliotecas e museus, os arquivos congregam, contra ou a favor, diferentes grupos e diversos indivíduos e, por isso, são lugares políticos onde as relações de força se estabelecem (MURGUIA, 2010, p. 12). Arquivo, por exemplo, já foi entendido somente como uma

acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a realização dos fins políticos, legais e culturais daquela instituição ou pessoa (BELLOTTO, 2002, p.19).

A possibilidade de acesso a esses documentos se fazia apenas através do deslocamento físico, isto é, era necessário o movimento de ir ao encontro dos dados requeridos.

Na atualidade, e principalmente “a partir do século XX [...] o mundo é visto como um espaço informacional e memorial” (DODEBEI, 2010, p. 59) e, tudo indica que, com isso, o movimento de acesso aos arquivos modificou-se: são os dados requeridos ou procurados que se movem em direção a quem os procura. “Entrar num arquivo significa hoje sentar diante de uma tela (monitor ou simples televisor doméstico) e iniciar a pesquisa de uma informação qualquer” (COLOMBO, 1991, p.24).

Na sociedade contemporânea, constatamos que a maioria dos indivíduos tem necessidade de tudo guardar, uma espécie de cultura do arquivamento, uma vontade de tudo armazenar, não perder nada, fenômeno que parece ser evidenciado pelo desenvolvimento das novas tecnologias, sobretudo da informática. Assim,

Gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento da nossa própria experiência, fotografando as imagens colhidas durante as viagens, gravando em vídeos os

momentos da vida de nossos filhos ou os programas televisivos que mais nos parecem dignos de serem ‘conservados’ [...] (COLOMBO, 1991, p. 19).

Essa necessidade de gravar, arquivar o nosso passado, registrando cada momento da nossa própria experiência, fotografando, filmando, inserindo no computador um depósito de recordações, nos faz refletir sobre “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes [que] é a emergência da memória” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Partimos dessa premissa, não para explicar o porquê desse fenômeno, mas nos interessa pontuar que assim como a noção de arquivo vem se modificando ao longo do tempo, a noção de memória não foge à mesma regra.

A memória, na Grécia Antiga, era associada a uma divindade: denominada Mnemosyne, cuja função era presidir a poesia e quem fazia recordar e esquecer os males. As Musas, filhas da Memória, detinham o poder insuflado por forças divinas, de presentificar e encobrir a um só tempo. Faziam revelações, *alethéa*, mas impunham, também, o esquecimento, *léthe* (VERNANT, 1973, p. 73).

Diferentemente da memória divinizada e contrapondo-se à visão cientificista da época, que via a memória apenas como uma função do cérebro, o filósofo Henri Bergson (1859-1941) a entendia como uma possibilidade criativa, ou melhor, um estado puro de consciência. Para o filósofo, a concepção de memória pura opõe espírito, lugar da memória, à matéria, lugar da percepção. Bergson compreendia que “o corpo guarda esquema de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores.

Partindo de uma polêmica com Bergson, o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), cujo pensamento dá suporte a essa pesquisa, afirma que a memória é, por natureza, social. A memória para Halbwachs era um fator agregador da sociedade. A memória individual estaria sempre construída em relação ao grupo do qual se faz parte, em relação ao meio social, em relação a todos os que nos cercam. Os indivíduos necessitam da lembrança de outros indivíduos para lembrarem, conformarem ou até negarem suas lembranças, que estão localizadas em algum lugar no tempo e no espaço. Sendo assim, as

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. “Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p.30).

Halbwachs (2006) estabelece que a memória emerge em função de um grupo e que ela é tão plural quanto plural é a sociedade em sua configuração socioeconômica, cultural e política. Cada grupo produz e atualiza a sua memória de acordo com seus interesses presentes e projetos futuros.

Entretanto, o que possibilita a construção da memória, permitindo a unificação do grupo, é a linguagem, pois ela é também um instrumento socializador, mediador das relações entre o ser humano e o mundo. Mas, se esse grupo desaparece, sinaliza Halbwachs, a única maneira de salvar as lembranças é fixá-las através da escrita, já que, segundo ele, as palavras e os pensamentos desaparecem, morrem, mas as narrativas escritas permanecem.

Retomando a proposta desta pesquisa, investigar a construção da memória sobre José Olympio Pereira Filho e sobre a livraria-editora, considerando a imagem que deles se forma nos textos jornalísticos do século XX, estaremos a todo tempo relacionando as noções de linguagem e memória. A linguagem, na perspectiva abordada nessa pesquisa, é concebida “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2009, p. 15).

Podemos afirmar, então, que é através da linguagem que o homem estabelece relações, significando a si próprio e o meio em que vive e assim, seus limites e sua história.

Apresentamos essas considerações com o intuito de evidenciar que tanto o arquivo, a memória e, fundamentalmente, a linguagem sofrem transformações dependendo do contexto sócio-histórico em que estão estabelecidos e das correntes ideológicas em que estão inscritos. No caso específico de arquivo, veremos a seguir que o conceito é definido a partir de lugares distintos. Mas o mais interessante é mostrar que são os gestos de interpretação os responsáveis para o entendimento do mundo simbólico e político.

A seguir, abordaremos os arquivos que estão envolvidos nesta dissertação, ou seja, o institucional; o gerado a partir dos textos jornalísticos; e o arquivo analítico.

1. 1. O arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora

O arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora pode nos ajudar a conhecer parte da história e da memória da produção editorial brasileira durante o século XX. Traçamos a seguir algumas considerações sobre sua própria natureza e apresentando outra questão relativa aos lugares de memória.

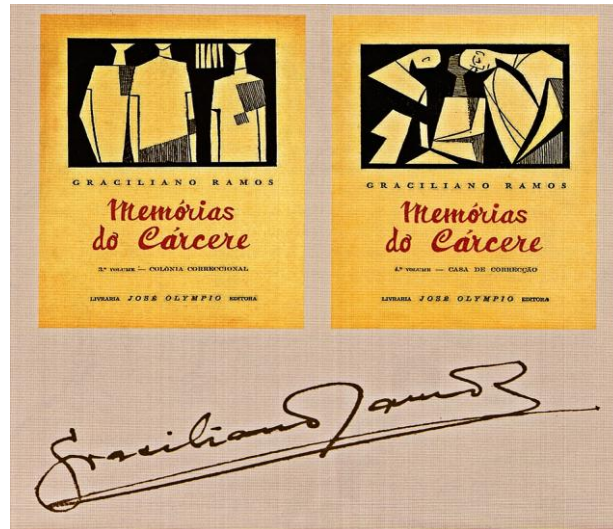


Imagem n. 3 - Capa de Santa Rosa para *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Retirada da obra José Olympio: o editor e sua Casa organizada pelo editor Mário Pereira (2008, p. 105).

O arquivo contém ainda vasto material fotográfico, inúmeros periódicos e um exemplar de todos os livros publicados pela editora, cerca de 6.000 mil títulos, inclusive o primeiro, *Conhece-te pela psicanálise*, do americano J. Ralph, de 1932.

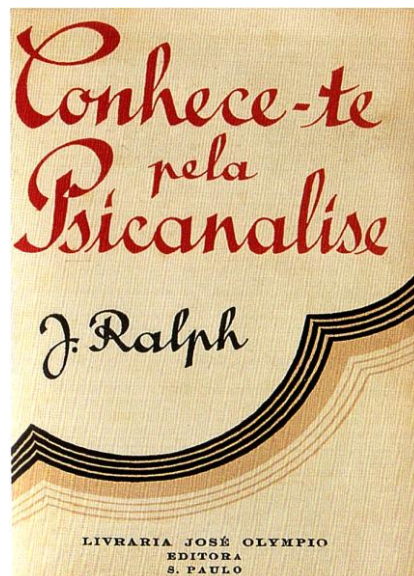


Imagem n. 4 – Capa do livro *Conhece-te pela psicanálise*. Arquivo da Livraria José Olympio Editora.



Imagem n. 5 – **Ciro dos Anjos, Guimarães Rosa, José Olympio, Luis Jardim, Thiago de Mello e Mário Palmério no escritório do editor. Década de 1950. Arquivo da Livraria José Olympio Editora**

O arquivo da José Olympio foi organizado e cuidado por Altamir Calmon que dizia trabalhar pela memória dos Pereiras, a família de José Olympio. Calmon, “inventariava, rotulava, classificava, transmitia a crença nas propriedades identitárias do acervo” (SORÁ, 2010, p. 22).

Quando em 1964, a empresa pôde comprar e construir um prédio de cinco andares no bairro de Botafogo (RJ), toda essa massa documental foi instalada no quarto andar do prédio. Ali, os

dois flancos estavam cobertos pela biblioteca, que continha os volumes encadernados, numerados e ordenados cronologicamente de todas as edições e reedições que o selo publicou desde sua origem. A outra das laterais dava lugar ao arquivo. A mesa, a biblioteca e o arquivo formavam o cenário das fotografias do conselho, um entorno que formalizava a imagem do poder da empresa cultural (SORÁ, 2010, p. 22).

Mais tarde, quando se efetivou a compra da Livraria José Olympio pelo empresário Sérgio Henrique Gregori, em 16 de abril de 1984, num leilão na Bolsa de Valores (VILLAÇA, 2001, p. 269), a sala onde se encontrava o arquivo da Livraria foi subdividida para dar lugar a salas de aulas de um curso de inglês para executivos. O arquivo, em consequência, foi despejado para o subsolo (SORÁ, 2010, p. 22). Posteriormente, esse arquivo foi parar num depósito, situado no bairro da Penha, subúrbio carioca, mais exatamente, à Rua Belisário, número 510 (SORÁ, 2010, p. 17).

Nesse depósito, o arquivo permaneceu até outubro de 2006, quando foi doado à Fundação Biblioteca Nacional por iniciativa da família Gregori, em parceria com Geraldo Jordão Pereira, filho do editor José Olympio.

Chegaram à Fundação Biblioteca Nacional onze arquivos metálicos, cada um com quatro gavetas, com várias pastas suspensas contendo provas de originais, correspondências, impressos de divulgação, ilustrações, livros, fotografias, recortes de jornais e revistas etc. O arquivo inclui ainda, documentos de natureza eminentemente pessoal, como diplomas, certidões, títulos honoríficos, documentos médicos, escrituras e anotações pessoais de José Olympio.

Todo esse material, após a entrada na Fundação Biblioteca Nacional, é submetido ao tratamento técnico, sendo assim ressignificado naquela instituição por uma equipe de funcionários e estagiários que irá providenciar séries arquivísticas, indexação, inventários, índices etc. Nessa perspectiva o arquivo passa a ser parte da instituição que o organiza, priorizando a guarda, a conservação e o acesso a documentação a partir de critérios institucionais preestabelecidos. E a constituição dos arquivos nesses casos

Com suas técnicas de marcar, identificar, classificar, catalogar, comparar, ordenar, reunir e separar documentos – se encontra vinculada à regulação administrativa, jurídica, econômica e política do funcionamento sociocultural de uma formação social, em dado momento histórico, aos momentos de maior ou menor democratização do Estado. Ou seja, a maior ou menor intensidade no gesto de controle e organização dos arquivos funciona em consonância com o funcionamento do Estado em busca de regularizações na gestão da memória histórica. O arquivo engessa a memória, nesse sentido (MARIANI, 2010, p. 85).

A produção de instrumentos que visam facilitar a organização, a reformulação e a acessibilidade à informação tem na sua essência a ilusão da completude e da transparência, como se esses procedimentos permitissem a totalização de um arquivo e de uma memória, isto é, um arquivo sem falhas e sem faltas (MARIANI, 2010, p. 2).

Trazendo esse arquivo para o campo da memória, será que podemos entendê-lo como um *lugar de memória*, na concepção de Pierre Nora? Para o autor, lugares de memória

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de

uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança “(NORA, 1993, p. 73).

O conceito de lugares de memória procura responder ao problema da perda das identidades nacionais e comunitárias – instrumentalizadas pelos meios de memória – que garantem a conservação e a transmissão de valores, e que denomina meios de memória. É preciso criar lugares de memória para que a memória seja ancorada, para compensar a perda dos meios tradicionais de memória, numa tentativa de reparar este dano. Subentende-se aqui o lamento pelo esfacelamento das tradições, assim como a crença de que devemos contrabalançar essa perda de algum modo.

Talvez agora possamos responder a pergunta sobre *lugares de memória*. O arquivo da Livraria José Olympio doado à Fundação Biblioteca Nacional possibilitará que a materialidade documental da memória, assim como a história da livraria, possa ser ressignificada, preservada e possa tornar-se fonte de pesquisa para pesquisadores.

Após o tratamento técnico do acervo, que inclui a descrição dos documentos, os arranjos das séries arquivísticas e a inserção na base de dados, esse arquivo poderá contribuir significativamente para a história cultural brasileira, e poderá ainda ter seu alcance ampliado se conectado a outros lugares de memória, como centros de pesquisas, bibliotecas, arquivos e museus.

Para Huyssen (2000), no entanto, a memória contemporânea não deve ser entendida apenas por seu papel compensatório. Em crítica direta a Pierre Nora, o autor de *Seduzidos pela Memória* afirma que:

é preciso abandonar o discurso conservador da perda e aceitar o deslocamento fundamental nas estruturas de sentimentos, experiência e percepção que caracterizam o presente. É necessário lembrar que, na contemporaneidade, a própria memória se espetaculariza e se torna objeto da sociedade de consumo (HUYSSSEN apud BARBOSA, 2007, p. 42).

É também na sociedade de consumo que discursos jornalísticos podem ser considerados como instauradores de sentidos. Por isso, é necessário que seja realizada uma leitura crítica, isto é, uma leitura que “possa entrar na teia da produção dos sentidos para perceber quais as tendências dominantes” que são tratadas no discurso, observando de que modo ele vem estabelecendo os efeitos de verdade. (MARIANI, 1999a, p. 103).

Para essa tarefa, ou melhor, para que sejam desnaturalizados os sentidos produzidos nos discursos sobre José Olympio Pereira Filho e sobre a livraria-editora, organizamos um

arquivo de textos jornalísticos redigidos por escritores editados pela José Olympio. Esses textos jornalísticos, recortados do arquivo institucional da livraria-editora, formam o arquivo de pesquisa desta dissertação.

1. 2. Textos jornalísticos: um recorte do arquivo institucional

Como acabamos de explicitar, organizamos nosso arquivo, não como repertório de informações, mas como objeto de pesquisa tendo como ponto de partida o arquivo institucional da livraria-editora, isto é, utilizamos crônicas, reportagens e cartas, parte integrante do arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora, para compor o nosso arquivo de pesquisa. No terceiro capítulo, expomos detalhadamente a constituição desse arquivo.

Nesse processo de construção do arquivo de pesquisa, constatamos que a maioria das crônicas, das reportagens e das cartas existentes no arquivo da José Olympio, e que abordam o editor como tema central, foram redigidas por escritores que se filiaram de alguma maneira à Livraria José Olympio Editora. Esses autores expressam nesses textos opiniões, sentimentos e demonstram a maneira como foi a relação entre editor-escritor. Os textos abordam datas comemorativas e narram experiências vividas no cotidiano de editados e do editor José Olympio e relatam acontecimentos ocorridos no mundo das letras.

Dependendo da intencionalidade do enunciador, alguns sentidos sobre o editor são privilegiados em detrimento de outros. E nesse jogo de sentidos, percebemos que discursivamente uma imagem de José Olympio era construída. Deparamo-nos, então, com a necessidade de desatar o efeito da evidência dos sentidos, isto é, “compreender como a matéria textual produz sentidos” (ORLANDI, 1998, p. 55).

Então, nesses textos² formadores do nosso arquivo de pesquisa buscamos pistas que irão conduzir a nossa investigação, procurando elementos indicadores, marcas linguísticas, que nos auxiliassem na percepção das redes de sentidos e significações na relação da língua com a história. Para se chegar ao sentido, é necessário considerar o contexto no qual ele se insere, isto é, as condições de produção do discurso.

² Texto aqui entendido como uma “unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte” (ORLANDI, 1998, p. 63).

1. 3. Arquivo na perspectiva discursiva

Como visto anteriormente, arquivo pode ser também definido pela sua relação com quem o desenvolve ou com a instituição que o organiza, guarda e disponibiliza. O arquivo poderia ser entendido dessa forma, como a montagem, a organização e recuperação de documentos, como é o caso do arquivo da Livraria José Olympio depositado na Fundação Biblioteca Nacional. Nessa abordagem, o arquivo é o lugar onde muitos documentos se cruzariam, agregando várias materialidades físicas como, fotografias, correspondências, objetos em geral, etc.

Já a organização de um arquivo na perspectiva discursiva, de acordo com Orlandi (1998), é o resultado de gestos de interpretação.

Esses gestos, por sua vez, não se dão no vazio. A noção de arquivo é aqui esclarecedora. O arquivo, ou o discurso textual, diz Pêcheux (1980), é o campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão. Há gestos de leitura que constroem o arquivo, que dão acesso aos documentos e que dão o modo de apreendê-los nas práticas silenciosas da leitura “espontânea”. Essas leituras são organizadas e elas dispõem sobre a relação do literal e do interpretativo (ORLANDI, 1998, p. 95).

Entendemos, então, que podemos tratar arquivo não simplesmente como um elemento físico e material, mas discursivamente. Na perspectiva discursiva, os sujeitos estão condenados a interpretar, pois, diante de quaisquer objetos simbólicos, o sujeito tem a necessidade de “dar sentido” (ORLANDI, 1998, p.64).

Para analisarmos os efeitos de sentidos nos discursos sobre o editor José Olympio e sobre a editora, articulamos a noção de “arquivo”, de acordo com as concepções de Eni Orlandi (1998).

De acordo com Orlandi (1998), a noção de gesto, na perspectiva discursiva, “serve para deslocar a noção de ‘ato’ da perspectiva pragmática; sem, no entanto, desconsiderá-la”. Assim ainda de acordo com a autora, “o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é 'materializada' pela história” (ORLANDI, 1998, p. 18).

O arquivo ficará, assim, entendido, ele mesmo, como um espaço de intercâmbio: lugar onde se entrecruzam os sentidos, o eu e o outro, dizendo de outro modo, um conjunto de dizeres retomados do e no interdiscurso.

Os sentidos produzidos nos discursos, na concepção da Análise do Discurso, não são fixos, dependem dos lugares ocupados pelos sujeitos no processo de interlocução. Podemos, então, constatar que um mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes dependendo do lugar socioideológico que foi empregado pelo sujeito. Discurso, então, está ligado à ideia de “(...) movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] procura-se compreender a língua fazendo sentido (...)” (ORLANDI, 2009, p. 15).

A seguir, então, passaremos para o segundo capítulo onde faremos reflexões teóricas acerca da Análise do Discurso Francesa, referencial teórico-metodológico utilizado para essa pesquisa.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DO DISCURSO: REFLEXÕES TEÓRICAS

Não há coisa alguma que persista em todo o Universo. Tudo flui, e tudo só apresenta uma imagem passageira. O próprio tempo passa com um movimento contínuo, como um rio... O que foi antes já não é, o que não tinha sido é, e todo instante é uma coisa nova. Vês a noite, próxima do fim, caminhar para o dia, e à claridade do dia suceder a escuridão da noite... Não Vês as estações do ano se sucederem, imitando as idades de nossa vida? Com efeito, a primavera, quando surge, é semelhante à criança nova... a planta nova, pouco vigorosa, rebenta em brotos e enche de esperança o agricultor. Tudo floresce. O fértil campo resplandece com o colorido das flores, mas ainda falta vigor às folhas.

Entra, então, a quadra mais forte e vigorosa, o verão: é a robusta mocidade, fecunda e ardente. Chega, por sua vez, o outono: passou o fervor da mocidade, é a quadra da maturidade, o meio-termo entre o jovem e o velho; as temporadas embranquecem. Vem, depois, o tristonho inverno: é o velho trôpego, cujos cabelos ou caíram como as folhas das árvores, ou, os que restaram, estão brancos como a neve dos caminhos. Também nossos corpos mudam sempre e sem descanso... E também a natureza não descansa e, renovadora, encontra outras formas das coisas. Nada morre no vasto mundo, mas tudo assume aspectos novos e variados...

todos os seres têm sua origem noutros seres. Existe uma ave a que os fenícios dão o nome de fênix. Não se alimenta de grãos ou ervas, mas das lágrimas do incenso e do suco da amônia.

Quando completa cinco séculos de vida, constrói um ninho no alto de uma grande palmeira, feito de folhas de canela, do aromático nardo e da mirra avermelhada. Ali se acomoda e termina a vida entre perfumes. De suas cinzas, renasce uma pequena fênix, que viverá outros cinco séculos... Assim também é a natureza e tudo o que nela existe e persiste.

Metamorfoses³
Ovídio

No capítulo anterior, apresentamos alguns modos de abordar as noções de arquivo e memória. Nossa intenção foi mostrar que esses conceitos têm uma história e são criados a partir de contingências sociais e culturais. Essas contingências proporcionaram as diferentes constituições dos arquivos com os quais esta pesquisa está envolvida.

Neste capítulo, propomos uma reflexão acerca da Análise do Discurso (AD), arcabouço teórico sobre o qual essa pesquisa se assenta.

³ Fonte: CHAUI, Marilena. Convite á filosofia. 13ª edição; São Paulo; Ática; 2006, p.31.

Análise do Discurso (AD) surge na década de 1960, na França. Nessa ocasião, o mundo ocidental encontrava-se assolado por acontecimentos políticos e sociais marcados por grande efervescência no campo das ideias, sobretudo na área das Ciências Sociais. Michel Pêcheux (1938-1983), com o mérito reconhecido de ser o fundador da Análise do Discurso, viveu intensamente esse clima de utopias.

Pêcheux propôs “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (ORLANDI, 1990, p.7).

A proposta do filósofo é de rompimento com a concepção tradicional da “língua enquanto sistema de regras formais [ou] como normas de bem dizer” (ORLANDI, 2009, p. 15). Pêcheux constitui a Análise do Discurso “como modo de se poder pensar o histórico e o político como próprios do processo de significação do dizer” (GUIMARÃES, 2001, p. 3).

A Análise do Discurso de escola francesa se apresenta como uma teoria crítica que defende a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade. Esta é entendida não como algo fora da linguagem, mas como condição de produção do discurso. Essa exterioridade está intimamente ligada ao principal objetivo da Análise do Discurso: “compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos, na perspectiva de uma semântica de cunho materialista” (MARIANI, 1998, p. 23).

Esse posicionamento em relação à linguagem, que conjuga língua e história, leva Michel Pêcheux a propor uma articulação entre três regiões do saber: Marxismo, Linguística e Psicanálise. Esta é a razão pela qual Eni Orlandi (ORLANDI, 2006a, p. 14) designou a Análise do Discurso *como sendo uma disciplina de entremeio*. A pesquisadora explica ainda que com a

linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade; o homem faz a história, mas ela não é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. São pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber (ORLANDI, 2006a, p. 13).

A Análise do Discurso não trabalha a língua enquanto um sistema abstrato, tal como propôs o linguista genebrino Ferdinand Saussure, no início do século XX. Saussure atribui à língua o estatuto de objeto dos estudos linguísticos, excluindo a fala desse campo. A língua se opõe à fala, sendo a primeira sistêmica e objetiva e a segunda concreta, variável de acordo com cada falante e, por isso, subjetiva.

A língua, na perspectiva da Análise do Discurso, ao contrário da proposição de Saussure, é considerada em sua relação com o mundo, com maneiras de significar, levando em conta a produção de sentidos na relação constitutiva com o sócio-histórico. E dessa forma, a linguagem é concebida como mediação primordial entre o homem e a realidade natural e social. E essa mediação é o discurso (ORLANDI, 2009, p.15).

Conforme explicita Orlandi (2009, p. 20-21), a noção de discurso, na perspectiva da Análise do Discurso, se distancia do esquema elementar da comunicação que se constitui apenas de emissor, receptor, código, referente e mensagem; tampouco segue uma sequência em que o primeiro fala e o outro, logo após, decodifica a mensagem. Podemos dizer que o funcionamento do discurso existe na relação entre sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, resultando num complexo processo de produção de sentidos e não apenas transmissão de informação. Por isso, a Análise do Discurso propõe uma definição para discurso: “efeito de sentidos entre interlocutores”.

Os sentidos não estão nas palavras e nem emanam dos sujeitos, “são produzidos no momento em que se dão os atos verbais e estes materializam uma relação com o momento histórico – seja o atual, seja no fio vindo do passado – e com lugar social ocupado pelos interlocutores durante a interação verbal” (MARIANI, 1999a, p. 108).

Por isso, na Análise do Discurso, não se trabalha como na Linguística, “com a língua fechada nela mesma mas com o discurso, que é o objeto sócio-histórico” (ORLANDI, 2008, p. 16). A palavra discurso, originária do latim *discurrere* – que por sua vez vem do próprio latim *currere* – significa discorrer, expor, atravessar. Observando mais atentamente, vemos que essas definições sugerem ideia de movimento contínuo, processo sempre em curso e, por isso, inacabado.

Deslocando a noção de língua como transmissão de informações, procura-se compreender, no funcionamento discursivo, a língua não só como estrutura, mas, principalmente, como acontecimento. Por isso, Pêcheux (2008) diz que o acontecimento discursivo é aquele que se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PECHÊUX, 2008, p. 17).

Uma vez que o discurso é entendido na relação sujeito-história-língua, torna-se necessário relacioná-lo às condições de produção para compreender-se de que maneira as palavras fazem sentidos. Para isso, procura-se verificar no discurso

a presença do histórico – entendido aqui não como cronologia ou evolução, mas sim como historicidade, ie, produção simbólica ininterrupta que na linguagem organiza sentidos para as relações de poder presentes em uma

formação social, produção esta sempre afetada pela memória do dizer e sempre sujeita à possibilidade de rupturas no dizer – como um dos elementos constitutivos dos processos sociais e, por conseguinte, constitutivo da materialidade lingüística (MARIANI, 1998, p. 24).

Nessa teoria do discurso o termo histórico nada tem a ver com o tempo cronológico. O que está em questão é a historicidade determinada pela ideologia, pela materialidade sócio-histórica (ORLANDI, 2006b, p. 151). A discursividade remete à historicidade, que não é a história dos sentidos, mas os sentidos na história

Nas seções seguintes, abordaremos os conceitos fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa: condições de produção, memória discursiva e interdiscurso, sujeito e formação discursiva.

2. 1. Condições de Produção

Os sujeitos e a situação estão incluídos nas condições de produção do discurso. A situação do discurso pode ser pensada em dois sentidos: estrito e lato. O sentido estrito compreende as circunstâncias da enunciação, “o aqui e agora do dizer”, é o contexto imediato. De outra maneira, o sentido lato, amplo, diz respeito ao contexto sócio-histórico, ideológico do discurso, isto é, o contexto que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos institucionalizados pela nossa sociedade (ORLANDI, 2006a, p. 15).

Conforme explica Orlandi (2006a, p. 15), não podemos separar os contextos imediato e amplo, porque na prática discursiva eles acontecem simultaneamente. A pesquisadora explica esses dois contextos a partir de um exemplo dado em uma situação de sala de aula. As circunstâncias da enunciação, o contexto da sala com o professor e os alunos estão relacionados com o contexto imediato, estrito. Por outro lado, o contexto amplo compreende “o fato de que em uma sociedade como a nossa o saber é distribuído por uma rede institucional, hierarquizada em que o saber relaciona-se ao poder” (ORLANDI, 2006^a, p. 15). Fazem parte ainda das condições de produção dos discursos a memória discursiva e o interdiscurso, como veremos mais adiante.

No âmbito desta pesquisa, consideramos que o contexto restrito abrange as circunstâncias dos relatos dos personagens envolvidos nos textos jornalísticos sobre José Olympio e sobre a editora. O contexto amplo envolve a situação sociopolítica, cultural e institucional em que emergiram os sentidos construídos

2. 2. Memória Discursiva

O conceito de memória discursiva é uma das noções propostas por Michel Pêcheux (1999, p. 52). Ele aponta que

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, P. 52).

Todo enunciado sustenta-se nos pré-construídos que habitam o imaginário social. Segundo Pêcheux (1988, p. 88), “o pré-construído é uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado”.

Para Eni Orlandi a memória, também quando pensada discursivamente, tem características específicas. Ela é trabalhada pela noção de interdiscurso: “algo fala antes, em outro lugar e independente. [...] É o já dito que constitui todo dizer” (ORLANDI, 2006 b, p. 21). A memória articulada a partir do interdiscurso é denominada de memória discursiva. Os saberes discursivos que tornam possível todo dizer não se perdem nem tampouco se apagam para sempre. Na verdade, eles colaboram com o leitor na construção dos sentidos daquilo que ele lê sobre determinado tema.

Orlandi (2006 a) afirma que há uma particularidade que define a memória discursiva:

“trata-se do fato que quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer. Mas, são formulações já feitas e esquecidas. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento” (ORLANDI, 2006 a, p. 21).

No caso dos discursos sobre José Olympio Pereira Filho os sentidos produzidos pelos interlocutores, em diversos lugares, em diferentes momentos sócio-históricos, estão de certa maneira significando nos textos jornalísticos que abordam a representação do editor. E esses já ditos “sustentam a possibilidade mesma de todo dizer” (ORLANDI, 2009, p. 32).

2. 3. Sujeito

O sujeito na Análise do Discurso não é compreendido como indivíduo que tem existência no mundo, um ser humano individualizado. Entretanto, não se nega a real existência dos sujeitos em sociedade. Também não é o sujeito conhecido como o *sujeito*

cartesiano ou *sujeito da ciência*, como foi moldado na filosofia de René Descartes, no século XVII. O sujeito, na Análise do Discurso, é essencialmente histórico, pois ele fala a partir de um determinado tempo e lugar. A voz desse sujeito revela o lugar social e também um conjunto de outras vozes integradas na história e no social. É um sujeito inserido em “uma conjuntura sócio-histórico-ideológica” (FERNANDES, 2008, p. 21).

O lugar social no discurso é dirigido por regras sem autoria que definem o que pode e deve ser dito. A partir desse lugar social é que o discurso vai ganhar efetivamente sentido. Fernandes (2008, p. 24) esclarece que caso um discurso seja pronunciado em outra situação que remeta a outras condições de produção, seu sentido corre o risco de ser outro. Na medida em que retiramos fragmentos de um discurso e inserimos em outro discurso, fazemos uma transposição de suas condições de produção. Mudadas as condições de produção, a significação desses fragmentos ganha nova configuração semântica.

Na perspectiva discursiva, o indivíduo precisa ser interpelado em sujeito, pela ideologia, para que a língua faça sentido. E para que a língua faça sentido, o trabalho ideológico se dá no confronto entre o simbólico e o político. Existe uma relação direta com o imaginário que permite a projeção social no discurso. Quando falamos, por exemplo, no livreiro-editor José Olympio, falamos a partir das “imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2009, p. 40). Quanto à face política, é a disputa pelo sentido que revela as relações de poder nas práticas discursivas.

O assujeitamento pela ideologia produz dois tipos de esquecimento: o número dois, também chamado de esquecimento enunciativo, que é da ordem da enunciação e cria a ilusão do falar livremente. Essa ilusão denominada referencial nos faz acreditar “que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim” (ORLANDI, 2009, p. 35). O outro esquecimento, o número um, é chamado de ideológico. Ele é da instância do inconsciente e pré-existe em relação ao sujeito. “Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significam apenas e exatamente o que queremos” (ORLANDI, 2009, p. 35).

2. 4. Formação Discursiva

As formações discursivas foram, primeiramente, definidas como “aquilo que pode e deve ser dito, articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um

programa etc., a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada” (MARIANI (1998), HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971).

Atualizando o conceito nas perspectivas da Análise do Discurso, Pêcheux & Fuchs (1990) afirmam que a formação discursiva está intimamente relacionada com a formação ideológica. Esse entendimento do teórico da linguagem é decorrente da leitura que fez do *Aparelho Ideológico do Estado*, de L. Althusser para quem “a ideologia exprime sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, jurídica, política) posições de classe” (p. 23). Pêcheux e Fuchs, citados por Mariani (1998, p. 31) acrescentam à conceituação de formação discursiva:

É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja ‘dotada de sentido’ que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto para este último, pela ilusão de estar na fonte do sentido, sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente” (PÊCHEUX E FUCHS, 1990, p. 169 apud MARIANI, 1998, p. 31)

Por isso, podemos dizer que os sentidos não estão nas palavras em si, isto é, numa relação transparente com a literalidade, mas são determinados “pelos posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas” (ORLANDI, 2006b, p. 17). É através da ideologia que se dá o processo de identificação entre o sujeito e o sentido na formação discursiva. O sujeito na Análise do Discurso não é responsável pelos sentidos que enuncia, pois a formação discursiva em que está inserido determina essas construções.

Para melhor esclarecer o conceito, citamos Orlandi (2009), que afirma que “as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (p. 43).

Como as palavras só adquirem sentido em virtude da posição ideológica ocupada, os enunciados e seus efeitos de sentido estão relacionados com as formações discursivas de que fazem parte. Nesse sentido é que todo sujeito, ao enunciar, está falando a partir de uma formação discursiva que o constitui, ou seja, marcando uma posição-sujeito de acordo com a ideologia pela qual é interpelado.

No entanto, como visto anteriormente, os sentidos não nascem das palavras e sim de outros sentidos que apontam “para alguma direção: os sentidos migram entre as regiões constitutivas das FDs” (MARIANI, 1998, p. 32).

As fronteiras das formações discursivas, ainda segundo Mariani (1998, p. 32), “estão em permanente processo de estabilização/desestabilização” e é nessa tensão que acontece a produção de sentidos, na relação entre o mesmo e o diferente.

No próximo e último capítulo, apresentaremos análises das estratégias discursivas empregadas por escritores na construção discursiva da imagem do editor José Olympio e da livraria-editora.

CAPÍTULO 3
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE
JOSÉ OLYMPIO E SUA CASA

José

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 e agora, você?
 você que é sem nome,
 que zomba dos outros,
 você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

Está sem mulher,
 está sem discurso,
 está sem carinho,
 já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,
 a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 Sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,
 sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio - e agora?
 (...)

Carlos Drummond de Andrade

O poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado *José*, escrito em 1942, refere-se aos milhares de Josés que no percurso da vida quase sempre caem no anonimato por não serem sequer notados nos espaços sociais. Mas o José abordado nesta dissertação, ao

contrário, ganhou visibilidade, principalmente na mídia impressa, durante vários momentos do século XX quando esteve no comando da Livraria José Olympio Editora. Contudo, ainda nos dias de hoje, continuam as celebrações em memória do editor. Seminários, exposições, biografias publicadas reforçam a memória de José Olympio e de sua Casa. Por que eles não saem de cena?

Hallewell (2006) afirma que a literatura brasileira somente teria impacto no grande público com a crise econômica global de 1929. Ainda segundo o autor, foi José Olympio o editor responsável pela “comercialização e popularização efetiva em escala nacional” dos romances brasileiros publicados no período (HALLEWELL, 2006, p. 13).

Várias gerações, explica Villaça (2001, p. 40), desfilaram pela Livraria José Olympio Editora. Vivaldo Coaracy, vindo de Paquetá, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz e “homens os mais opostos ali estiveram.”

A escritora Raquel de Queiroz, na apresentação do livro *José Olympio: o descobridor de escritores*, de Villaça (2001, p. 9), diz que o editor José Olympio “preencheu, melhor que nenhum outro, essa função [de ser editor]. Os seus editados viravam seus amigos tão íntimos como só irmãos o seriam.”

Wilson Martins, em artigo publicado no Jornal do Brasil, de 16 de agosto de 2008, diz que José Olympio “era o homem certo, no lugar certo e na hora exata: assim se iniciava a carreira extraordinária que o transformaria em vulto epônimo da edição, mas também da literatura brasileira no século 20.”

Analisar a memória da Livraria José Olympio Editora e do editor J.O. a partir dos textos jornalísticos publicados pela imprensa brasileira do século XX e redigidos por escritores editados pela livraria-editora irá possibilitar a compreensão do processo de construção de sentidos sobre acontecimentos vividos pessoalmente pelo editor José Olympio e pela coletividade à qual ele pertenceu.

Alguns acontecimentos do cotidiano inscritos no discurso jornalístico podem ganhar visibilidade e conquistar espaços públicos. O discurso jornalístico, ao construir sentidos sobre os acontecimentos, coloca em evidência “interpretações do mosaico que constitui historicamente uma formação social”; entretanto, não é “do mosaico inteiro que se fala, apenas de sua parte hegemônica, i. e., da parte que se impõe a ler” (MARIANI, 1999a, p. 105).

Como vimos no capítulo anterior, a linguagem na perspectiva da Análise do Discurso não funciona como um simples instrumento de comunicação e transmissão de informação; ela funciona, sim, como mediação “entre o homem e a realidade natural e social” na sua

opacidade (ORLANDI, 2009, p. 15). A intenção não é procurar, na interpretação dos fatos, o sentido verdadeiro; tampouco tomar o texto como documento, como na clássica Análise de Conteúdo, mas procurar o “real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2009, p. 59).

Caberá, então, ao analista do discurso se colocar numa posição deslocada diante do discurso e com isso, questionar, interpretando, o processo de produção de sentidos em suas condições de produção. Mas, nesse processo, o analista põe em causa suas próprias fontes e conhecimento acerca dos acontecimentos históricos e discursivos, pois entende que aquilo que vê e se torna produto de sua análise é, também, resultado de sua construção interpretativa. Por isso, a interpretação aparece em dois momentos da análise, conforme explica Orlandi (2009, p. 60):

- a. Primeiro é necessário considerar que o sujeito que fala interpreta e o analista precisa descrever esse gesto de interpretação do sujeito que irá constituir-se no sentido a ser analisado;
- b. Segundo é preciso compreender que não pode existir descrição sem interpretação, por conseguinte, o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso, se faz necessário um dispositivo teórico, sem o qual não seria possível a relação do analista com os objetos simbólicos e com o político.

Como explicitado na introdução desta dissertação, nossa proposta é investigar a produção de sentidos nos discursos sobre José Olympio Pereira Filho e a sua Casa que contribuíram para a formação da imagem de ambos na memória social.

Convém lembrar que, de acordo com o conceito sociológico de Maurice Halbwachs (2006), a memória não é somente um fenômeno individual; ela é, sobretudo, uma construção social e coletiva. Assim sendo, a construção da memória só pode ser formada no interior do grupo, vinculada a um processo de negociação entre as muitas memórias individuais.

Pollak (1992), a partir do diálogo com as ideias de Maurice Halbwachs, entende a memória como um fenômeno construído: os modos de construção podem ser conscientes ou inconscientes. Além disso, a memória é caracterizada pelo autor como um elemento constituinte do sentimento de identidade, individual ou coletiva, na medida em que ela garante o efeito de continuidade de um indivíduo ou de um grupo. Para o autor (1992)

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 5).

A memória é também constituída pelas disputas e jogos de poder, onde grupos sociais tomam para si determinados acontecimentos e tentam construir uma memória estruturada e legitimada. Inseridos nesta concepção, estão os textos jornalísticos redigidos por escritores que abordam José Olympio e a livraria-editora como tema e que foram selecionados para a construção do arquivo de pesquisa desta dissertação. Nessa materialidade, já estarão determinados quais os sentidos que se tornarão hegemônicos, dependendo do posicionamento e da intencionalidade de quem enuncia. Nesse processo, a memória é seletiva. Por algum motivo, os indivíduos conservam aquilo que na formação social vigente foi relevante. As comemorações em torno da figura de José Olympio e de sua Casa podem expressar estratégias de controle do passado para poder dirigir o presente.

Neste capítulo temos como objetivo apresentar análises das estratégias empregadas por escritores na construção discursiva da imagem do editor e da livraria-editora. A análise proposta tem a intenção de compreender os sentidos produzidos (e repercutidos) por esses discursos no funcionamento das práticas exercidas entre os espaços literário e político, durante o período em que José Olympio esteve no comando como editor da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, entre o período de 1934 a 1990.

Nossa investigação irá se dividir em dois momentos. Em um primeiro momento, discutimos aspectos gerais da constituição do arquivo de pesquisa, de natureza heterogênea e com temporalidade distinta, constituído de: a) dezesseis crônicas; b) duas reportagens; c) duas cartas. Esses textos, como já dito anteriormente, foram redigidos por escritores editados pela Livraria José Olympio Editora, por ocasião de datas comemorativas relacionadas ao editor e à editora. No segundo momento, analisamos a produção de sentidos sobre a construção discursiva da imagem do editor e da livraria-editora emergente dessa materialidade que contribuiu para a inscrição de ambos na memória social brasileira.

3.1 O arquivo da pesquisa

A constituição do arquivo de pesquisa desta dissertação foi inicialmente pensada a partir do arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora doado à Fundação Biblioteca Nacional.

O arquivo institucional da Livraria José Olympio Editora, como já mencionado, é constituído de diferentes tipos de documentos como: projetos gráficos, fotografias, manuscritos, revistas e inúmeros recortes de jornais. Dentre os recortes de jornais e revistas copiosos são os que abordam lançamentos de livros editados pela José Olympio, eventos festivos relacionados ao editor e à livraria-editora, uma variedade significativa de artigos, reportagens e crônicas de autores brasileiros discorrendo sobre a vida de José Olympio e da José Olympio.

Dentre toda a documentação do arquivo institucional da José Olympio, um tipo específico despertou-nos interesse para a elaboração desta pesquisa. Foram os textos jornalísticos (como crônicas, reportagens e cartas) publicados na imprensa do século XX, onde percebemos que, discursivamente, uma imagem de José Olympio e também da Livraria José Olympio era construída. Optamos, então, por selecionar os textos que tratam de datas comemorativas por entendermos que as comemorações cumprem um papel de relevo dentro dos grupos sociais, pois produzem vínculo, fabricam sentimento de pertença e elaboram identidades. Segundo a antropóloga Regina Abreu (1994, p. 225), as práticas comemorativas não são fenômenos sociais recentes e adquiriram significado importante com o rompimento e a fragmentação da memória coletiva.

Os textos selecionados tratam de acontecimentos como a fundação e o aniversário da livraria-editora e o nascimento e a morte do editor José Olympio. Foram redigidos por escritores editados pela José Olympio, como José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Rachel de Queiroz, para citar apenas três deles, e abrangem o período de 1934 a 1990, data de fundação da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro (1934), até a morte do editor, em 1990.

No processo de delimitação do *corpus* fizemos distinção entre arquivo de pesquisa e arquivo de análise. Como dito anteriormente, o arquivo de pesquisa é constituído de dezesseis crônicas, duas reportagens e duas cartas. Já o arquivo de análise constitui-se de recortes de sequências discursivas realizados a partir da materialidade discursiva selecionada para composição do arquivo de pesquisa.

Para melhor delimitar os recortes, apoiamo-nos em Orlandi (1984, p. 14), para quem “o recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação.”

Diferente dos segmentos da unidade da linguística constituída por frases ou sintagmas associados de forma linear em unidades hierárquicas, o recorte é um processo que procura destacar uma unidade de sentido enfocada pelo analista; melhor dizendo, uma unidade de sentido que se relaciona com as questões ou perguntas do dispositivo analítico escolhido.

A partir desses recortes discursivos, constituímos o nosso *corpus* de análise objetivando responder às seguintes questões: Quais sentidos emergem desses vários discursos construídos em diferentes momentos sócio-históricos sobre o editor e sobre a livraria-editora? De que maneira as relações de sentidos constituídas nesses discursos contribuíram para o delineamento e inscrição da imagem do editor e da editora na memória social brasileira?

O procedimento para análise foi estabelecido da seguinte maneira:

- (a) delimitar sequências discursivas (SDs) que possibilitem verificar, delinear e compreender as redes de sentidos, a partir dos textos sobre José Olympio e sua editora;
- (b) observar as possíveis regularidades e rupturas na construção de sentidos sobre José Olympio e a editora;
- (c) identificar as formações discursivas (FDs) predominantes a que se filiam os sentidos depreendidos.

No quadro a seguir, encontra-se a relação dos textos jornalísticos (crônicas, reportagens e cartas) que integram o arquivo de pesquisa de onde foram recortadas as sequências discursivas para a realização da análise desta dissertação. O quadro contempla o escritor autor do texto jornalístico, o jornal onde foram publicados esses textos, a data da publicação e o acontecimento comemorado. O nosso recorte temporal compreende o período de 1934 a 1990: datas entre a fundação da Livraria José Olympio no Rio de Janeiro e a morte do editor José Olympio.

A maneira de organização do quadro com o arquivo de pesquisa justifica-se na medida em que esclarece, em parte, as condições de produção dos discursos que determinam sentidos e sujeitos.

Quadro 1 – Material Jornalístico selecionado para constituir o arquivo de análise – período de 1934 a 1990

Título da Matéria	Periódico	Autor	Data	Comemoração	Anexo e página
1) <i>Uma nova casa editora no Rio</i> ⁴ (reportagem)	O Jornal (RJ)	O Jornal (RJ)	04/07/1934	Inauguração da José Olympio no Rio de Janeiro	Anexo 1 p. 90
2) <i>A vitória de um bandeirante</i>	Diário Carioca (RJ)	Humberto de Campos	03/07/1934	Inauguração da José Olympio no Rio de Janeiro	Anexo 2 p. 93
3) <i>3 DE JULHO: Uma data do livro brasileiro</i>	Biblioteca no Ar	Genolino Amado	03/07/1942	8º aniversário da José Olympio no RJ	Anexo 3 p. 94
4) <i>A Livraria José Olympio</i> ⁵	-	Graciliano Ramos	1942	8º aniversário da José Olympio no RJ	Anexo 4 p. 97
5) <i>O meu amigo José Olympio</i>	O Globo (RJ)	José Lins do Rego	11/12/1952	50º Aniversário do editor J.O.	Anexo 5 p. 98

⁴ Reprodução feita a partir da obra *Rua do Ouvidor 110*, de Lucila Soares, p. 180-183. No acervo da Livraria José Olympio Editora, localizado na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, encontra-se um exemplar do periódico *O Jornal* com a reportagem na íntegra.

⁵ Publicado em 1942 numa plaquete comemorativa dos oito anos da Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, 110, no Rio de Janeiro. Nota retirada do livro *José Olympio: o editor e sua Casa*, organizado por José Mário Pereira, em 2008, p. 359.

Título da Matéria	Periódico	Autor	Data	Comemoração	Anexo e página
6) <i>Um editor de política</i>	Tribuna da Imprensa (RJ)	João Duarte Filho	24/01/1953	50° Aniversário do editor J.O.	Anexo 6 p. 99
7) <i>A Casa</i>	Correio da Manhã (RJ)	Carlos Drummond de Andrade	30/08/1955	Fechamento do prédio da Rua do Ouvidor, 110	Anexo 7 p. 100
8) <i>A Crônica de uma livraria</i>	Estado de Minas (MG)	MLR	06/10/1955	Fechamento do prédio da Rua do Ouvidor, 110	Anexo 08 p. 103
9) <i>25 anos de atividade Editorial</i>	O Cruzeiro (RJ)	Gilberto Freyre	16/06/1956	25° Aniversário da José Olympio	Anexo 09 p. 104
10) <i>Trinta anos de cultura e livros</i>	A Cigarra (RJ)	Rachel de Queiroz	02/1962	30° Aniversário da José Olympio	Anexo 10 p. 105
11) <i>Carta a José Olympio (carta)</i>	A Gazeta de Petrópolis (RJ)	Jorge Amado	19/02/1962	60° Aniversário do editor J.O.	Anexo 11 p. 107
12) <i>Retrato de um País e de um Povo (carta)</i>	Jornal do Brasil (RJ)	Afonso Arinos de Melo Franco	24/09/1971	150 títulos da Coleção Documentos Brasileiros	Anexo 12 p. 108

Título da Matéria	Periódico	Autor	Data	Comemoração	Anexo e página
<i>13) O que pensava A. A. Lima de J.O: o duque de Olinda</i>	Jornal do Brasil (RJ)	Tristão de Athayde	05/02/1981	50° Aniversário da José Olympio	Anexo 13 p. 109
<i>14) José Olympio</i>	Última Hora (RJ)	Adonias Filho	07/04/1981	50° Aniversário da José Olympio	Anexo 14 p. 110
<i>15) Retrato humano de um editor</i>	O Globo (RJ)	Carlos Drummond de Andrade	1981	50° Aniversário da José Olympio	Anexo 15 p. 111
<i>16) Quixote</i>	Jornal do Brasil (RJ)	Antônio Carlos Villaça	11/12/1982	80° Aniversário do editor J.O.	Anexo 16 p. 112
<i>17) José Olympio, octogenário</i>	Jornal do Brasil (RJ)	Antônio Carlos Villaça	12/1982	80° Aniversário do editor J.O.	Anexo 17 p. 113
<i>18) José Olympio: um semeador de livros (reportagem)</i>	Ele & Ela	Josué Montello	12/1982	80° Aniversário do editor J.O.	Anexo 18 p. 114
<i>19) José Olympio, o mais brasileiro dos paulistas</i>	O Globo (RJ)	Rachel de Queiroz	11/05/1990	Morte do editor J.O.	Anexo 19 p. 115
<i>20) José Olympio: O homem e a Casa</i>	Jornal do Commercio (PE)	Marcos Almir Madeira	20-21/05/1990	Morte do editor J.O.	Anexo 20 p. 117

O conjunto do material jornalístico selecionado para a constituição do arquivo de pesquisa desta dissertação é parte integrante do acervo institucional da Livraria José Olympio Editora. As crônicas selecionadas e outras várias crônicas, assim como artigos, reportagens e até algumas cartas sobre José Olympio e sobre a livraria-editora podem ser localizados na série arquivística denominada Periódicos, formada pelos técnicos responsáveis pela organização do arquivo da José Olympio, na Fundação Biblioteca Nacional.

Muitos dos recortes de jornais e revistas que compõem a série de Periódicos no arquivo institucional da José Olympio foram, um a um, cuidadosamente colados em folha de papel comum por Altamir Calmon, uma figura atrelada ao nome da Casa. Altamir inventariou, classificou e organizou todo o acervo da José Olympio, inclusive os textos jornalísticos selecionados para a realização das análises desta dissertação.

Considerando que a maior parte das nossas fontes é constituída de crônicas, achamos pertinente introduzir uma discussão sobre a crônica como um gênero do discurso jornalístico. Nesse sentido, explicitamos o conceito e o percurso histórico da crônica e, fundamentalmente, sobre como ela pode ser entendida como uma falha no discurso jornalístico, como propõe Medeiros (2004).

3.1.1 A crônica: filha do jornal e falha no discurso jornalístico

A palavra crônica tem origem grega – *chronos* - e tem significado direcionado ao sentido de tempo. Na mitologia clássica o deus Cronos, filho de Urano (céu) e de Gaia (terra), devorava todos os filhos para evitar a concretização da profecia feita pelos pais de que ele próprio seria destronado por um de seus filhos. Mas Reia, mulher de Cronos, o engana ao dar-lhe uma pedra para engolir ao invés de um filho e a profecia se realiza. Dessa traição nasce Zeus, que inicia guerra contra o pai dando-lhe uma droga que o fez vomitar todos os filhos engolidos. Destronado pelo filho, Cronos é banido do Olimpo e enviado para o Tártaro, espécie de mundo inferior. Essa posição leva Cronos a situar-se “no meio das duas eras: a que começou com Caos e a que se inaugura com Zeus” (BRUNEL, 1998, p. 200).

Assim como o mito de Cronos teve o sentido modificado ao longo da história, como mostra-nos Brunel (1998, p. 200), a crônica, como discurso jornalístico, também experimentou transformações de sentido na sua evolução durante séculos e assumiu configurações variadas.

A crônica, nos seus primórdios, tinha como propósito relatar, principalmente, acontecimentos históricos relacionados a pessoas consideradas, na sociedade da época, mais importantes, como reis, imperadores e generais. Os fatos eram narrados na ordem em que ocorriam. Nas palavras de Massaud Moisés, a crônica

designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los (MOISÉS, 2003, p. 101).

A forma vai sofrer alteração quando, em Portugal, o rei D. Duarte nomeia o arquivista Fernão Lopes como cronista-mor do Reino e o incumbe de registrar profissionalmente os feitos dos reis de Portugal através dos textos denominados *caronyca*. No livro *Sociedade e discurso ficcional*, Luís Costa Lima argumenta que a crônica de Fernão Lopes marca uma ruptura com a tradição medieval. O fato de Fernão Lopes precisar elevar ao trono de Portugal um rei bastardo possibilitou-lhe uma maior liberdade narrativa e, portanto, uma necessidade de interpretar uma escritura autorizada.

A crônica, por assim dizer, deixa de se escrever por si própria e passa a depender da interpretação de quem a assina. O cronista deixara de ser um coletor, para tornar-se um intérprete (COSTA LIMA, 1986, apud MEDEIROS, 2004, p. 97).

No século XIX, a crônica se chamava folhetim e não tinha as características que possui hoje. O espaço intitulado folhetim constituía-se de diferentes ordens discursivas, como críticas de espetáculos, histórias do cotidiano, apreciações de um evento. Mas logo o folhetim passou a ser um chamariz para atrair leitores; ele aparecia em duas formas distintas: o folhetim-romance, que apresentava uma nova concepção, texto de ficção em capítulos; e o folhetim-variedade, que mantinha o entretenimento em matérias diversificadas.

Das duas formas de folhetim, a que deu origem ao gênero crônica, como conhecemos na atualidade, foi o folhetim-variedade. Nesse espaço, a vida cotidiana seguia sendo comentada.

Segundo Melo (1985), é exatamente com o folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. O escritor afirma ser o folhetim um

espaço que os jornais reservavam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o 'folhetim semanal'. Seus continuadores são José de

Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc, (MELO, 1985, p. 113-114).

Escrever para o espaço do discurso cronístico significava, para os escritores da época, prestígio, *status*, dinheiro e possibilidade de serem convidados para publicarem em livros seus textos.

Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mas pagava em dia. E era também uma oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente (MELO, 1985, p.114).

Mas, apesar de significar prestígio e *status* para os escritores, a crônica era e é vista por muitos como “gênero de menor”. Por outro lado, há quem ache que tais fatores fazem dela um gênero especial, lido até os dias de hoje. Antônio Cândido (1989), no célebre estudo *A vida ao rés-do-chão*, começou dizendo: “a crônica não é um gênero maior”, para então completar, aliviado: “Graças a Deus, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós (...)”. (1989, p. 6). A crônica é assim abordada por Antônio Cândido:

[A crônica] “não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (...) E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus próprios valores” (CÂNDIDO, 1989, p. 6).

Partindo das reflexões apresentadas, podemos dizer que a crônica jornalística brasileira, material que constitui o *corpus* de arquivo desta dissertação, transita nos espaços jornalístico e literário. Entretanto, como vimos, ela é filha do discurso jornalístico.

Medeiros (2004) considera que a crônica representa um espaço de tensão no discurso jornalístico e propõe, por isso, que essa tensão seja pensada “como instituindo uma ‘falha’ no ‘ritual’ do discurso jornalístico” (MEDEIROS, 2004, p. 94).

Em *A ordem do discurso* (2009), Foucault expõe a hipótese de que em qualquer sociedade a produção de discursos é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por

certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

Além de todo o sistema de controle, que tem o objetivo de retirar os poderes e os perigos e reprimir possíveis acontecimentos fortuitos nessa produção, Foucault apresenta alguns procedimentos de imposição de regras ao sujeito do discurso. O ritual é um deles.

O ritual, segundo Foucault (2009), citado por Medeiros (2004, p. 94), “define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” [...] “definindo gestos, comportamentos, circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso” (FOUCAULT, 2009, p. 39). Funciona como uma forma de restrição. Então o ritual, segundo Foucault, tem a função de impor regras aos indivíduos que produzem os discursos e limitar o acesso ao seu conteúdo. Para melhor explicar o ritual como um mecanismo que determina as condições para o emprego de diferentes discursos, Medeiros (2004, p. 95) destaca as palavras de Foucault a seguir:

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 2009, p.39).

Medeiros (2004, p. 95) afirma que a noção de ritual, que também comparece em Pêcheux (1990), é ampliada a partir de Althusser (1985) para quem a ideologia é produto das “classes sociais em luta: de suas condições de existência, de suas práticas, de suas experiências de luta, etc.” (ALTHUSSER, 1985, p. 106-107).

A essa noção de ritual, Pêcheux (1990), como explica Medeiros (2004, p. 95), acrescenta a falha como elemento componente do ritual.

E acrescentaremos que levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra” é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Entendemos assim, na perspectiva da Análise do Discurso, que a falha, como componente do ritual discursivo, possibilita a produção de sentido e a constituição do sujeito, isso porque, “o deslize [a falha] próprio da ordem do simbólico – é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 2009, p. 80).

Quando observamos o percurso histórico da crônica ou consultamos o verbete em dicionários, percebemos logo de imediato uma multiplicidade de sentidos para a palavra e também diferentes espaços discursivos como o jornalístico e o literário. No *Novo dicionário da língua portuguesa*, somente como exemplo, a palavra crônica aparece em duas das sete ocorrências da seguinte forma:

1. Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica;
2. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas, fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, artístico, etc, ou simplesmente relativos à vida cotidiana (HOLANDA, 1986, p. 503).

No funcionamento do discurso jornalístico, os jornais “digerem para os leitores aquilo sobre o que se fala” criando “aspectos de convencimento que envolve os leitores” (MARIANI, 1998, p. 60). Ainda segundo a autora, o discurso jornalístico organiza os acontecimentos, de modo a apresentar mais de uma “opinião/explicação para o fato em questão, mas nunca um fato diferente do que foi relatado” (MARIANI, 1998, p. 63).

Segundo Medeiros (2004), a crônica representa uma exceção às regras do discurso jornalístico. No discurso jornalístico, “o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento”, isto é, “o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial” (MARIANI, 1998, p.60), não se envolvendo com a questão. Ao contrário da objetividade, da transparência e da neutralidade, características ditas peculiares do discurso jornalístico, “da crônica se aponta a subjetividade, a parcialidade e a polissemia. A autoria, aí entendida como índice de interpretação, reforça essas ilusões” (MEDEIROS, 2004, p. 109).

A reportagem e a carta, duas outras modalidades de discurso que constituem o arquivo desta pesquisa, têm pontos comuns e diferentes se comparadas ao discurso cronístico.

No *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (1987, p. 122), o verbete sobre reportagem informa que o gênero “deve sempre conter a descrição do fato, todas as versões das partes envolvidas e, se possível, a opinião de especialistas.” Quanto ao comportamento do repórter responsável pela reportagem deve ser “cuidadoso na anotação dos dados, em especial números e nomes, que devem ser reproduzidos sem nenhum erro. Deve sentir e registrar o ambiente para poder relatá-lo ao leitor. A qualidade do texto fiel depende, em grande parte, do rigor na apuração dos fatos.”

Alguns significantes como *descrição, fato, reproduzidos, registrar e relatar* usados na definição do gênero reportagem reforçam o sentido de imparcialidade que, segundo Medeiros (2004), é uma peculiaridade do ritual jornalístico “que consiste em trabalhar a domesticação

dos sentidos e que vai aproximando o discurso jornalístico do paradigma da ciência” (MEDEIROS, 2004, p. 113).

As diferenças entre os dois gêneros, a crônica e a reportagem, se mostram exemplarmente em um trecho da crônica de Rachel de Queiroz quando, por ocasião do trigésimo aniversário de fundação da livraria-editora, escreve *Trinta anos de cultura e livros* publicada em *A Cigarra* (1962) onde informa ao leitor o seguinte:

Isso deveria ser uma reportagem e dar apenas um retrato objetivo, em fotos e palavras, do que é a Casa Editora José Olympio no seu trigésimo aniversário. Se a reportagem virou louvação, a culpa é do assunto, não do repórter, que até se coibiu muito e abafou o coração o mais que pôde para discorrer sobre tema tão do seu afeto (QUEIROZ, Rachel. *A Cigarra*, 1962). (Anexo 10, p. 105).

Quanto ao gênero carta, observamos uma proximidade com o discurso cronístico. A carta tem características semelhantes às da crônica. Medeiros (2004, p. 115) explica que a crônica pode abordar um mesmo tema e vir a constituir diversas outras crônicas de um mesmo autor em períodos distintos ou não. Também pode ocorrer de a crônica ser republicada em diferentes épocas. O mesmo fenômeno caracteriza o gênero carta. Citamos como exemplo, a carta de Jorge Amado, parte integrante do nosso arquivo de pesquisa (Anexo 11, p. 107), escrita por ocasião do sexagésimo aniversário de José Olympio, em 1962, e republicada recentemente na obra *José Olympio: o editor e sua Casa*, organizada por José Mário Pereira, editada pela Sextante (2008, p. 384).

A seguir, apresentamos os procedimentos analíticos adotados e a análise da construção de sentidos nos textos jornalísticos sobre José Olympio e sua Casa.

3. 2. Construindo sentidos: aproximações para a análise de construções discursivas dos textos jornalísticos sobre o editor José Olympio e a livraria-editora

Esclarecemos que não é objetivo da Análise do Discurso procurar, na interpretação dos fatos, o sentido verdadeiro; tampouco tomar o texto como documento, como na clássica Análise de Conteúdo. Iremos a partir de agora procurar o “real do sentido [na] materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2009, p. 59).

Para tanto, é necessária a construção de um dispositivo analítico para que o analista não trabalhe “numa posição neutra mas que seja relativizada em face da interpretação”

(ORLANDI, 2009, p. 61). O analista do discurso precisa atravessar a literalidade do sentido e investir na opacidade da linguagem, no equívoco, na falha diante da ideologia.

Apesar de, durante as análises dos processos discursivos, transitarmos na opacidade da língua, não temos a intenção de eliminar os efeitos de evidência que são produzidos pela linguagem; tampouco de colocá-los fora da interpretação discursiva. Entretanto, é necessário que seja construído pelo analista de discurso um dispositivo analítico para que esse analista não se torne vítima dos efeitos das ilusões. A ilusão da origem de sentido pode fazer crer que se fala a partir de uma vontade imediata, de um lugar neutro. Isso ocorre, pois ao mesmo tempo em que a ideologia permite a emergência de uma interpretação, ela apaga o mecanismo que insere os sujeitos nas práticas discursivas historicamente construídas. Interpreta-se, mas ao mesmo tempo nega-se a interpretação (ORLANDI, 2009, p. 46).

A partir do dispositivo analítico, a posição do leitor é alterada dando lugar ao analista do discurso, “lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir”, colocando-se dentro da história, do simbólico ou da ideologia (ORLANDI, 2009, p. 61).

No processo de investigação e estruturação da pesquisa é que os procedimentos vão sendo constituídos, dando lugar à interpretação e vice-versa, pois a análise de discurso tem um procedimento que impõe um ir-e-vir permanente entre teoria, consulta aos arquivos e análise (ORLANDI, 2009, p. 67).

Orlandi (2009) apresenta uma proposta teórico-metodológica de delimitação do *corpus* e de interpretação dos dados. A autora parte do princípio de que a análise é realizada a partir de três etapas, conforme esquema abaixo discriminado:

1ª. Etapa: Passagem da	Superfície linguística	Texto
	Para o	(Discurso)
2ª Etapa: Passagem do	Objeto discursivo	Formação Discursiva
	Para o	
3ª. Etapa:	Processo discursivo	Formação Ideológica

(ORLANDI, 2009, p. 77).

Ainda segundo a autora, o objetivo dessas três etapas é desnaturalizar “a relação palavra-coisa”. A transformação da superfície linguística em objeto discursivo é a primeira etapa para a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido.

Realizamos a análise a partir das redes de sentido depreendidas no decorrer da leitura dos textos jornalísticos devido à recorrência de marcas discursivas e a sua adesão a imagens que foram construídas acerca do editor José Olympio e da livraria-editora para respondermos às seguintes questões: Quais sentidos emergem desses vários discursos construídos em diferentes momentos sócio-históricos sobre o editor e sobre a livraria-editora? De que maneira as redes de sentidos constituídas nos discursos sobre José Olympio contribuíram para o delineamento e inscrição da imagem do editor e da livraria-editora na memória social?

Esclarecemos que somente poderemos alcançar a compreensão do arquivo analítico a partir do conceito de recorte discursivo. Para Orlandi (1984, p.14), o recorte é uma unidade discursiva, ou melhor, uma unidade de sentido enfocada pelo analista que se relaciona com as questões ou perguntas do dispositivo analítico escolhido.

Partindo do pressuposto de que, na perspectiva da Análise do Discurso Francesa, um discurso está sempre em relação com outros enunciados em diferentes temporalidades, podemos afirmar que o sentido é produzido de acordo com o contexto sócio-histórico no qual ele se insere, isto é, com as suas condições de produção.

Podemos constatar no quadro a seguir denominações sobre o editor e a livraria-editora, os sentidos construídos ao longo do tempo nos diferentes textos jornalísticos pesquisados.

Quadro 2 - Denominações sobre José Olympio e a livraria-editora nos discursos jornalísticos

1930/40	1941/50	1951/60	1961/70	1971/80	1981/90
Amigo	Animador	Velho amigo	Amigo	Amigo	Líder
Honesto	Academia	Editor perfeito	Alma acolhedora	Bandeirante	Amigo perfeito
Bandeirante	Acolhimento	Apaixonado	Político	Imparcial	Mediador
Devotado	Fraternidade	Instituição	Guerreiro	Praça de guerra	Irmão
Predestinado	Apostador	Familiar	Herói	Acolhimento	Protetor
Herói	Herói	Fraternal	Fraternal	Pluralismo	Provedor
Apostador	Bandeirante		Familiar	Casa Grande da Literatura	Autoridade política
Camarada	Guerreiro			Patriarca	Imparcial
Audacioso	Amigo			Casa envidraçada	Herói
Caboclo bandeirante	Familiar				Selo seguro
Vitorioso					Encruzilhada
Desbravador					Imparcial
Visionário					Duque de Olinda
					Aristocrata
					Asilo seguro

A seguir, são apresentadas as principais redes de filiação de sentido que emergiram da leitura da materialidade linguística analisada.

3. 2. 1. José Olympio: o editor predestinado

Pelas mãos de um governador, que era também um historiador, José Olympio era levado até a porta da livraria e apresentado ao seu destino definitivo. Livreiro e editor ele seria. E só isto.

Antônio Carlos Villaça (2001, p.58)

Em julho de 1918, José Olympio chegava a São Paulo para trabalhar na Casa Garraux que “já no começo do século XX, [...] era a principal loja de São Paulo” (SORÁ, 2010, p. 37). O emprego foi conseguido graças à influência do seu padrinho de crisma que ocupava na ocasião o cargo de presidente do Estado de São Paulo. Nesse estabelecimento conquistou a simpatia de vários escritores, principalmente, pela dedicação que dispensava aos lançamentos dando destaque aos livros e pela participação nos debates sobre o futuro do Brasil. (SOARES, 2006, p. 27).

A Garraux era um “grande magazine importador, em torno do qual girava toda ou quase toda a vida social, política e intelectual de São Paulo” (BARBOSA, 1962, p. 31). Pela Casa Garraux desfilavam “quase que diariamente [...] todas as grandes figuras do governo, da sociedade e das letras que compunham a cúpula dirigente do fastígio republicano de São Paulo” (BARBOSA, 1962, p. 35).

José Olympio estreitou contato com os livros e também com a seleta clientela de políticos, acadêmicos e escritores que ali transitavam. (FRANZINI, 2010, p. 93). Com o tempo, ganhou a confiança e o respeito de muitos desses frequentadores da Casa Garraux. Ao longo da sua evolução, passou dos serviços gerais, como abrir caixotes e limpar os livros, para balconista, até chegar, em 1926, à gerência.

A passagem do primeiro contato de José Olympio com o mundo dos livros na Casa Garraux é relatada em várias crônicas do *corpus* e também pelos biógrafos do editor com base na construção da imagem de predestinação. Essa determinação antecipada do destino de José Olympio é pontuada pelo escritor Antônio de Alcântara Machado, frequentador assíduo da Garraux, e uns dos que incentivavam José Olympio ao ofício de editor. Dizia o escritor sobre José Olympio: “O seu destino estava selado. Tinha que ser livreiro. Nascera livreiro. Mais do que isso: tinha que ser editor” (BARBOSA, 1962, p. 35).

Em 1927, Antônio Alcântara Machado colocara na dedicatória de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, a seguinte adivinhação profética: “Para José, figura de destaque de uma futura

História do Livro Brasileiro”. Em 1928, em *Laranja da China*: “Para o José, futuro editor do modernismo brasileiro” (BARBOSA, 1962, p. 34; VILLAÇA, 2010, 61).

Em 1928, é a vez de Mário de Andrade que, na dedicatória de *Macunaíma* que ofertou a José Olympio, escreveu: “Ao José Olympio, padroeiro da gente”. (VILLAÇA, 2001, p. 61).

Mário de Andrade e Antônio Alcântara Machado são dois dos grandes escritores que participaram, nas primeiras décadas do século XX, do movimento modernista, período em que se procurou o moderno, o original, o polêmico e o nacional.

Segundo muitos historiadores, o marco inicial do movimento modernista brasileiro foi a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, onde diversos artistas plásticos e escritores apresentaram ao público uma nova forma de expressão. Um dos objetivos do movimento era renovar o ambiente artístico e cultural, proclamando a instauração de um novo tempo e rompendo com o academismo, com o tradicional, revelando assim as novas vertentes da estética moderna.

Alguns dos principais nomes da literatura que se destacaram foram: Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Menotti Del Picchia (1892-1988), Ronald de Carvalho (1893-1935) e Plínio Salgado (1895-1975).

Em meio a toda agitação cultural que era sentida no meio artístico, o Brasil estava vivendo uma grave crise não apenas econômica, como também social, política e ideológica. Colocava-se em discussão toda a estrutura da chamada República Velha.

A desestabilização do regime fica patente nas palavras de Mônica Velloso quando se refere ao período da década de 1920:

Na década de 20, quando se fazem sentir os efeitos críticos do pós-guerra, com a derrocada do mito cientificista, o ideal cosmopolita de desenvolvimento cede lugar ao credo nacionalista. A busca de nossas raízes, o ideal de brasilidade passam, então, a construir o foco das preocupações intelectuais. Agrupados no movimento modernista, os intelectuais se julgam os indivíduos mais capacitados para conhecer o Brasil. E é através da arte que eles pretendem atingir a realidade brasileira, apresentando alternativas para o desenvolvimento da nação (VELLOSO, 1987, p. 2).

Ainda na década de 1920, no campo editorial brasileiro, “as tiragens de livros dos autores modernistas [...] não alcançavam os mil exemplares. Em muitos casos, eram edições encomendadas e financiadas pelo próprio autor” (SORÁ, 2010, p. 41).

Nesse cenário, junto aos escritores imbuídos de interpretar o Brasil, os editores desempenham papel fundamental, não apenas por exercerem a tarefa de publicar os livros dos

escritores, mas também por fazerem valer sua função social conquistando espaços políticos e econômicos voltados ao desenvolvimento da cultura nacional (FRANZINI, 2010, p. 114).

Como visto no segundo capítulo desta dissertação, a memória quando pensada discursivamente é evidenciada pela concepção de interdiscurso, ou seja, o que foi dito antes em algum lugar, “algo fala antes, em outro lugar e independente. [...] É o já-dito que constitui todo dizer” (ORLANDI, 2006 b, p. 21). Por isso, os dizeres anteriores dão significado ao discurso. São os já-ditos que constroem todas as situações discursivas. Um discurso está sempre em relação com os demais, como veremos nas próximas sequências discursivas selecionadas mais adiante.

Em 1934, o escritor Humberto de Campos escreve a crônica *A Vitória de um Bandeirante* (Anexo 2, p. 93) em homenagem à inauguração da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro. Nesse mesmo dia da inauguração, já podiam ser vistos no interior da livraria-editora, “antes mesmo de estar de portas abertas”, autores como: José Lins do Rego, Amando Fontes, Jorge Amado, Valdemar Cavalcanti, os pintores Cícero Dias e Santa Rosa.

Dáí em diante, a Casa, como era carinhosamente conhecida a Livraria José Olympio Editora, abrigou a poesia de Carlos Drummond de Andrade, a ficção de Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa, a sociologia de Gilberto Freyre, entre centenas de autores nunca menores em qualidade e em quantidade de livros.

Na sequência discursiva (SD 1) a seguir, retirada da crônica (Anexo 2, p. 93) acima mencionada e escrita por ocasião da inauguração da Livraria José Olympio Editora no Rio de Janeiro, a imagem do editor associada aos efeitos de sentidos de predestinação é sustentada em uma memória discursiva de formação religiosa garantida pelos sentidos de destino, prognóstico, origem e devoção. A sequência dá realce ao efeito de sentido da “origem”, do princípio, assim como nas profecias bíblicas: “Desde o princípio, anunciei as coisas do futuro” (Isaías, 46:9-10). Reforçando os sentidos de origem, o sujeito-enunciador retoma a imagem do editor J.O. quando ainda era “menino [...] e não tinha feito a barba pela primeira vez”. Já naquele época, mesmo jovem o seu destino já estava traçado: “seria na vida um devotado amigo da literatura nacional.”

SD 1- Nascido em Batatais, em S. Paulo, trazia já, nessa origem, o prognóstico de que seria na vida um devotado amigo da literatura nacional. Menino ainda partiu para a Capital do Estado. E não tinha feito a barba pela primeira vez, quando se viu, não com um livro na mão, mas com algumas dezenas de milhares como empregado da

Casa Garraux, o tradicional estabelecimento paulista sob cujos portais passaram, nestes últimos quarenta anos, os homens mais eminentes do Brasil. CAMPOS, Humberto de. *A Vitória de um Bandeirante*. Diário Carioca (RJ), 1934. (Anexo 2, p. 93).

Humberto de Campos, como explicamos na introdução desta dissertação, e agora mais detalhadamente, foi um dos principais escritores que apoiou a mudança de José Olympio para o Rio de Janeiro. O escritor acreditava que as vendas aumentariam caso a editora fosse instalada na capital. Soares (2006, p. 32) diz que “existia um motivo pessoal para o apoio” do escritor que com uma ambiciosa programação de suas edições, “havia trocado sua editora, a Marisa, pela José Olympio” (SOARES, 2006, p. 32).

Sorá (2010, p. 82) explica que o editor da Marisa, o senhor M. Sobrinho, não arriscava mais de dois mil exemplares dos títulos de Campos, apesar do sucesso das vendas dos seus livros. Mas, na ocasião, José Olympio sugeriu ao escritor “uma tiragem de cinco mil exemplares para o livro de crônicas inéditas de trezentas páginas.” (SORÁ, 2010, p. 82). Depois, o editor reduziu para três mil exemplares, mas, mesmo assim, a “audácia [de José Olympio] cativou o acadêmico e deixou para trás concorrentes como Hidelbrando de Lima, da Livraria Civilização Brasileira” (SORÁ, 2010, p. 82).

Na sequência discursiva (SD 2) abaixo, retirada da crônica *O meu amigo José Olympio* (Anexo 5, p. 98) e escrita por José Lins do Rego por ocasião do aniversário de cinquenta anos de José Olympio, o sujeito-enunciador aborda os efeitos de sentidos da profecia retomando a memória discursiva de formação religiosa associada ao princípio, à origem: “quando ainda era menino”, o seu destino de ser editor já estava traçado.

SD 2 – Quando ainda era um quase menino e já gerente de várias livrarias de São Paulo, José Olympio recebeu de Antônio de Alcântara Machado um livro com esta dedicatória: ‘A José Olympio, que será um dia o editor dos novos do Brasil’. A profecia do admirável Antônio Alcântara Machado realizou-se em sua plenitude. José Olympio se transformou no maior editor da literatura já aparecido no Brasil. José Lins do Rego. *O meu amigo José Olympio*. O Globo (RJ), 1952. (Anexo 5, p. 98)

José Olympio teceu forte amizade com o escritor José Lins do Rego. O editor incentivado pelo escritor Amando Fontes, autor de *Os Corumbas*, propôs a José Lins do Rego uma “reedição de *Menino de Engenho* com cinco mil exemplares, e um lançamento de

Banguê, com dez mil.” (SOARES, 2006, p. 38). Uma atitude ousada que, porém, lhe rendeu frutos. Um deles foi a aproximação de outros escritores por intermédio do próprio José Lins. Aos poucos foram chegando Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz.

O escritor Antônio Carlos Villaça, por ocasião do aniversário de oitenta anos de José Olympio, escreve a crônica *José Olympio Octogenário* (Anexo 17, p.113) e refere-se, como alguns outros escritores, à figura do editor como “o brasileiro que soube antecipar-se a seu tempo e anunciar o futuro.” O efeito de sentido associa a figura do editor ao visionário, àquele que tem a habilidade de prever as novas tendências e antecipar mudanças.

SD 3 - Ele [José Olympio] pode ser avesso a ruídos e homenagens. Mas nós vamos buscá-lo no seu introspectivo, para reverenciar nele o brasileiro que soube antecipar-se a seu tempo e anunciar o futuro. Antônio Carlos Villaça. *José Olympio, Octogenário*. Jornal do Brasil (RJ), 1982. (Anexo 17, p. 113).

Os discursos sobre José Olympio expressam muito do espírito da época. Mais do que isso, através dos discursos podemos compreender os anseios e as práticas sociais e culturais que vigoravam no tempo em que foram produzidos. No início da vida profissional do editor José Olympio, ele se tornou uma ótima alternativa para os chamados novos autores. “Justamente, por isso, é que ele se via e era visto como parte de um esforço maior e coletivo, o de conhecer em profundidade o país para, a partir daí, modificar as suas estruturas” (FRANZINI, 2010, p. 107).

3. 2. 2. José Olympio: o herói da nossa gente

Vamos contar [...] a história de um herói da nossa gente. Um homem com quem a cultura brasileira tem uma grande dívida.⁶
Rachel de Queiroz

Em múltiplas versões, os heróis revelam ao mundo seus feitos realizados por atos de coragem e bravura. Heróis são sempre exemplos a serem seguidos, “são símbolos poderosos,

⁶ Queiroz, Rachel. Apresentação. In: Villaça, Antonio Carlos. *José Olympio: O descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001.

encarnações de ideais e aspirações, ponto de referência, fulcros de identificação coletiva” (CARVALHO, 1990, p. 55).

No início dos anos de 1930, a cidade do Rio de Janeiro já era palco de tendências promissoras no mundo do livro nacional. Miceli (2001, p.148) explica que na década de 1930, o surto editorial é marcado pelo estabelecimento de várias editoras e por inúmeros processos que ocorrem no mercado editorial. Na época, a capital do Rio de Janeiro passou a “ser o ponto de convergência e de irradiação da literatura tida por *nacional*, a cidade assistia então ao mercado editorial entrar numa nova dinâmica, refletida numa proliferação de editoras e títulos jamais vista” (FRANZINI, 2010, p.98).

Em comemoração à data da inauguração da livraria-editora, no Rio de Janeiro, Humberto de Campos publicou no Diário Carioca a crônica *A vitória de um bandeirante* (Anexo 2, p. 93) onde o sujeito-enunciador estabelece comparação entre o editor José Olympio e a figura dos bandeirantes paulistanos, a partir de uma visão romantizada.

Na sequência a seguir, José Olympio é denominado caboclo, filho do índio da terra com o branco da metrópole. Bandeirante que através da sua marcha conquistou a vitória, mesmo seguindo caminhos em direção oposta à dos bandeirantes conhecidos na História, como os “sertanistas que a partir do século XVI penetraram nos sertões brasileiros em busca de riquezas minerais [...] ou índios para escravizar”.⁷ O editor saiu do interior de Batatais, em São Paulo, para conquistar o litoral do Rio de Janeiro, inaugurando a Livraria José Olympio na Rua do Ouvidor. Figura heróica foi capaz de realizar grandes feitos imbuídos de sentimento de ousadia e determinação. O próprio título da crônica *A vitória de um bandeirante* já consolida o editor como um mito das grandes expedições.

Conforme Orlandi (2009, p. 31), a memória discursiva é evidenciada a partir da concepção de interdiscurso, o que foi dito antes em algum lugar. A memória faz referência ao já-dito a partir do qual se constroem todas as situações discursivas. Um discurso está sempre em relação a outros. A memória discursiva está relacionada com os discursos que já foram proferidos.

O sujeito-enunciador aborda a questão histórica e lendária da divisão natural do Brasil em litoral e sertão, isto é, a tese dos “dois Brasis”, explicada por Marilena Chauí no trecho abaixo:

A divisão natural do Brasil em litoral e sertão dá origem a uma tese de longa persistência, a dos “dois Brasis”, reafirmada com intensidade pelos

⁷ *Dicionário da terra e da gente do Brasil* (1939), por: Bernardino José de Souza. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/dicionario-da-terra-e-da-gente-do-brasil/pagina/304/texto>

integralistas dos anos 20 e 30, quando opõem o Brasil litorâneo, formal, caricatura letrada e burguesa da Europa liberal, e o Brasil sertanejo, real, pobre, analfabeto e inculto.” (CHAUI, 2006, p. 67).

Ao qualificar a marcha realizada pelo editor em direção ao litoral como “vitoriosa”, o sujeito-enunciador produz sentidos sobre o sertão que deve ser entendido como lugar onde, geralmente, no imaginário social, se associam lembranças da seca e da fome. Lugar onde a luta pela sobrevivência é constante.

SD 4 - Caboclo bandeirante, a sua marcha vitoriosa tem sido geograficamente oposta àquela que fizeram os seus antepassados ... Os seus maiores rumaram do litoral para o interior, nas monções famosas que o heroísmo tornou lendárias... José Olympio veio marchando do interior para o litoral...Marchando sempre para o litoral, chega hoje o editor José Olympio à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, instalando-se no ponto mais central e movimentado da metrópole (CAMPOS, Humberto de. *A vitória de um bandeirante* (Anexo 2, p. 93). Diário Carioca, 1934).

Humberto de Campos foi um dos aliados importantes de José Olympio no início dos tempos no Rio de Janeiro. Campos foi quem fez contatos e apresentou o editor à “gente importante do mundo literário e político e, valendo-se de sua popularidade, abriu-lhe as portas de jornais, revistas e rádios” (SOARES, 2006, p. 35).

José Olympio ofereceu a Campos altas tiragens e o pagamento dos direitos autorais adiantados o que foi suficiente para aumentar o prestígio do livreiro-editor no mundo das letras. Em 1937, ele já era “o maior editor nacional na lídima acepção da palavra”, conforme registrado no Anuário Brasileiro de Literatura (1937, n. 1, p. 296).

Em outro episódio, o da comemoração dos oito anos da inauguração da livraria na Rua do Ouvidor, na noite de três de julho de 1942, a Livraria José Olympio Editora foi tema do programa *Biblioteca do Ar*, da rádio Mayrink Veiga. “A *Biblioteca do Ar* era o principal programa de rádio sobre literatura e tinha como diretor Genolino Amado, cronista queridíssimo do público” (SOARES, 2006, p. 109).

Na crônica escrita por Genolino Amado, intitulada *3 de Julho: uma data do livro brasileiro* (Anexo 3, p. 94), o sujeito-enunciador atribui ao editor qualidades heróicas como: coragem, confiança, dom de iniciativa e, principalmente, “crença sincera” no ideal de desenvolvimento e difusão da leitura e do leitor brasileiros.

Na sequência abaixo, é caracterizado o homem corajoso que tem o dom da iniciativa e que veio do interior disposto a investir no desenvolvimento cultural do Brasil.

SD 5 - um homem que se fizera por si mesmo e que vinha disposto a fazer muita gente com a serena confiança de sua inteligência e da sua coragem, com o seu dom de iniciativa e principalmente com a sua crença sincera de que o Brasil poderia ler mais, ler melhor, desde que houvesse no Brasil quem estimulasse aos que escrevem. Esse homem veio sem apresentação de ninguém. Nem esperou que lhe dessem a mão. Ele mesmo estendeu a sua mão para pedir ajuda, mas para dá-la aos homens da pena, para criar um novo ambiente na vida dos livros, para que não se perdesse, por falta de capacidade de realizar, o jovem anseio do Brasil em construir uma jovem cultura [...] o seu aparecimento na indústria do livro marca uma fase nova, abre um novo caminho. (AMADO, Genolino. *3 de julho: uma data do livro brasileiro*, (Anexo 3, p. 94) Biblioteca do Ar, 03/07/1942).

Como personagem que acumula poderes especiais, José Olympio surgiu na indústria do livro e iniciou, segundo o sujeito-enunciador, uma nova fase, abrindo caminho tanto para a literatura como para o escritor nacional. Resultado da coragem e da inteligência, somadas ao dom da iniciativa, assim se mostra o editor. Na frase *Esse homem veio sem apresentação de ninguém*, a sequência produz sentidos que significam que José Olympio entrou para o mundo das letras somente pelo esforço pessoal, não precisou de ninguém. O pronome indefinido *ninguém* gera contradição de sentidos se pensarmos nas biografias de José Olympio. Como já dito antes, o editor foi conduzido ao mundo dos livros por muitos políticos e literatos brasileiros. Voltando para o início da década de 1930, quando o governo de São Paulo não mostrou interesse em comprar a maior biblioteca particular pertencente ao bibliófilo Alfredo Pujol, José Olympio contou com o apoio financeiro de José Carlos de Macedo Soares, diretor do Banco do Estado de São Paulo, e também de vários amigos de recursos para adquirir o acervo. O aval de Macedo Soares foi decisivo para o negócio fundamental da vida de José Olympio que afirma: “Sem esse ilustre brasileiro, não teria existido a Livraria José Olympio Editora” (VILLAÇA, 2001, 65).

Por ocasião do cinquentenário de fundação da Livraria José Olympio Editora, Alceu Amoroso Lima escreve a crônica *O que pensava Alceu Amoroso Lima de José Olympio: ainda o Duque de Olinda* (Anexo 13, p. 109). Nessa crônica, o escritor registra o dinamismo das aventuras de um jovem, filho de Batatais, decorrentes da fundação da livraria em São Paulo, em 1931.

SD 6 - São Paulo ainda acordava estremunhando do pesadelo de 1930, quando um jovem filho de Batatais, com escassos 29 anos de idade e ainda mais escassos haveres, se lançava, afoitamente, à mais bela e incerta das aventuras, a fundação de uma nova editora.

(LIMA, Alceu Amoroso, *O que pensava Alceu Amoroso Lima de José Olympio*. (Anexo 13, p. 109). Jornal do Brasil, 1981).

Construções discursivas relativas à associação entre a imagem de José Olympio e o símbolo do jovem herói nacional são muito recorrentes nas palavras dos escritores, dando sempre a entender que os jovens são sempre inovadores, no sentido de que instituem novos parâmetros, desvendam novos caminhos.

A seguir, selecionamos mais um sequência para ilustrar essa estratégia, retirada da crônica intitulada *José Olympio* (Anexo 14, p.110) escrita por Adonias Filho, por ocasião dos cinquenta anos da Livraria José Olympio Editora. O efeito de sentido deixa transparecer que a partir da efetivação de José Olympio como editor, tanto o livro como os autores brasileiros ganharam paternidade. O texto constrói sentidos associados à imagem paterna. Também faz associação à imagem do herói que se apresenta como corajoso, inovador e revolucionário. No discurso essa imagem está associada à figura do editor José Olympio.

SD 7 - O livro de autor brasileiro era nada mais e nada menos que um órfão. Procurá-lo e fazê-lo, pois, era mais sacrifício de sacerdote que trabalho de industrial. Sempre há um inovador, porém, que tem coragem de quebrar a rotina e enfrentar os fantasmas. E foi mesmo essa vocação de insurgente e inconformista que trouxe José Olympio de São Paulo para cumprir um destino, impor novas relações entre o povo e o escritor brasileiro. (ADONIAS FILHO. *José Olympio* (Anexo 14, p. 110). Última Hora, 07/04/1981).

Os mecanismos de funcionamento discursivos são estabelecidos nas formações imaginárias que são “as imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2009, p. 40).

Assim é que na SD – 7, acima referenciada, o editor José Olympio ocupa posição de pai enquanto os autores brasileiros a posição de filho.

3. 2. 3. José Olympio: o editor dos contrários

editou exatamente os contrários. Superiormente. [...] –
 agora, sim, vem a ponto. Logo compreendi que ele tanto gostasse
 do lema que me acudiu propor para o PEN Clube: “Pela
 convivência intelectual acima da política ou apesar dela”. Foi de
 fato acima dela que ele editou um Graciliano Ramos e um Getúlio
 Vargas, embora se deva ressaltar que no plano da cultura,
 especilamente a literária, Vargas teria sido, provavelmente, um
 eleitor de Graciliano.

José Olympio: o homem e sua casa (1990)

Marcos Almir Madeira

A Livraria José Olympio Editora nascera em plena efervescência cultural, política e ideológica, na década de 1930, depois da queda da chamada República Velha e da assunção de Getúlio Vargas ao governo, após a derrubada de Washington Luís. Em 1934 é promulgada a Constituição, o Congresso Nacional é fechado em 1937, Vargas instala o Estado Novo e passa a governar com poderes ditatoriais. Cria o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para controlar e censurar manifestações contrárias ao seu governo. Tratava-se, em suma, de tempos conturbados.

Na Rua do Ouvidor, endereço da livraria-editora no Rio de Janeiro, existia uma convivência plural. Apesar de lá já não mais haver a concentração de lojas e cafés existentes no final do século XIX, “continuava sendo endereço muito atraente para quem quisesse abrir um negócio. Principalmente uma livraria” (SOARES, 2006, p. 35).

Na crônica *A livraria José Olympio* (Anexo 4, p. 97), escrita por Graciliano Ramos em homenagem à inauguração da livraria-editora na cidade do Rio de Janeiro, o ambiente é descrito pelo sujeito-enunciador como um lugar onde homens e partidos políticos convivem harmoniosamente. Essa aceitabilidade das diferenças está representada tanto na postura dos indivíduos que frequentam a livraria, como na organização dos livros no interior do estabelecimento: “muitos à esquerda, vários à direita, alguns no centro”.

A imagem de José Olympio como editor liberal é associada ao espaço físico da livraria para explicar a aparente posição de neutralidade e imparcialidade do editor diante das publicações e dos autores. Percebemos assim uma formação da imagem do editor representada na sequência abaixo pelos sentidos de liberal, sem posição política, sem preconceitos, democrático; em outras palavras, aquele que edita todos os escritores independentemente da posição política desses autores.

SD 8 - Há ali crentes e descrentes, homens de todos os partidos, em carne e osso ou impressos nos volumes que se arrumam nas mesas, muitos à esquerda, vários à direita, alguns no centro. O editor é liberal. Se tem simpatia para qualquer extremidade, oculta-o. Aparentemente está no meio: aceita livros de um lado e de outro, acolhe com amizade pessoas de cores diferentes ou sem nenhuma cor. (RAMOS, Graciliano. *A livraria José Olympio*, 1942). (Anexo 4, p. 97)

Antes mesmo de escrever essa crônica, o escritor Graciliano Ramos foi preso pelos órgãos de repressão do Estado Novo, na caça às bruxas desencadeada pela Intentona Comunista. O encontro com o editor José Olympio acontece nessa situação. Por instâncias de José Lins do Rego, os originais de *Angústia* chegam às mãos de J. O. que publica a obra em 1936. “O livro tem excelente repercussão, e ganha o Prêmio Lima Barreto”. (PEREIRA, 2008, p. 97).

Ao contrário do autoritarismo de que foi vítima com a repressão do Estado Novo, Graciliano Ramos projetou na imagem de José Olympio os sentidos de liberal, amigo dos escritores, editor perfeitamente apolítico e sem intenções de nenhum matiz ideológico.

Fica claro na sequência o jogo de imagens de projeções, isto é, as formações imaginárias. Num discurso estão presentes um sujeito A e um destinatário B, que se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social resultando num jogo de sentidos entre os participantes. Assim é que Orlandi (2009) afirma que as formações imaginárias

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso (ORLANDI, 2009, p. 40).

Villaça (2001) diz que José Olympio publicou tudo ao longo do tempo: “crítica e história literária, sociologia, economia, educação, política, filosofia, poesia, ficção, viagens, ensaio, crônica, história, direito, medicina, memorialística” (VILLAÇA, 2001, p. 45), um catálogo que chegou a ser classificado por Vera Pacheco Jordão, mulher de José Olympio, como “eclético” (HALLEWELL, 1985, p. 450).

Na opinião de Soares (2006), a profusão de títulos e de diferentes áreas do conhecimento e autores editados por José Olympio deve-se ao fato de que ele “acreditava que a missão do editor consistia em abrir espaço a qualquer tipo de manifestação” (SOARES, 2006, p. 59).

Na sequência abaixo, retirada da crônica *Um editor de política*, escrita por João Duarte Filho, por ocasião dos cinquenta anos do editor, a figura de José Olympio é vinculada à imagem do homem que inspira respeito pela seriedade e pela imparcialidade diante das diferentes correntes partidárias.

Como o indivíduo que se encontra desobrigado, livre diante das habituais controvérsias políticas, publicou ao mesmo tempo homens os mais opostos que na Casa estiveram. Nessa comemoração do aniversário, o editor ganhou uma “placa de bronze – ofertada pelos autores da Casa” (VILLAÇA, 2001, p 157).

Essa placa foi colocada, posteriormente, na parede do terceiro andar da livraria, no prédio da Rua Marquês de Olinda em Botafogo, sede comprada pela família Pereira, em 1964.

Com a frase “era no setor político, apenas o livreiro culto que quer, apenas, servir à cultura”, a sequência produz sentidos que significam que José Olympio tinha como função ser livreiro e como missão apenas servir à cultura. Apesar de transitar entre o mundo da literatura e o da política, o livreiro-editor preferiu o mundo da imparcialidade. Seguiu sempre respeitado e publicando os contrários.

SD 9 - Este editor de obras políticas, com os livros de Getúlio que editou, lançou-se, como em uma temeridade, na confusão, no meio das controvérsias políticas que tanto apaixonam, separam e inimizam os homens. E saiu imune desta confusão, respeitado e querido porque nunca se fez exclusivista de facções, grupos ou parcialidades. Editou Getúlio ou seus panegiristas ao mesmo tempo em que lhe editava também os inimigos mais ferozes. A sua obra, soube ele fazer com que todo mundo compreendesse isto, era, no setor político, apenas o livreiro culto que quer, apenas, servir à cultura. (DUARTE FILHO, João. *Um editor de política*. Tribuna da Imprensa. (RJ), 24/01/1953). (Anexo 6 , p. 99)

Quando a loja da Rua do Ouvidor foi fechada por conta da venda do prédio, Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica intitulada *A Casa, era o nome* (Anexo 7, p. 100). Foi publicada no Correio da Manhã, de 30 de agosto de 1955.

A imagem do editor representada pela posição do indivíduo imparcial também é pontuada pelo poeta. O texto produz efeitos de sentidos associados à figura do editor apolítico. Entretanto, deixa transparecer que se há alguma posição ou tendência do editor em determinado momento, isso se deve à época, à ocasião.

SD 10 - José Olympio editou com o mesmo espírito autores da direita, do centro, da esquerda e do planeta Sirius, e se aos de

determinado matiz tocou um papel mais saliente durante certo tempo, isto se deve à tendência da época, aos rumos da sensibilidade, tangida pelos acontecimentos mundiais. (DRUMMOND, Carlos. *A Casa*. Correio da Manhã, 1956 - Anexo 7, p. 100).

Rachel de Queiroz na apresentação do livro *José Olympio: o descobridor de escritores*, de Antônio Carlos Villaça (2001), afirma que nunca conheceu ninguém como José Olympio, um indivíduo que sabia respeitar a livre manifestação do pensamento e que, nessa posição, “ganhou tal autoridade, que publicava tanto discursos de Getúlio, ditador, como as memórias de Graciliano, com suas terríveis recordações do cárcere getulista. Editava Plínio Salgado e Jorge Amado (...)”.

A abordagem pelos escritores editados pela Livraria José Olympio Editora da figura de José Olympio como o editor imparcial pode ser entendida ao se considerar que “a vida de José Olympio foi traçada como pivô eficaz para revelar as práticas e representações próprias do mundo do livro” (SORÁ, 2010, p. 427).

3. 2. 4. A Casa Grande de José Olympio

A Casa de José Olympio foi uma síntese do Brasil.
[...] Há um sentido brasileiro na obra desse homem
discreto e melancólico. Mas há também uma
dimensão de universalidade. A Casa buscou exprimir
um espírito brasileiro, o caráter nosso, a nossa
autêntica sensibilidade, os valores profundos e perenes
do Brasil [...]
Antônio Carlos Villaça⁸

A *Casa* era a designação afetiva que identificava a Livraria José Olympio Editora. Sua primeira sede, datada de 29 de novembro de 1931, localizava-se na Rua da Quitanda, 19A, em São Paulo. Naquela época, o cenário que se manifestou com a Revolução de 1930 não era nada conveniente a São Paulo que sentia os sintomas da derrota na Revolução Constitucionalista; e José Olympio compreende que era hora de transferir-se para o Rio de Janeiro. A venda inicial dos livros da biblioteca Pujol adquirida pelo editor proporcionou-lhe segurança e, principalmente, capital de giro para que tomasse a decisão que viria a ser o negócio fundamental de sua vida, isto é, a instalação da Livraria José Olympio Editora, no

⁸ VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Thex Editora, 2001, p. 42-43.

Rio de Janeiro, em 1934. Lá permaneceu até 1955. A localização da Casa era em frente à Livraria Garnier, que editou Machado de Assis entre outros escritores.

No dia seguinte ao da inauguração da Livraria José Olympio Editora, na Rua do Ouvidor, foi publicada a reportagem intitulada *Uma nova casa editora no Rio* (Anexo 1, p. 90), publicada em O Jornal, de 04 de julho de 1934. O editor J. O. anuncia nessa oportunidade o programa de ação que pretende realizar e alguns dos já realizados. A Casa, como registra a reportagem, era “nova”. Os sentidos produzidos pelo adjetivo “nova” estão relacionados ao ato de pôr em funcionamento um serviço, no caso, editorial. Mas também estão associados a algo diferente e inovador, ou seja, uma nova proposta de uma nova editora. A título de ilustração, a seguir, reproduzimos a primeira página da reportagem *Uma nova casa editora no Rio*.

Reportagem publicada em *O Jornal*, em 4 de julho de 1934, sobre a inauguração da Livraria José Olympio]

UMA NOVA CASA EDITORA NO RIO

Como o Sr. José Olympio fala aos “Diários Associados” a respeito do programa de ação que tem em vista executar.

A audácia dos vinte milheiros — O “Bangüê” de José Lins do Rego — Os livros de Humberto de Campos — Obras antigas — Importação de franceses, americanos e alemães — Uma collecção para meninas — Um livro de José Américo de Almeida —



Aspecto colhido por ocasião da solenidade

Assim como na sociedade patriarcal, a casa-grande de José Olympio atua como um símbolo de acolhimento que agrega escritores, familiares, amigos e todos os que compõem este grupo comandado pelo editor.

Para além da ideia de espaço concreto, a imagem que o substantivo casa costuma suscitar tem natureza simbólica e pode estar ligada à sensação de abrigo, refúgio ou tranquilidade. Na sequência a seguir, Rachel de Queiroz, por ocasião da morte do editor em 1990, refere-se à Livraria José Olympio como espaço de assistência, proteção, amparo e segurança para os escritores brasileiros, apesar de José Olympio, segundo o sujeito-enunciador, demonstrar ter “uma ternura particular por um grupo fiel de autores.” Comparado ao monarca absolutista francês Luís XIV, José Olympio é associado à imagem de um indivíduo autoritário, com “certa severidade”, que se utiliza do mando para conseguir a obediência. Imagem estreitamente ligada à figura do patriarca. Os sentidos da imagem do editor como autoridade estão presentes no discurso representados pela sequência “o José apenas ria e continuava mandando – e a gente [os escritores] continuava obedecendo”.

SD 11 - **A Casa era o asilo seguro** [...] Verdade que ele [José Olympio] tinha uma ternura particular por um grupo fiel de autores. Fazia sentir isso a cada um de maneira sutil, mas iniludível. Era uma solicitude, um interesse, até mesmo uma certa severidade, uma cobrança; a gente às vezes revidava, dizia que ele tinha “complexo de Luís XIV”; o José apenas ria e **continuava mandando** – e a gente acabava “**obedecendo**”. QUEIROZ, Rachel de. *O mais brasileiro dos paulistas*. O Globo. 11/05/1990. (grifo nosso). (Anexo 19, p. 115).

A sequência abaixo, retirada da crônica *3 de julho: Uma data do livro brasileiro*, escrita por Genolino Amado por ocasião do oitavo aniversário da inauguração da livraria-editora no Rio de Janeiro, aborda mais uma vez os sentidos associados à formação da sociedade patriarcal brasileira. Na Casa acolhedora reuniam-se, sob o comando de José Olympio, “os homens de todas as tendências, numa só fraternidade intelectual”.

Mais uma vez, constatamos mecanismos de funcionamento discursivos que estabelecem as formações imaginárias que são “as imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2009, p. 40).

Os escritores ocupam a posição de irmãos do editor José Olympio numa relação fraternal.

SD 12 - Muitas vezes **se reúnem** na José Olympio escritores de todos os pontos do país, **homens de todas as tendências, numa só fraternidade intelectual**. A mesma fraternidade se encontra entre os livros. José Olympio tem sido o editor das mais diversas correntes, sempre se colocando à margem delas. E é sempre com um sorriso compreensivo que o editor aparece entre os seus editados, na livraria, onde todos se reúnem...
(AMADO, Genolino. *3 de julho: Uma data do livro brasileiro*, 1942). (Anexo 3, p. 94). (grifos nossos)

Antônio Carlos Villaça, o biógrafo de José Olympio, diz que nele havia “uma aristocracia natural [...] Era um patriarca” (VILLAÇA, 2001, p. 38). E como patriarca, seguiu a tradição de exercer grande domínio sobre seus comandados, agindo como um senhor da *casa-grande*. No interior do Brasil colonial, *casa-grande* era o nome que se aplicava à moradia dos senhores de engenho ou proprietários de fazenda. Além disso, de acordo com o *Dicionário⁹ da Terra e da Gente do Brasil* (1939), de Bernardino José de Souza, o termo é utilizado para designar “o centro da forma de vida patriarcal do sistema colonial no Brasil, pois todos estavam ligados a ela e a senzala funcionava como um complemento político, econômico e social seu.”

Na Casa José Olympio existia um ar de família que marcou a editora. Alguns dos escritores, como Rachel de Queiroz, Dinah da Silveira, José Lins do Rego, eram considerados como irmãos pelo editor. Rachel de Queiroz, como já dissemos antes, na apresentação do livro *José Olympio: o descobridor de escritores*, de Villaça (2001, p. 12), diz que “os seus [de José Olympio] editados viravam seus amigos tão íntimos como só irmãos o seriam.” No trecho destacado, partindo do conceito de formação imaginária, conforme Orlandi (2009, p. 40), podemos afirmar que o sujeito-enunciador não fala do lugar inscrito numa formação social, no caso escritora, e sim, de uma de posição discursiva, uma projeção produzida no confronto do simbólico com o político. Orlandi (2009, p. 42) diz que o imaginário é, necessariamente, parte do funcionamento da linguagem. No caso do trecho destacado, o lugar social de escritor é projetado para a posição do amigo e do irmão.

A memória discursiva é evidenciada, como vimos antes, a partir do que foi dito antes em algum lugar. A memória faz referência ao *já-dito* a partir do qual se constroem todas as situações discursivas, pois um discurso está sempre em relação com os demais.

⁹ Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/dicionario-da-terra-e-da-gente-do-brasil>

Na sequência a seguir, destacada do texto de Rachel de Queiroz, intitulado *Trinta anos de cultura e livros*, publicado em A Cigarra, por ocasião do aniversário de trinta anos de fundação da Livraria José Olympio Editora, em 1962, a figura do editor é representada como o chefe do clã. No discurso, os adjetivos grande, lenta, imperial e autoritário produzem efeitos de sentidos associados à imagem do patriarca.

SD 13 - A imprensa e os escritores brasileiros têm comemorado este fim de 61, com grandes fanfarras, os 30 anos de fundação da Livraria José Olympio Editora, ou, como a chamam seus íntimos a “**Casa**”. É uma marca para a cultura nacional esse aniversário. Trinta anos de livros na rua, 30 anos a lançar nomes obscuros que se tornam ilustres, 30 anos de edições primorosas, 30 anos de traduções das obras mais importantes da cultura ocidental; obras de um grupo de homens ligados quase todos por laços de família, mas ligados principalmente por um ideal comum: a fé na cultura e a confiança nos seus valores. **Curioso esse chefe do clã e da firma, o editor José Olympio.** Procuo afastar, para falar nele, as interferências pessoais, meus sentimentos pessoais, os quase 30 anos de amizade e **convivência que nos fazem praticamente irmãos. Procuo ver com olhos estranhos esse homem grande, de fala lenta, de máscara imperial, de modos autoritários:** e fico a discutir comigo o que é que faz a singularidade do homem José Olympio entre os seus contemporâneos. (QUEIROZ, Rachel. *Trinta anos de cultura e livros*. A Cigarra, 1962 (Anexo 10, p. 105). (grifo nosso).

Assim como na sociedade patriarcal, na livraria-editora trabalhavam também e principalmente todos os irmãos de sangue do editor. Como se destaca da sequência a seguir, o editor mais uma vez tem sua imagem associada à figura do patriarca e também à figura de um duque o que produz sentidos de autoridade e poder diante de sua propriedade, a Casa José Olympio. Analogamente ao que ocorria na casa-grande durante a sociedade patriarcal, a Livraria José Olympio tinha como espinha dorsal a família. Lá trabalhavam muitos escritores considerados irmãos e todos os irmãos de sangue de José Olympio, como pontua Antônia Carlos Villaça na sequência a seguir retirada da crônica *José Olympio, octogenário*, escrita por ocasião do aniversário de oitenta anos de J. O. “José Olympio gosta de dizer, enternecidamente: Rachel e Dinah são como duas irmãs minhas. E há o **irmão de sangue**, o romancista Antônio Olavo Pereira, o autor de *Mármore*. Outro irmão, Daniel Pereira, também trabalha na Casa”.

Na sequência, também são evidenciados efeitos de sentidos associados à figura do editor que é representado pelo sujeito-enunciador como **patriarca** e a Livraria José Olympio Editora representada como **Casa Grande da Literatura**.

SD 14 - José Olympio gosta de dizer, enternecidamente: Rachel e Dinah são como duas irmãs minhas. E há o **irmão de sangue**, o romancista Antônio Olavo Pereira, o autor de *Mármore*. Outro irmão, Daniel Pereira, também trabalha na Casa. E há as dedicações de vida inteira, como o sutil Adalardo Cunha, que trabalha na casa há exatamente quarenta anos, e o mais jovem Sebastião Macieira, secretário de J. O. Casa aberta, Casa acolhedora, Casa bem nossa, que mais parece uma casa do Brasil. **E o menino de Batatais ali está, patriarca dessa Casa Grande da Literatura**. Hoje, apoia-se na sua bengala. Mas, ainda vai lá, com o seu gosto pela vida, com a sua paixão pelo Brasil. [...] Tristão de Athayde gostava de chamá-lo Duque de Olinda. Há em José Olympio uma aristocracia natural, uma elegância de maneiras, uma dignidade constante que o torna uma das figuras mais respeitadas da vida brasileira. VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio Octogenário*. Jornal do Brasil, 1982. (Anexo 17, p. 113) (grifos nossos)

Da sequência que se segue é possível destacar ainda efeitos de sentidos que evidenciam o espírito familiar que marcou a editora como vemos na crônica de Graciliano Ramos, *A Livraria José Olympio* publicada em 1942, por ocasião do oitavo ano de inauguração da livraria-editora, no Rio de Janeiro. Os lugares sociais ocupados pelos frequentadores da livraria-editora tornam-se sem efeito, segundo o sujeito-enunciador, pois “as fronteiras sociais desaparecem”.

SD 15 - **Há um ar de família naquela gente**. Octavio Tarquínio deixa de ser ministro e Armando Fontes deixa de ser funcionário público. Vemos ali o repórter e viamos o candidato a presidente da República, porque José Américo aparecia algumas vezes, Lins do Rego é figura obrigatória, e Marques Rebelo procura vítimas, distribui veneno a presentes e ausentes. É uma galeria muito vasta, onde figuram críticos, sociólogos, ficcionistas, ensaístas, etc. A pintura está representada por Santa Rosa e Portinari. Nessa camaradagem, em que as fronteiras sociais desaparecem, misturam-se as artes, tudo se aproxima. Luís Jardim ganha diversos prêmios, abandona os pincéis e muda-se para o campo dos literatos. Gilberto Freyre, Almir de Andrade e Hermes Lima não têm aparência de professor, e dificilmente se poderia saber que Peregrino Júnior, Gastão Cruls e Rui Coutinho são médicos. Murilo Mendes é apenas poeta, mesmo quando escreve política; Lúcio Cardoso é apenas

romancista, mesmo quando faz artigos. RAMOS, Graciliano. *A Livraria José Olympio*. 1942. (grifo nosso). (Anexo 4, p. 97)

Trabalhando discursivamente na lógica da casa-grande como elemento representante de uma sociedade estruturada segundo o poder do pai, característica da identidade social brasileira, a Livraria José Olympio Editora é relacionada a uma memória discursiva da sociedade patriarcal onde a família era um verdadeiro clã.

A Livraria José Olympio Editora permaneceu no endereço da Rua do Ouvidor de 1934 até quando foi fechada, em 1955. O Banco Nacional, na ocasião, comprou o prédio em que funcionava a Livraria José Olympio. O editor e o banco fizeram um acordo. José Olympio comprometeu-se a sair em seis meses para desocupar o espaço “para garantir o mesmo espaço no prédio novo, que o Banco ia construir ali” (VILLAÇA, 2001, p. 219). O Banco Nacional não cumpriu o acordo e José Olympio recebeu uma indenização por isso. Com o dinheiro recebido do Banco comprou um terreno em Botafogo onde o editor construiu a sede própria da José Olympio, na Rua Marquês de Olinda. O editor denominava a nova sede da editora de a Casa da Casa.

Na ocasião em que a Livraria José Olympio foi fechada, em 1955, Carlos Drummond de Andrade escreveu a crônica *A Casa, era o nome* publicada no Correio da Manhã. Envolvido pelas lembranças da Casa, o poeta descreve momentos vivenciados por ele e por outros escritores que lá conviviam e partilhavam suas vidas.

SD 16 - Passei uma última vez pela Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor, para conferir minhas recordações com os objetos que a elas estão ligados. Daqui a um mês, esses objetos quedarão guardados em nós, uma caixa invisível, que abrange prateleiras, balcão, vozes, pensamentos, pessoas. Bem sei que a vida é “duração” e mobilidade, como ensina o filósofo, e não há razão de melancolia: a loja será desmanchada para se recompor em edifício novo, nós mesmos, com o tempo, seremos recompostos sob novas espécies, e o fato de não termos consciência física da permanência na transformação não impede o seu alegre desenvolvimento. Olhei para o velho Castilho e o Altamir, procurei o rapazinho Athos, que hoje é homem feito, perguntei pelo Daniel, que defende outro setor, por todos da velha guarda, e verifiquei de súbito que a própria saudade é dinâmica; eu estava ali há vinte anos passados, desembarcado de Minas, como o próprio José Olympio, de São Paulo...DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *A Casa*. Correio da Manhã, 1955. (Anexo 7, p. 100)

Na mesma crônica, Drummond registra ainda que José Olympio “criara uma coisa que não acaba mais. Essa coisa é a Casa. Entretanto, apesar de o sujeito-enunciador se referir à

Casa como “coisa”, logo em seguida atribui a ela sentimentos peculiares do ser humano como mágoa e felicidade. A personificação da livraria-editora está representada no discurso pela sequência “A Casa não pode editar um livro nessas condições, a Casa ficou magoada, a Casa está feliz...”

SD 17 - (...) não se tratava apenas de uma loja simpática. Era também uma editora revolucionária que lançava com ímpeto nomes conhecidos de pouca gente ou de ninguém. J. O., em geral, não emprega a primeira pessoa; diz: a Casa. A Casa não pode editar um livro nessas condições, a Casa ficou magoada, a Casa está feliz... O fato é que não se pode compreender a efervescência de ideias, de planos, o sentido socializante da literatura por volta de 35 a 37 sem a presença da Casa. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *A Casa*. Correio da Manhã, 1955. (Anexo 7, p. 100).

O poeta conclui a crônica dizendo: “De modo que aquilo era uma loja de livros, à primeira vista; mas tinha alma.”

Considerando que uma análise busca determinar os efeitos de sentidos produzidos em uma determinada materialidade discursiva a partir da análise das condições de produção em que os discursos se deram e das formações discursivas que o constituem, foi possível apontar no discurso sobre o editor José Olympio Pereira Filho três formações discursivas, a saber, a religiosa, a histórica e a política. Estas formações discursivas foram nomeadas em função da imagem a que cada uma corresponde, ou seja, a primeira foi a do editor predestinado, a segunda do editor herói e, a última do editor dos contrários. Também a construção da imagem da Livraria José Olympio associada à casa-grande está inserida na formação discursiva histórica.

Vimos que a formação discursiva do editor predestinado é sustentada em uma memória discursiva de formação religiosa garantida pelos sentidos de destino, prognóstico, origem e devoção, enunciados que no imaginário social brasileiro e de acordo com Chauí (2000, p. 5) despertam a ideia de que somos um *dom de Deus e da Natureza*. Nesta configuração o editor é apresentado como aquele que tem a honra de ser o indicado já na suas origens realizar a missão de editor da literatura brasileira.

Quanto à formação discursiva do editor herói, do desbravador a mesma está inserida na rede de sentido do discurso histórico que “narra os grandes feitos de homens e cidades cuja duração é finita e cuja preservação é a comemoração.” (CHAUÍ. 2000, p. 70).

Na construção da imagem do editor dos contrários a formação discursiva está inserida na rede de sentido do discurso político, do governante que “escolhido por Deus para ser o

pastor do Seu rebanho e dele cuidar como pai (isto é, como um senhor), [...] recebe a marca própria do poder: a vontade pessoal absoluta com que representa a vontade divina (Chauí, 2000, p 83).

A análise aqui empreendida procurou demonstrar o funcionamento do discurso, no caso o laudatório, acerca do editor José Olympio e da livraria-editora. Tivemos como ponto forte para a compreensão do funcionamento discursivo a afirmativa de que “o sentido não está já fixado *a priori*, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica do sentido (ORLANDI, 1994, p. 56).

Quando nos referimos à determinação histórica do sentido, não estamos falando de datas comemorativas, mas sim dos modos como os sentidos foram produzidos. Para tanto, levamos em consideração a constituição dos sujeitos e dos sentidos afetados pela ideologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim é JO, em traços brevíssimos: o ser convivente com os demais seres, e que aplicou essa inclinação natural na produção de livros, instrumento de comunicação e compreensão entre os homens, não pela unidade despersonalizadora, mas pela variedade. Retrato humano de um editor (Anexo 15, p. 111)
Carlos Drummond de Andrade

Nas primeiras décadas do século XX o editor José Olympio Pereira Filho passou a ser elemento fundamental para a legitimação tanto da literatura brasileira como dos autores nacionais. Sorá (2010) diz que a experiência de José Olympio foi colada à literatura porque o gênero precisava das bases de legitimação que a livraria oferecia.

À medida que o editor prosperava e alcançava ganhos, grande parte desses benefícios era revertida aos escritores editados pela livraria-editora. Com isso, a relação editor-autor que ao longo da história editorial brasileira sempre foi conflituosa, nesse caso de José Olympio, ao contrário, editor e escritores eram considerados entre si grandes amigos.

Observamos durante o desenvolvimento desta pesquisa que a posição ocupada por José Olympio no entremeio da literatura e da política proporcionou variações de representação da imagem do editor nos discursos de seus interlocutores; entretanto, todos esses discursos, que foram selecionados para a construção do nosso arquivo de pesquisa, pontuam a consagração de José Olympio como o editor que legitimou a literatura brasileira.

Para refletirmos sobre as possíveis derivas presentes nos discursos sobre o editor José Olympio Pereira Filho e sua Casa é importante ressaltarmos como a linguagem é entendida na Análise do Discurso Francesa.

Nessa concepção, como já explicado anteriormente, a linguagem é uma atividade transformadora e mediadora entre homem e sociedade num processo de constituição mútuo. Sujeitos e sentido são a condição da linguagem; entretanto, não estão completos, prontos, mas funcionam discursivamente em uma relação permanentemente constituída pela falta de poder tudo dizer. E é pelo fato de que tudo não pode ser dito que se abre espaço para a significação, para a constituição do sujeito e para a interpretação. É na falha, no equívoco do discurso que a produção de sentidos se faz.

Como dito na introdução desta pesquisa, o objetivo deste trabalho foi investigar os processos discursivos de produção de sentidos nos discursos sobre José Olympio Pereira Filho

e sobre a livraria-editora que contribuíram para a construção da imagem do editor e da editora na memória social brasileira, considerando a constituição de um arquivo como função dessa memória.

Entre as premissas que deram base para a estruturação dessa pesquisa está a relação entre memória e arquivo. O termo arquivo, como visto no primeiro capítulo desta pesquisa, pode ser compreendido em diversas acepções. Em sentido lato, por exemplo, arquivo pode ser entendido como um conjunto de documentos sobre determinado conteúdo, como é o caso do arquivo institucional da Livraria José Olympio. Nesse sentido, está frequentemente ligado às questões de preservação da memória, na medida em que funciona como um depósito de dados e fatos.

Já, de acordo com a visão de Foucault, arquivo não é reflexo de uma realidade material ou institucional, arquivo é, para o teórico, “aquilo que pode ser enunciado, que pode ser dito” (FOUCAULT, 2008, p. 147).

As concepções de arquivo mostradas nesta pesquisa tornam-se relevantes para entendermos que mesmo de maneiras diferentes “arquivo” continua associado às questões memorialísticas. A identidade dos indivíduos em relação a seus grupos é definida por questões de valores simbólicos. Entre esses valores é possível destacar a memória como fenômeno construído através de um trabalho de organização, que corresponde às expectativas do presente (Pollak, 1992), e elemento que faz parte do sentimento de pertencimento dos indivíduos tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Para entendermos a construção da imagem do editor José Olympio Pereira Filho e de sua Casa no contexto de uma memória cultural brasileira, procuramos responder as seguintes questões: Quais sentidos emergem dos vários discursos construídos em diferentes momentos sócio-históricos sobre o editor José Olympio Pereira Filho? De que maneira as relações de sentidos constituídas nesses discursos contribuíram para o delineamento e inscrição da imagem do editor na memória social brasileira?

A memória, de acordo com o conceito sociológico de Maurice Halbwachs (2006), é sempre uma construção social e coletiva. Portanto, sua constituição depende das disputas e jogos de poder para que seja legitimada.

Nos textos jornalísticos sobre o editor e a livraria-editora já estão determinados quais os sentidos que se tornarão hegemônicos. Nesse processo, a memória é seletiva. Os indivíduos conservam aquilo que na formação social vigente foi relevante. As comemorações em torno da figura de José Olympio e de sua Casa podem expressar estratégias de controle do passado para poder dirigir o presente.

Compreendemos que todo discurso está relacionado com outros, isto é, todo discurso é heterogêneo já que o sujeito não é dono daquilo que diz, tudo que é dito já foi enunciado por alguém em algum lugar em condições de produção diferentes. Por isso, Orlandi (2009, p. 35) afirma que os discursos não se originam em nós.

Vimos como o discurso jornalístico constrói memórias, como as palavras assumem diferentes significações, como o que foi dito poderia ter sido dito de outra maneira, como o discurso tenta dar sentido, mesmo que em diversas direções.

Vimos também que a condição da linguagem é a incompletude. Os sentidos e os sujeitos nunca se completam, convivem sucessivamente com o simbólico e de forma plenamente infinita. Por isso, os efeitos de sentidos analisados nesta pesquisa poderiam e poderão ser sempre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. *Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p. 205-230.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil: Notas em torno de Anatole Louis Garraux e da sua livraria em São Paulo. In: GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliografie Brésiliense*, 2ª. Ed. Fac-similar. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1962.

BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*: Niterói: EdUFF, 2007.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica - história, teoria e prática*. Coleção Margens do Texto. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivística: objetos, princípios e rumos*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BENJAMIN, Walter. *O narrador e A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, em Obras escolhidas. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 34ª Ed. Cultrix, 1996.

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Introdução a análise do discurso*, Ed. 2ª. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

BRAGANÇA, Aníbal. *Uma introdução à história editorial brasileira*, in: Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias, vol. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83.

Disponível em: http://www.uff.br/lihed/images/anibal_livros/historiaeditorialbrasileira.pdf. Acesso em 05 de março de 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. 4ª edição.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*; sob a direção do professor Pierre Brunel; tradução de Carlos Sussekind... [et al.] – 2 ed. – Rio de Janeiro. Jose Olympio, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1965.

_____. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de ler. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. *Formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. 1ª. Impressão da 1ª. Ed. De 1988. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2000.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

COSTA LIMA. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EduFSCar, 2009.

DODEBEI, Vera. *Memória e informação – interações no campo da pesquisa*. In: MURGUIA, Eduardo Ismael. *Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus*. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. pp. 59-78.

FERNADES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. S. Carlos, SP: Claraluz 2008.

FARIA, João Ribeiro. *Prefácio de Crônicas Escolhidas de José de Alencar*. In: *Crônicas escolhidas - José de Alencar - São Paulo: Ed. Ática e Folha de São Paulo, 1995*.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual Geral da Redação*. 2ª. Ed. Revista e ampliada, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 19º ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. 1. reimp. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

GENS, Armando. *Álbum de recortes: a literatura nos jornais (1870-1900)*. In: *Imprensa, história e literatura*. (Org. Isabel Lustosa). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 3. ed. rev. amp. São Carlos: Claraluz, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. Os estudos sobre a linguagem: uma história das ideias. <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling14.htm> - 22-05-2011.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva e memória*. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALLEWELL, Laurence. Prefácio. In: SOARES, Lucila. *Rua do ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006.

_____. *O Livro no Brasil: sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986, p. 503.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil – 26 ed.* São Paulo: Companhias das Letras, 1995.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano; Universidade Cândido Mendes; Museu de Arte Moderna, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão (et al.). 2°. Ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

MARIANI, Bethânia S. C. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998.

_____. *Discurso e instituição: a imprensa*. Rua, Campinas, 1999.

_____. *A Revolução de 30*. In: INDURSKY, Freda ; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*, Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999 a.

_____. *Arquivo e Língua Nacional: percursos de pesquisa*. In: TEDESCO, Maria Teresa & MEDEIROS, Vanice (orgs). *Travessias nos estudos da Língua Portuguesa: homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010. pp. 81-99.

MEDEIROS, Vanise Gomes de. *Discurso Cronístico: uma falha no ritual jornalístico*. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n.1, p. 93-118, jul./dez. 2004-* Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/05.htm>

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis –RJ : Vozes, 1985.

MICELE, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo : Companhia das Letras ; coedição Biblioteca Nacional, 2001.

MOISËS, Massaud. *História da literatura brasileira : Modernismo*. Vol. 3. São Paulo : Cultrix. 6a. Ed. Revista e atualizada, 2001.

_____. *A criação literária – Prosa II*. São Paulo : Cultrix, 2003.

MURGUIA, Eduardo Ismael. *A memória e sua relação com arquivos e museus*. In : *Memória : um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus*. São Carlos : Compacta Gráfica e Editora, 2010. 11-32.

NAMER, Gérard. Les institutions de mémoire culturelle. In : _____ . *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, n.10. São Paulo: PUC/SP, 1993.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. *Memória e discurso: um diálogo promissor*. In: O que é memória social? Jô Gondar e Vera Dodebei (orgs.). Rio de Janeiro: Contra-Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Segmentar ou recortar?* *Linguística: Questões e controvérsias*. Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984. (Série Estudos).

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *Discurso e Leitura*. 6 ed. Campinas: Cortez, 2001a.

_____. *Introdução as ciências da linguagem – Discurso e textualidade/ Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni Orlandi (orgs.)*. Pontes Editores: Campinas, SP, 2006 a.

_____; GUIMARÃES, Eduardo. *O conhecimento sobre a linguagem*. In: PFEIFFER, Cláudia C.. *Introdução às ciências da linguagem – Linguagem, história e conhecimento/Cláudia Castellanos Pfeiffer e José Horta Nunes (orgs.)*, Pontes Editora: Campinas: SP, 2006 b.

_____. *Nota ao leitor (1990)*. In: PECHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*; tradução: Eni Orlandi, 5ª. Edição, Campinas, SP, Pontes Editores, 2008.

_____. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. 6º Ed São Paulo: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. In: Gadet F, Hak T, organizadores. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas (SP): Editora da Unicamp; 2001.

_____. *Delimitações, Inversões, Deslocamentos*. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas: Unicamp/IEL, n. 19, jul./dez. 1990.

_____. *Sobre a (des)construção das teorias lingüística* (p. 07-31). In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre et alii. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *O discurso – estrutura ou acontecimento*. S. Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.

PEREIRA, José Mário (Org.). *José Olympio: o editor e sua Casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PONTES, Heloísa. *Retratos do Brasil: editores, editoras e 'Coleções Brasileira' nas décadas de 30, 40 e 50"*. In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice: IDESP, 1989. v. 1.

RAYNAUD P. *La comemorati3n: ilusion ou artifice?* *Le Debat*, nº 78, jan.-fev. 1994, pp. 104-6.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (org.) *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, M. Rosário. (orgs). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.

SOARES, Lucila. *Rua do ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 94-95

SORA, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. *Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e Literatura*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2011.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (org.) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.

Anexo I – Quadro dos Textos Jornalísticos que integram o arquivo de pesquisa

Título	Anexo e página
<i>1) Uma nova casa editora no Rio</i>	Anexo 1, p. 90
<i>2) A vitória de um bandeirante</i>	Anexo 2, p. 93
<i>3) 3 DE JULHO: Uma data do livro brasileiro</i>	Anexo 3, p. 94
<i>4) A Livraria José Olympio</i>	Anexo 4, p. 97
<i>5) O meu amigo José Olympio</i>	Anexo 5, p. 98
<i>6) Um editor de política</i>	Anexo 6, p. 99
<i>7) A Casa</i>	Anexo 7, p. 100
<i>8) A Crônica de uma livraria</i>	Anexo 8, p. 103
<i>9) 25 anos de atividade Editorial</i>	Anexo 9, p. 104
<i>10) Trinta anos de cultura e livros</i>	Anexo 10, p. 105
<i>11) Carta para José Olympio carta</i>	Anexo 11, p. 107
<i>12) Retrato de um País e de um Povo</i>	Anexo 12, p. 108
<i>13) O que pensava A. A. Lima de J.O: o duque de Olinda</i>	Anexo 13, p. 109
<i>14) José Olympio</i>	Anexo 14, p. 110
<i>15) Retrato humano de um editor</i>	Anexo 15, p. 111
<i>16) Quixote</i>	Anexo 16, p. 112
<i>17) José Olympio, octogenário</i>	Anexo 17, p. 113
<i>18) José Olympio: um semeador de livros</i>	Anexo 18, p. 114
<i>19) José Olympio, o mais brasileiros dos paulistas</i>	Anexo 19, p. 115
<i>20) José Olympio: O homem e a Casa</i>	Anexo 20, p. 117

Anexo nº. 1 - *Uma nova casa editora no Rio*

Reportagem publicada em *O Jornal*, em 4 de julho de 1934, sobre a inauguração da Livraria José Olympio]

UMA NOVA CASA EDITORA NO RIO

Como o Sr. José Olympio fala aos “Diários Associados” a respeito do programa de ação que tem em vista executar.

A audácia dos vinte milheiros — O “Bangüê” de José Lins do Rego — Os livros de Humberto de Campos — Obras antigas — Importação de franceses, americanos e alemães —
— Uma collecção para meninas — Um livro de José Américo de Almeida —



Aspecto colhido por ocasião da solenidade

O Sr. José Olympio dedica-se aos mistéres de livreiro desde tenra idade. Ele se iniciou como empregado humilde da Casa Garraux de São Paulo, quando apenas contava 15 anos. De empregado humilde, chegou a gerente e interessado da firma. E por último deixou-a para fundar uma livraria e casa editora, concorrendo com as grandes empresas de São Paulo.

Ele é, porém, paulista, e possui a audácia dos bandeirantes. Mal completou dois anos de atividade da editora e logo pensou em transferir-se para o Rio, onde teria maior campo de ação. E aqui está o Sr. José Olympio, com uma grande casa defronte da Garnier, na Rua do Ouvidor, cuja inauguração se verificou ontem.

Ontem mesmo lá estivemos. Tudo bem disposto. Pilhas de livros, como a quererem confundir-se com os autores, que já ali estão fazendo "ponto", antes mesmo de estar de portas abertas a livraria. José Lins do Rego, Amando Fontes, Jorge Amado, Valdemar Cavalcanti, os pintores Cícero Dias e Santa Rosa conversavam todos, uma conversa animada sobre as últimas novidades literárias e artísticas.

O ÚLTIMO LIVRO SAÍDO

Falamos ao Sr. José Olympio sobre seu programa. Ele é moço ainda, muito moço para o vitorioso que já é e sua mocidade leva-o a ter uma preferência especial pelos escritores novos.

— Ainda ontem — fala-nos um dos da roda — recusou o livro de um acadêmico.

— É o editor dos novos — disse-nos José Lins do Rego, o romancista de "Bangüê".

O Sr. José Olympio pega um exemplar desse livro e mostra-nos:

— Está vendo a capa? É de Cícero Dias. Interessantíssima, não é?

E depois de uma pausa, de pé ainda, com o olhar desviado a cada momento para as grandes estantes onde vários empregados colocavam livros.

— Tirei 10.000 exemplares de "Bangüê". Mas não diga isso pelos jornais. É somente aqui para nós. Do contrário podem querer levar-me para o hospício.

O editor dá uma risada e explica:

— Sim, chamam-me de louco, porque eu tiro edições assim. Mas estão enganados. Conheço bem o negócio. Tenho mais de vinte anos nisso. Já se foi a época em que o brasileiro não lia nada, em que uma edição de 500 exemplares era uma coisa do outro mundo. Hoje tudo está mudado. O brasileiro já vê com grande curiosidade os bons livros. E nós, editores, temos o dever de prestigiar o livro nacional bom, através do arrojado de grandes edições. Se de um grande romance como "Bangüê" eu não tirasse os dez milheiros, então seria melhor fechar as portas, perder as veleidades de editor. Tenho absoluta fé no sucesso desse livro, porque o conheço, conheço o bom gosto

do leitor brasileiro e conheço o alto espírito que é José Lins do Rego. E tanto apreço tenho ao seu valor que, conjuntamente com "Bangüê", tirei a segunda edição de "Menino de Engenho". E sabe qual a tiragem? 5.000 exemplares. Admire-se agora: a primeira edição foi de 2.000...

OS LIVROS DE HUMBERTO DE CAMPOS

O editor dá-nos a conhecer outras surpresas:

— Mas a maior tiragem que já se fez no Brasil de uma primeira edição ainda não é esta. É a segunda parte das "Memórias", de Humberto de Campos. Vou tirar 20.000 exemplares dessa obra notável. Humberto de Campos é hoje, indiscutivelmente, o escritor mais lido do Brasil. Sou editor de todos os seus livros recentes e me encontro bastante satisfeito e honrado por isso. Ainda ontem, mandei à impressão a segunda edição de seu último volume de crônicas. É "Sombras que Sofrem", cuja primeira edição de 6.400 exemplares saiu em abril último, menos de três meses, portanto. Estou vendendo os últimos volumes da terceira edição de "Párias", tendo tirado de cada edição 3.000 exemplares.

Faz uma pausa o Sr. José Olympio e agora, com o mesmo entusiasmo, alude à segunda parte de "Memórias".

— Se isso sucede com livros ligei-

ros, imagine então o êxito da continuação de "Memórias", que tanto comoveu o Brasil, tão profundamente humano é ele, valendo ao autor a simpatia e a admiração de todo o país, asseguradas através de cartas inúmeras que Humberto de Campos diariamente recebe. Da primeira parte de "Memórias", vou tirar agora a terceira edição, de cinco mil exemplares.

Pede licença o sr. José Olympio para dar uma ordem a um empregado e depois volta a falar-nos:

— A propósito, pode você divulgar que Humberto de Campos me prometeu, para logo depois da segunda parte de "Memórias", o seu "Diário de um enterrado vivo", história tocante de sua vida atribulada nestes últimos tempos, cheia de dores e sofrimentos.

AS NOVIDADES LITERÁRIAS

A seguir, o Senhor José Olympio fala de outros autores que vai editar:

— Só lhe falei, até agora, de Humberto de Campos e José Lins do Rego. Mas tenho outros a editar. Em breve, deverei dar ao público um novo livro de José Américo de Almeida. Vou também reeditar "A Bagaceira", o grande romance que tanto sucesso alcançou. Há um outro livro que também vai marcar época. É "A Rua do Siriri", de Amando Fontes, o conhecido romancista que a Sociedade Felipe d'Oliveira tão justamente premiou. Trata-se de uma continuação dos "Os

Corumbas", a história das moças depois da saída de casa. Um livro terrível.

Outra pausa e mais algumas novidades.

— Estou cuidando também de livros para crianças. Lançarei dentro de pouco tempo uma coleção que se denominará Menina e Moça. Notou que as meninas entre nós ainda não possuíam leitura? Acabados os contos de fadas e os livros de Monteiro Lobato, que poderiam ler enquanto não chegava à idade do romance? Para preencher essa lacuna, editarei livros que divirtam e proporcionem ao mesmo tempo certa cultura, falando de outras épocas e de outros países. Faço questão também de bons tradutores para não viciar a quem ainda está aprendendo a falar. Creio que estou certo do sucesso da nova coleção como dos benefícios que dela advirão para a educação da mulher brasileira.

OBRAS ANTIGAS

Entra nesse momento o escritor Luiz Edmundo. Vem à procura do Debret que fazia parte da biblioteca de Alfredo Pujol. O editor atende-o e volta a falar-nos.

— Vendi o Debret logo que comprei a biblioteca de Pujol, assim como vendi o Rugendas, o Chamberlain, o Ribeyrolles, a segunda edição de Jean de Lery, de 1580. Mas ainda tenho uma boa coleção de brasiliana: Príncipe de Wjed, edição "principis"

de Ayures de Cazai, Joster, Castelnaud e obra de St. Hilaire. Outra obra hoje bastante rara é a coleção completa da revista do Instituto Histórico, da qual tenho um belo exemplar.

O Sr. José Olympio chama-nos a atenção para as encadernações de luxo das bibliotecas que tem à venda e acentua:

— Só na Europa poderemos tornar a ver reunidos livros tão preciosos como os de Alfredo Pujol. Ele era um bibliófilo apaixonado, não perdia uma edição rara e, quanto às encadernações, mandava-as fazer em Paris. Adquiri sua biblioteca em fins de 1930, logo depois da Revolução, em plena crise e por custo bem elevado. Foi uma temeridade de que nunca me arrependi. Posso também a biblioteca do juriconsulto paulista Estevão de Almeida, cheia de boas coleções de livros de Direito e de Filosofia.

A IMPORTAÇÃO DE LIVROS

Agora, o Sr. José Olympio alude a seus planos de importação de livros:

— Tenciono mandar buscar lá fora tudo quanto aparecer de bom. Por enquanto, importarei apenas livros franceses. Logo mais, porém, virão americanos, ingleses, alemães e outros que interessarem a nós. Tudo farei no sentido de que os brasileiros não sintam falta de boas leituras, não fiquem no desconhecimento de grandes obras porque não haja quem as importe.

Anexo n.º 2 - A vitória de um bandeirante

A Vitória de um Bandeirante

Humberto de Campos

NA família de trabalhadores que fornece livros à fome intelectual do público, o editor é o parente mais próximo do autor. É, quase sempre, o parente burguês, o parente afortunado, o parente rico. E, por isso, o parente inimigo. Visitam-se os dois. Saúdam-se. Festejam-se onde se encontram. Mas, longe um do outro, desancam-se reciprocamente como podem: o editor sempre tem prejuízo com as edições do autor; o autor é sempre roubado pelo editor.

Esta crônica de hoje, registrando e comentando a inauguração, no Rio, de mais uma livraria, constitui, assim, uma originalidade no comércio de livros do Brasil: é o elogio de um escritor ao industrial que edita as suas obras literárias; e é a notícia de que há um homem de letras que tem o seu editor entre os seus melhores amigos, e proclama, no dia em que ele se instala na maior cidade do país, a sua inteligência, a sua correção, a sua honestidade, as suas qualidades de profissional e de cavalheiro.

José Olympio, cuja livraria será inaugurada esta manhã, à Rua do Ouvidor, entre a rua da Quitanda e a Avenida Central, merece, na verdade, estas palavras públicas de afetuosa simpatia. Mõco ainda, com pouco mais de trinta anos, pode ele anunciar, pelo caminho percorrido, a extensão que vai percorrer, e sempre em linha reta. Caboclo bandeirante, a sua marcha vitoriosa tem sido geograficamente oposta àquela que fizeram os seus antepassados... Os seus maiores rumaram do litoral para o interior, nas monções famosas, que o heroísmo tornou legendárias... José Olympio veio marchando do interior para o litoral... Nascido em Batatais, em S. Paulo, trazia, já, nesta origem, o programático de que seria na vida um devotado amigo da literatura nacional. Menino ainda, partiu para a Capital do Estado. E não tinha feito a barba pela primeira vez, quando se via, não com um livro na mão, mas com algumas dezenas de milhares como empregado da Casa Garraux, o tradicional estabelecimento paulista sob cujos portais passaram, nestes últimos quarenta anos, os homens mais eminentes do Brasil.

Aprendendo no livro a vida dos homens, e aprendendo na conversa dos homens a utilidade do livro, o garoto de Batatais tornava-se, em breve, a primeira figura da livraria em que entrara simplesmente para servir ao balcão. Amável, expedito, inteligente, identificara-se de tal modo com aquêle gênero de comércio, que era para ele que corriam os fregueses, pedindo informações sobre as novidades européias, consultando sobre as velhas edições. Apaixonado pelo livro raro, tornou-se bibliófilo. E os bibliófilos de São Paulo nunca mais compraram ou venderam volume antigo, picado de traça e cheirando a naptalina, sem consultar o ex-menino de Batatais.

Quando faleceu Alfredo Pujol, que possuía a biblioteca mais luxuosa e escolhida de todo o Brasil, houve um alvoroço entre os bibliômanos. Oferecida aos governos do Estado e do país por cem contos de réis, estes recusaram a oferta. E foi quando saltou do interior da Casa Garraux um rapagão moreno e alegre e, dirigindo-se à família do eminente crítico de Machado de Assis, declarou:

— Dou cento e cinquenta contos pela biblioteca!
José Olympio não tinha, talvez, cento e cinquenta mil-réis. Tinha, porém, amigos que lhe confiariam até cento e cinquenta mil contos. E tinha, como fortuna, e capital ainda maior, vinte e tantos anos e uma paixão louca pelo trabalho. E, ao fim de alguns dias, a opulenta e magnífica biblioteca de Pujol era exposta à visitação e à venda, parceladamente, numa apresentação admirável e imprevista, recuperando o bandeirante de Batatais o dinheiro nela empregado e ganhando, ainda, o que merecia pelo seu esforço inteligente. Em seguida, comprou e vendeu a biblioteca de Estevam de Almeida, outro apaixonado e colecionador de livros raros. E como já estivesse cansado de vender edições preciosas, resolveu fazer-se editor, e pagar os seus peccados lançando ao mercado nacional os livros banais de um sujeito chamado Humberto de Campos.

Marchando sempre para o litoral, chega, hoje, o editor José Olympio à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, instalando-se no ponto mais central e movimentado da metrópole. Com o seu tato dos negócios, adquiriu, já, e vai lançar os autores novos cuja vitória é segura. Ao lado do Passado, que se faz representar nas suas prateleiras pelos velhos mestres da língua e do espírito em edições de quatro séculos, acham-se o Presente, com o autores de hoje, e o Futuro, com os nãcos de agora, orientadores de amanhã. José Olympio vem, em suma, trazer sangue novo, e uma nova parcela de sonho e de coragem, ao comércio do livro, no Rio de Janeiro.

De hoje em diante há, assim, no coração pequeno da cidade enorme, um templo mais. É a livraria de José Olympio. É a casa do meu editor, que é meu amigo. E eu, para terminar este aviso, faço-o, com estes versos do velho parnasiano, que desejava ver gravados, como um convite, no alto de sua porta:

“Vós que buscais a senda da esperança,
Entrai: aqui há mundos luminosos
Num céu que a mão, por mais pequena, alcança!”

Anexo nº. 3 - 3 DE JULHO: Uma data do livro brasileiro

guradas através de cartas inúmeras que Humberto de Campos diariamente recebe. Da primeira parte de *Memórias*, vou tirar agora a 3ª edição, de 5.000 exemplares.

Pede licença o Sr. José Olympio para dar uma ordem a um empregado e depois volta a falar-nos:

– A propósito, pode você divulgar que Humberto de Campos me prometeu, para logo depois da segunda parte de *Memórias*, o seu *Diário de um enterrado vivo*, história tocante de sua vida atribulada nestes últimos tempos, cheia de dores e sofrimentos.

As novidades literárias

A seguir, o Sr. José Olympio fala de outros autores que vai editar:

– Só lhe falei, até agora, de Humberto de Campos e José Lins do Rego. Mas tenho outros a editar. Em breve, deverei dar ao público um novo livro de José Américo de Almeida. Vou também reeditar *A bagaceira*, o grande romance que tanto sucesso alcançou. Há um outro livro que também vai marcar época. É *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, o conhecido romancista que a Sociedade Felipe d'Oliveira tão justamente premiou. Trata-se de uma continuação de *Os corumbas*, a história das moças depois da saída de casa. Um livro terrível.

Outra pausa e mais algumas novidades.

– Estou cuidando também de livros para crianças. Lançarei dentro de pouco tempo uma coleção que se denominará Menina e Moça. Notou que as meninas entre nós ainda não possuíam leitura? Acabados os contos de fadas e os livros de Monteiro Lobato, o que poderiam ler enquanto não chegavam à idade do romance? Para preencher essa lacuna, editarei livros que divirtam e proporcionem ao mesmo tempo certa cultura, falando de outras épocas e de outros países. Faço questão também de bons tradutores para não viciar a quem ainda está aprendendo a falar. Creio que estou certo do sucesso da nova coleção, como dos benefícios que dela advirão para a educação da mulher brasileira.

Obras antigas

Entra nesse momento o escritor Luís Edmundo. Vem à procura do Debret que fazia parte da biblioteca de Alfredo Pujol. O editor atende-o e volta a falar-nos.

– Vendi o Debret logo que comprei a biblioteca de Pujol, assim como vendi o Rugendas, o Chamberlain, o Ribeyrolles, a 2ª edição de Jean de Léry, de 1580. Mas ainda tenho uma boa coleção de brasileira: Príncipe de Wied-Neuwied, a edição *princeps* de Aiures de Casali, Koster, Castelnau e a obra de St. Hilaire. Outra obra hoje bastante rara é a coleção completa da revista do Instituto Histórico, da qual tenho um belo exemplar.

O Sr. José Olympio chama-nos a atenção para as encadernações de luxo das bibliotecas que tem à venda, e acentua:

– Só na Europa poderemos tornar a ver reunidos livros tão preciosos como os de Alfredo Pujol. Ele era um bibliófilo apaixonado, não perdia uma edição rara e, quanto às encadernações, mandava-as fazerem Paris. Adquiri sua biblioteca em fins de 1930, logo depois da Revolução, em plena crise e por custo bem elevado. Foi uma temeridade de que nunca me arrependi. Posso também a biblioteca do juriconsulto paulista Estêvão de Almeida, cheia de boas coleções de livros de Direito e de Filosofia.

A importação de livros

Agora o Sr. José Olympio alude a seus planos de importação de livros:

– Tenciono mandar buscar lá fora tudo quanto aparecer de bom. Por enquanto, importarei apenas livros franceses. Logo mais, porém, virão americanos, ingleses, alemães e outros que interessarem a nós. Tudo farei no sentido de que os brasileiros não sintam falta de boas leituras, não fiquem no desconhecimento de grandes obras porque não haja quem as importe.

GENOLINO AMADO

3 de julho: Uma data do livro brasileiro

Texto lido por César Ladeira ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, no programa "Biblioteca do Ar", na noite de 3 de julho de 1942.

Querendo guardar a memória dos acontecimentos belos e bons, os gregos tinham o costume de assinalar com uma pedra branca os dias mais felizes da vida... E se essa tradição do mundo antigo houvesse continuado no mundo moderno, por certo uma pedra branca marcaria também na vida do livro brasileiro a data feliz que hoje vai passando... E passando tão silenciosa e modesta como se esse 3 de julho fosse um dia como todos os outros.

Mas, na realidade, esse dia é diferente. Há oito anos que é diferente, marcando qualquer coisa de novo na história do livro nacional, definindo um acontecimento que no calendário das letras brasileiras poderia ser assinalado até por uma pedra preciosa.

No entanto, esse 3 de julho não registra o aparecimento de nenhum escritor ou poeta, não evoca a revelação sensacional de nenhuma obra impressionante pelo valor literário, não relembra mesmo a fundação de nenhuma academia. Nada disso... A folhinha diz apenas que em 3 de julho de 1934 uma nova casa editora era criada no Rio, sob a direção de um homem moço, pobre, ainda quase desconhecido na capital do país, um homem que se fizera por si mesmo e que vinha disposto a fazer muita gente com a serena confiança da sua inteligência e da sua coragem, com o seu dom de iniciativa e principalmente com a sua crença sincera de que o Brasil poderia ler mais, ler melhor, desde que houvesse no Brasil quem estimulasse aos que escrevem.

Esse homem veio sem apresentação de ninguém. Nem esperou que lhe dessem a mão. Ele mesmo estendeu a sua mão para pedir ajuda, mas para dá-la aos homens da pena, para criar um novo ambiente na vida dos livros, para que não se perdesse, por falta de capacidade de realizar, o jovem anseio do Brasil em construir uma jovem cultura.

Era apenas um editor moço, no começo da carreira. Mas o dia que marca o seu aparecimento na indústria cuja matéria-prima é a inteligência tem maior significação do que muitas datas comemorativas de um livro, de um autor, de uma academia. Quantos livros não surgiram pelo dom desse homem de incentivar escritores, sugerir idéias de trabalho aos talentos preguiçosos ou desanimados, entreter a vibração intelectual não só do Rio como de todo o país? E quantos autores novos não venceram porque o tiveram para editar as suas obras, porque não lhes faltou para a inteligência desprotegida o amparo risonho desse homem que auxilia com simplicidade de quem parece não estar fazendo nada de mais, nem mesmo auxiliando?... E que melhor academia, mais palpitante da vida, mais significativa pelos valores que a freqüentam e prestigiam, do que a sua própria casa, já conhecida no Brasil inteiro como o centro de reunião, o ponto de convergência de escritores, poetas, críticos, homens de pensamento e de sensibilidade, todos os que realmente existem na literatura nacional?

Não é preciso explicar que editor é esse. Todos vocês já sabem, já o identificaram, pois só há no Brasil um editor assim. O mais distante dos ouvintes, o velhinho que lê sossegadamente os seus livros numa vila perdida do Oeste, o mocinho estudante que principia a se interessar pelos assuntos literários na sua pequenina cidade provinciana do Norte ou do Sul, já o conhece tão bem como o autor famoso do último sucesso de livraria. É, só pode ser José Olympio...

E o seu maior elogio está nesta verdade tão simples: quando se fala de um editor com tais virtudes, é impossível confusão; um nome salta logo à lembrança de todos, num consenso geral. Sem desmerecer das qualidades apreciáveis de outros, é justo dizer-se que José Olympio é inconfundível na história das edições nacionais. O seu aparecimento na indústria do livro marca uma fase nova, abre um novo caminho. Quando se fizer o estudo do que já se publicou e do que se publica no Brasil, o historiador naturalmente dividirá a sua obra em duas partes: antes e depois de José Olympio.

Ora, 3 de julho de 1934 assinala o instante auspicioso em que esse homem concretizou a sua obra nova na organização que dentro de tão pouco tempo se fez tão representativa e

tão conhecida no país inteiro. Hoje, ir a José Olympio, passar pela sua livraria, ser ou não ser editado por ele, constitui um assunto diário das rodas literárias, um motivo de conversa não só para os que escrevem como também para os que lêem.

Dedicada às questões da cultura brasileira, existindo no rádio para estimular o gosto do povo pelas belas coisas da inteligência e das letras, a "Biblioteca do Ar" não quis que o dia de hoje passasse sem uma homenagem despreziosa, mas sincera, a esse trabalhador de cabeça tão clara, de coração aberto para a simpatia humana, que tanto já fez pelo livro brasileiro e que tanto confiou na capacidade do Brasil para corresponder a uma iniciativa como a sua.

Além de justa, essa homenagem é necessária porque infelizmente ainda não se compreendeu aqui, na sua verdadeira importância e significação, o grande papel desempenhado pelo editor ou pela casa editora no desenvolvimento e no amparo à vida intelectual. Talvez por culpa dos que vieram antes, dos que nunca estimularam os escritores, dos que só viram um negócio sob o ponto de vista comercial, sem ver a influência da sua indústria na civilização adolescente do país, o editor ficou sempre uma figura apagada, perdida na sombra um tanto escusa dos seus interesses, sem projeção no verdadeiro plano da história literária.

Ora, o editor não é só isso. Ou, antes, quem é só isso não representa o autêntico papel de um editor. Este tem de ser, deve ser, uma força galvanizadora, um centro de convergência, uma fonte de irradiações estimulantes, um animador, um coordenador, um elemento de vida. Todas as grandes literaturas tiveram também os seus grandes editores, como os seus grandes poetas, romancistas e críticos. Quando a gente pensa em Zola, também salta ao pensamento a figura de Charpentier, o editor parisiense que amparou o gênio ainda desconhecido ou desdenhado do formidável realista do romance francês. Se Zola não tivesse encontrado esse homem, o que seria dele? É possível que tivesse ido para adiante sem o seu auxílio... Mas também é possível que desanimasse, que perdesse a esperança, que desistisse de escrever e se absorvesse noutra ocupação qualquer... Quem sabe se Zola não se tomaria um pobre-diabo qualquer, um infeliz descen-

te de si mesmo e do próprio talento? E o mundo não teria lido *Naná*, nem *Germinal*, nem *Terra Raquin*. E talvez Dreyfus não fosse salvo...

Imaginem o que seria de tantos escritores gloriosos da Inglaterra atual se ali não tivesse aparecido o americano Frank Harris, cuja famosa revista decidiu editar as obras dos jovens autores de talento que eram rejeitados pelas empresas já estabelecidas e dedicadas a imprimir a bagaceira literária de todas as mediocridades de medalhão!... Bernard Shaw, por exemplo, não encontrava editor em Londres. Cinco livros seus foram devolvidos pelas casas editoras como inúteis, indignos de ser publicados. O gênio da literatura britânica dos últimos tempos confessa que cansou as pernas e gastou a sola dos sapatos de pobre batendo de porta em porta, indo de Herodes para Pilatos, encontrando sempre frieza, indiferença, desprezo, humilhação. Cinco novelas rejeitadas, uma atrás das outras. Aos 40 anos, Shaw ainda era um autor quase inédito... Mas, um dia, Frank Harris leu um artigo assinado por três iniciaizinhas inexpressivas. Havia tanta inteligência na página de jornal, um pensamento tão novo, um estilo tão surpreendente, que o editor procurou descobrir quem era o homem escondido sob as três letrinhas misteriosas: G. B. S.... Soube, então, que era um tal de George Bernard Shaw. Mandou chamá-lo. Levou-o para a sua revista. Lançou o primeiro livro, uma das novelas desprezadas pelos outros editores. E a glória sorriu para Bernard Shaw! Sorriu tanto que esse próprio Frank Harris, tomando-se também escritor, compôs um livro inteiro sobre ele... E isso depois de ter escrito uma obra sobre Shakespeare e outra sobre Oscar Wilde...

Quem lê a vida de Jack London, essa bela vida tão cheia de poesia e de aventura, que inspirou a Irving Stone o mais notável dos seus livros biográficos, há de ficar impressionadíssimo com a influência decisiva que certo editor de Nova York exerceu sobre a carreira do mais popular dos escritores americanos. Na edição brasileira de *A vida errante de Jack London* - e esse livro apareceu graças também a José Olympio -, vocês viram que o mestre dos mestres no romance de aventura deve todo o seu destino literário a um editor. Foi num momento culmi-

nante da existência de Jack London. O pobre rapaz, que de seu só tinha o gênio de brilhar na cabeça, enquanto a fome gemia no estômago, o pobre rapaz chegara ao cúmulo da miséria e do desespero. Lutara como um herói para vencer nas letras, mas tudo parecia esforço inútil. Mandava os seus originais às empresas de publicação e os originais voltavam sem ao menos uma promessa, um consolo, uma palavra qualquer de estímulo. Ora, um dia ofereceram a Jack London um emprego de carteiro na Administração dos Correios de S. Francisco. O moço ficou numa dúvida ansiosa. Aceitar ou não aceitar? Aceitando, teria afinal o que comer, o que vestir; poderia ajudar a mãe que passava privações a seu lado, poderia casar com a moça que adorava... Mas seria também renunciar de uma vez à vida literária, seria levar a existenciuzinha tola e triste de um pequeno burocrata postal, de maleta nas costas, entregando de porta em porta o que os outros escrevessem. Não aceitar, porém, seria viver na miséria como tinha vivido sempre, seria a roupa esfarrapada, a despesa vazia, a mãe não agüentando mais aquele horror de pobreza total... Jack London parecia decidir-se finalmente. Aceitaria o emprego. Seria carteiro, renunciando ao sonho de ser escritor... Mas uma dúvida teimava em ficar, uma esperança não queria morrer... Nisso, batem à porta. Jack vai abri-la e vê alguém que parece a imagem irônica do seu destino falhado. Era o carteiro a lhe entregar um envelope com o carimbo de Nova York. O moço sorriu com amargura. Naquele envelope devia estar de volta mais um dos seus manuscritos, rejeitado como os outros. Seria o argumento final para levá-lo a desistir do sonho e enfrentar a vida prática na posição de empregado dos Correios. Mas, quando rasgou o envelope e começou a ler o papel que estava lá dentro, os olhos fuzilaram de alegria, as mãos tremiam tanto que já nem podiam segurar direito a carta, um arrepio passou pelo corpo todo. E alucinado, quase chorando de tanta felicidade, tonto de entusiasmo, com a vida cantando dentro dele, Jack London correu para a cozinha, abraçou a mãe, saiu dançando com ela como um louco, a gritar: "Mãe, ven-

ci! Venci, mãe! Encontrei afinal um editor que me compreende, que me ajuda!"

Era Mac-Clare, de Nova York... A inteligência desse homem, o seu dom de reconhecer e ajudar os jovens talentos, salvara toda a obra de um grande escritor. Se ele não tivesse aparecido, se fosse como os outros que só deram a Jack London frieza e indiferença, o autor de *Caninos brancos* teria sido um obscuro carteiro da Califórnia e nós não estaríamos falando dele aqui. Um mundo de beleza, centenas de personagens, histórias maravilhosas, romances de terrível intensidade dramática e contos de heroísmo e aventura teriam ficado escondidos, ignorados, na cabeça sem glória de um amargo e triste funcionário postal.

Por aí se pode ver a importância do papel desempenhado pelo editor. É o empresário das inteligências. Cabe-lhe lançar no palco os intérpretes da grande peça que a literatura representa em colaboração com a vida. É claro que o valor do espetáculo depende do valor dos atores em cena. Mas depende também do homem que fica por trás da cortina, daquele que prepara os cenários, do que sabe escolher os artistas novos, do que deixa entrar no teatro literário o astro futuro, ainda sem fulgor na obscuridade que envolve o seu nome.

Se a "Biblioteca do Ar" está hoje homenageando José Olympio, é porque esse homem tem sido o editor na plena significação dessa palavra, porque tem desempenhado no Brasil um pouco do papel desempenhado na Europa e na América pelos Charpentier, pelos Frank Harris, pelos Mac-Clare...

A sua obra ainda tem maior valor porque as condições livrescas do nosso país são mais difíceis do que em qualquer outra parte do mundo. Aqui até os homens de letras descreem de qualquer iniciativa nova para desenvolver a produção literária. Desanimar, ser desanimado em questão de livros já foi e talvez ainda seja um vício, um hábito, uma pose de intelectual... E isso vem criar mais uma dificuldade onde tudo já é tão difícil e penoso.

Mas José Olympio acreditava! Essa é a qualidade central que marcou a importância da sua intervenção na indústria livresca do país. A crença! Crença no Brasil, na capacidade do Brasil para ler mais, ler melhor do que estava lendo. Crença no escritor, no pró-

prio escritor que não acreditava em si mesmo. E todas as crenças novas espantam. Hoje, o que José Olympio faz, o que os outros também deram para fazer depois dele, parece muito natural, muito simples... Mas, no momento em que surgiu, como tudo era diferente! Como parecia absurdo o que ele tivera a coragem de fazer! *coragem*

Um exemplo, um pequeno mas expressivo exemplo serve para ilustrar essa observação... Era em 1934. Nesse tempo, um escritor provinciano aparecera de repente com dois pequenos romances que impressionaram. O autor chamava-se José Lins do Rego. Os livros intitulavam-se *Menino de engenho* e *Doidinho*. Os romances saíram em modestíssimas edições. *Menino de engenho* – que obteve logo depois o prêmio da Fundação Graça Aranha e tornaria José Lins do Rego famoso – teve sua edição de mil exemplares custeada pelo próprio autor! E não se pensava mesmo que um livro de ficção pudesse ter maior tiragem. O autor estava resignado com a sorte, que era, aliás, a de todos os romancistas da terra...

Mas José Olympio lera os dois livros. E viera para o Rio para desenvolver aqui a carreira de livreiro esboçada em São Paulo. Num gesto de audácia, decidiu propor a José Lins do Rego uma 1ª edição de 5.000 exemplares para o seu novo romance ainda inédito. Quando anunciou isso a alguns amigos, não foram poucos os que sorriram ou procuraram demovê-lo de tal loucura. Um editor pobre, no começo da vida, a fazer tais absurdos! Onde já se vira alguém comprometer-se a tirar 5.000 exemplares de uma obra literária? E, ainda por cima, de um autor novo que morava numa provinciazinha do Norte! Era maluquice. Mas a fé, a fé que morava em José Olympio, não se deixou intimidar. Partiu ele mesmo para o telégrafo a fim de enviar a proposta... Voltou minutos depois, com um ar estranho na fisionomia... Teria desistido à última hora? Não! Acontecera apenas isto: na hora de passar o telegrama, uma inspiração misteriosa, uma força irresistível da inteligência ou do coração, um ímpeto de coragem fizera o editor escrever dez em vez de cinco!

"É um homem perdido" – disseram muitos. Conta-se que o próprio José Lins do Rego não quis acreditar no que lia quando recebeu o te-

Anexo nº. 4 - A Livraria José Olympio

Quarenta Anos



José Olympio: 40 anos de grandes livros

A Livraria José Olympio

Graciliano Ramos

ESTÁ af um lugar onde se encontra excelente e abundante material para um romance, que poderia ser editado ali mesmo. E até admira que, andando por lá, tantos romancistas, ninguém tenha pensado nisso. Move-se diariamente em redor daquelas mesas uma boa parte da literatura nacional. Fervilham as discussões, enchem a casa, às vezes se prolongam até que se fecha a porta. Das duas vitrines da entrada aos bancos que se encostam à estante que há no fundo do estabelecimento formam-se e desmancham-se os grupos.

Há um ar de família naquela gente. Otávio Tarquínio deixa de ser ministro e Amando Pontes deixa de ser funcionário público. Vemos ali o repórter e viamos o candidato a presidente da República, porque José Américo aparecia algumas vezes, Luís do Rêgo é figura obrigatória e Marques Rebelo procura vítimas, distribui veneno a presentes e ausentes.

É uma galeria muito vasta, onde figuram críticos, sociólogos, ficcionistas, ensaístas etc. A pintura está representada por Santa Rosa e Portinari.

Nessa camaradagem em que as fronteiras sociais desaparecem, misturam-se as artes, tudo se aproxima. Luís Jardim ganha diversos prêmios, abandona os pincéis e muda-se para o campo dos literatos. Gilberto Freyre, Almir de Andrade e Hermes Lima não têm aparência de professores, e dificilmente se poderia saber que Peregrino Júnior, Gastão Cruls, e Rui Coutinho são médicos.

Murilo Mendes é apenas poeta, mesmo quando escreve política; Lúcio Cardoso é apenas romancista, mesmo quando faz artigos.

Há ali crentes e descrentes, homens de todos os partidos, em carne e osso ou impressos nos volumes que se arrumam nas mesas, muitos à esquerda, vários à direita, alguns no centro. O editor é liberal. Se tem simpatia para qualquer extremidade, oculta-a. Aparentemente está no meio; aceita livros de um lado e de outro, acolhe com amizade pessoas de cores diferentes ou sem nenhuma cor.

Os acadêmicos são raros.

— Sr. Ministro.

Alguns se dirigem assim a Otávio Tarquínio, mas isso não tem importância. Diante dela todos se sentem à vontade, falam como se falasse com Eloy Pontes ou Dias da Costa. Os títulos se sumiram.

A Livraria José Olympio daria um romance. Entre aquelas paredes, que para bem dizer não são paredes, porque os livros cobrem tudo, um observador curioso, um desses que vão lá todos os dias, poderia arranjar assunto para um bom romance, que o editor impingiria ao público facilmente numa edição grande, porque estaria fazendo propaganda do seu negócio. Jorge Amado viaja pela América do Sul, infelizmente. Mas os outros romancistas que vão ao Ouvidor 110, José Lins, Amando, Lúcio, devem ter observado ali coisas interessantes.

José Olympio pelo menos por enquanto, é uma espécie de Dauriat. Todas as encrencas econômicas, sociais, políticas, zumbem na livraria do número 110. Aquilo é um mundo. E, para ser mundo completo, encerra mulheres naturalmente. Rachel de Queiroz, Lúcia Miguel Pereira e Adalgisa Nery, duas romancistas e uma poetisa.

Anexo nº. 5 - O meu amigo José Olympio



Editor entre a ficção e a poesia: José Olympio abraça Guimarães Rosa (de gravata borboleta) e Luís Jardim (de paletó branco). Outra gravata borboleta importante, a do romancista Mário Palmério que tem à sua direita o poeta Thiago de Melo. Cyro dos Anjos, ao lado de Guimarães Rosa, reforça a banca da mineira na Editora José Olympio.

O Meu Amigo José Olympio

José Lins do Rêgo

QUANDO ainda era um quase menino e já gerent de várias livrarias de São Paulo, José Olympio recebeu de Antônio de Alcântara Machado um livro com esta dedicatória: "A José Olympio, que será um dia o editor dos novos do Brasil". A profecia do admirável Antônio de Alcântara Machado realizou-se em sua amplitude. José Olympio se transformou no maior editor de literatura já aparecido no Brasil. Foi editor de novos e de velhos, conseguindo para a sua casa um prestígio universal. Para tanto conseguir, José Olympio não precisou somente de ser o editor perfeito, o editor que se apaixonou pelos livros que faz: transformou-se no amigo que é o mais dedicado amigo que conheço. Ai está o segredo do seu sucesso. O sucesso de um homem que não mede sacrifícios para servir aos outros. Muitas vezes toma-se de tamanha paixão pelas causas dos amigos, como se estivesse numa competição pela própria vida. Homem desta natureza há de ser o mais querido dos homens. É o que aconteceu com José Olympio. Os seus amigos, desde o Zé Luis, o esplêndido Zé Luis, ao ministro Otávio Tarquínio de Sousa, são amigos que o têm na conta de irmão. José Olympio não dá um minuto de tregua às aflições do seu coração. É amigo em todos os instantes, em todas as horas, em todas as circunstâncias. As vezes parece um furacão da Jamaica. Mas é só parecer. Atrás da fúria está a ternura de quem tem sangue baiano nas veias, a doce ternura do homem de lágrimas que estão à flor dos olhos, como fonte bem em pé de serra. Es-

te é o maior José Olympio. Maior do que o editor que tem sido um gigante na tormenta, o editor de literatura que se projetou nos centros de cultura do mundo, com a sua casa que é modelo em tudo: na seleção de valores, na honestidade de comércio, no bom gosto da matéria que trata. Conheço-o há vinte anos, tenho-o na conta de amigo de meu peito, sei o que vale este paulista de Batatais. Tem ele os quatrocentos anos dos Junqueiras para a sua autenticidade de antigo sangue bandeirante, mas tempera-lhe os orgulhos de paulista aquela boêmia do velho major seu pai, baiano que nunca deixou de ser. Quando vejo o grande editor com os seus planos, com as suas iniciativas fabulosas, rapaz pobre que se projetou no Brasil com a força de um pioneiro, não me posso esquecer do outro, do José Olympio da mesa da Brasileira, das rodas do Hipódromo, cercado de amigos que o amam, que o colocam em ponto alto no grau de afeição. Ai se expande o bom baiano do major, o que não trabalhava para ser rico, mas que ama a vida pelas suas expansões de alegria. De quando em vez entristece, fecha-se em nuvens de nevoeiro, e todo ele entra nos pensamentos que doem como feridas abertas. Quando, porém, lhe nasceu o dia na alma, o verdor da vida dá-lhe aquele fulgor de aurora que o conduziu a editar o Quixote, o Dickens, a travar batalhas tremendas com o desconhecido. Vemos, então, o otimista acreditando no Brasil, acreditando nos livros que faz, com a alegria do pai que em cada filho descobre uma revelação de Deus.

Anexo nº. 6 - Um editor de política

LUX
JORNAL
RIO DE JANEIRO

Tribuna de Imprensa
RIO DE JANEIRO

24 JAN 1939

TRIBUNA PARLAMENTAR

436 JOÃO DUARTE, filho

UM EDITOR DE POLÍTICA

QUANDO José Olímpio começou a editar os livros de Getúlio não levou muita pranchada da imprensa porque naquele tempo mestre Lourival Fontes tinha, no Palácio Tiradentes, um lapis encarnado na mão, cortando tudo quanto quisesse cortar nas colunas dos jornais.

Talvez tenha começado aí a atividade de José Olímpio na divulgação, na interpretação, no conhecimento da história política do Brasil. As coleções de livros que ele já lançou neste setor, que agora está no compacto e grande livro de Otávio Tarquínio, bastariam até para que se tivesse uma visão completa, completa e profunda até, sobre a vida política do Brasil desde o primeiro império até este império getuliano de hoje.

Esta obra de divulgação dos documentos que informam sobre a vida política do Brasil é muito maior do que parece. Antes de José Olímpio os autores também se lançavam, os seus livros também eram vendidos, é verdade. Pegue-se, porém, um desses livros, do melhor autor que houver, de Manoel Bonfim, por exemplo, na sua série sobre o Brasil. São livros que dão logo vontade de botar fora, feios, acachapados como casa construída por mestre de obra.

José Olímpio viu logo que o livro "maçudo", o carapáto sobre história, sobre coisas graves deveria merecer também um cuidado de artista gráfico. E toda a sua coleção de "Documentos Brasileiros" é, desde o primeiro volume, uma série de livros matematicamente atraentes.

Outra grande iniciativa sua neste setor da história política foi a de elasticar os limites de seleção dos autores a publicar. Sem medo de lançar o autor desconhecido, o ensaísta inédito e sem nome conseguiu ele, só por isto, dar grandes livros ao público que se interessa pela política, pela história no Brasil. Fácil e bom será editar, hoje, o "Pedro I" de Otávio Tarquínio. Antes, porém, José Olímpio já lhe editara o "Bernardo de Vasconcelos" ou a "História de Dois Golpes de Estado", onde o autor, ainda sem o renome que tem hoje e, portanto, constituindo talvez uma temeridade para o editor, fez três ensaios que esgotavam definitivamente os assuntos escolhidos.

Este editor de obras políticas, com os livros de Getúlio que editou, lançou-se, como em uma temeridade, na confusão, no meio das controvérsias políticas que tanto apaixonam, separam e inimizam os homens. E saiu imune desta confusão, respeitado e querido porque nunca se fez exclusivista de facções, grupos ou parcialidades. Editava Getúlio ou seus panegiristas ao mesmo tempo em que lhe editava também os inimigos mais ferozes. A sua obra, soube ele fazer com que todo mundo compreendesse isto, era, no setor político, apenas a do livreiro culto que quer, apenas, servir à cultura.

Ontem, alguns dos seus editados fizeram-lhe uma festa e deram-lhe uma placa de bronze. Assino-a, agora, com esta crônica, precário editado seu que também sou e que nunca mais quero ser, nem dele nem de ninguém.

A Casa

Passsei uma última vez pela Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor, para conferir minhas recordações com os objetos que a elas estão ligados. Daqui a um mês, esses objetos quedarão guardados em nós, numa caixa invisível, que abrange prateleiras, balcão, vozes, pensamentos, pessoas. Bem sei que a vida é “duração” e mobilidade, como ensina o filósofo, e não há razão de melancolia: a loja será desmanchada para se recompor em edifício novo, nós mesmos, com o tempo, seremos recompostos sob novas espécies, e o fato de não termos consciência física da permanência na transformação não impede o seu alegre desenvolvimento. Olhei para o velho Castilho e o Altamir, procurei o rapazinho Athos, que hoje é homem feito, perguntei pelo Daniel, que defende outro setor, por todos da velha guarda, e verifiquei de súbito que a própria saudade é dinâmica; eu estava ali há vinte anos passados, desembarcado de Minas, como o próprio José Olympio, de São Paulo. Se alguns “viciados” da casa, como Graciliano Ramos, aparentemente tinham morrido, a glória do nome provava a mentira do desaparecimento. J.O. criara uma coisa que não acaba mais.

A livraria, a princípio, não tinha aquele lugarzinho nos fundos, com o banco para os escritores se sentarem para baterem papo (uma ou duas vezes, trocaram sapatos), esse banco preto que viera da biblioteca de Alfredo Pujol e está agora recolhido à sala de trabalho do editor como “o banco do Graciliano”. Lá era o escritório de José Olympio, que depois passou ao andar superior. Os literatos foram chegando, José Lins do Rego, Hermes Lima, Jorge Amado, Murilo Mendes, que acabara de converter-se ao

LUCILA SOARES

catolicismo ortodoxo, Marques Rebelo, a formosura de Adalgisa Nery, o pessimismo de Graciliano, Eneida cordial e sua gargalhada, a ironia de Tarquinio, os derrames de um, as mentiras de outro, e o local foi-se convertendo no que se chama um foco. Rapazes que desembarcassem de um "ita" do Norte ou do trenzinho fumacento de Minas tinham de ir, correndo, respirar aqueles ares ilustres.

Com esse colorido de vanguarda, não havia outra casa no Rio. Mesmo tendo o hábito de percorrer livrarias, era naquela que o escritor pousava para confrontar suas idéias com as dos confrades, para se sentir, não um consumidor de livros, mas um ser caracterizado e participante, às voltas com as dúvidas e complicações inerentes à sua natureza imaginativa e hipersensível, e desejoso de apoio e comunicação.

Por outro lado, não se tratava apenas de uma loja simpática. Era também uma editora revolucionária, que lançava com ímpeto nomes conhecidos de pouca gente ou de ninguém. Apresentava um livro diferente e elegante, formato padronizado, capa desenhada por Santa Rosa (o que nem sempre era fácil de conseguir, pois o Santa, como a felicidade, não estava onde o procurassem, ou nunca o procuravam onde poderia estar), e o aspecto gráfico e o prestígio da casa acendiam nos escritores o desejo de figurar em seu catálogo. José Olympio editou com o mesmo espírito autores da direita, do centro, da esquerda e do planeta Sírrio, e se aos de determinado matiz tocou um papel mais saliente durante certo tempo, isto se deve à tendência da época, aos rumos da sensibilidade, tangida pelos acontecimentos mundiais. J.O. logo se revelou excelente praça, pois não editava apenas, ficava querendo bem aos editados, interessava-se por eles junto a quem de direito, ajudava-os em silêncio, criava em torno da materialidade das relações profissionais uma coisa abstrata mas imperante, a que ele chamou a Casa. J.O. em geral não emprega a primeira pessoa; diz: a Casa. A Casa não pode editar um livro nessas condições, a Casa ficou magoada, a Casa está feliz... O fato é que não se pode compreender a efervescência de idéias, de planos, o sentido socializante da literatura por volta de 1935 a 1937, sem a presença da Casa. O romance sofrido do Nordeste, situado em 30, ganhou ali direitos de cidade. O modernismo, então ainda

RUA DO OUVIDOR 110

ridicularizado por jornais e salões, começou a funcionar como produto editorial, que o público julgaria diretamente. Os Documentos Brasileiros se converteram num laboratório de crítica, pesquisa social e interpretação histórica do Brasil. De modo que aquilo era uma loja de livros, à primeira vista; mas tinha alma.

A Casa continua.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Crônica publicada originalmente no *Correio da Manhã*, e, em
Fala, amendoeira, Record, 17. ed., 2002.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

30/08/55

Anexo nº. 8 - A Crônica de uma livraria

Estado de Minas
6/10/55

M L R

JORNAL LITERARIO

A crônica de uma livraria

É fato bastante comum tornar-se determinada livraria em ponto de reunião de escritores e artistas em geral. Ainda que haja outras casas mais luxuosas, em locais mais acessíveis, a preferência continua sendo por aquela primeira, sem que os "habitués" possam explicar, afinal, as razões que os levam a tal predileção.

Por volta de 1900, o intelectual que se prezasse não deixaria de passar pela Livraria Garnier, ponto de reunião das mais destacadas figuras de nosso meio literário. Machado de Assis, Coelho Neto e muitos outros demoravam-se ali em memoráveis chacinhas em que se discutiam os destinos das letras brasileiras bem como se profetizava a permanência ou o esquecimento dos nomes que se vinham evidenciando na imprensa do país.

Também no Rio de Janeiro, mas em época atual, uma casa logrou atrair as atenções dos intelectuais, convertendo-se em ponto obrigatório de reunião de numerosos e consagrados escritores, não só os da Capital da República, mas também aqueles que para lá se dirigem em busca de novidades para a sua provincia. Trata-se da Livraria José Olympio, situada na rua do Ouvidor, justamente defrente da célebre Garnier de dias idos.

Há cerca de vinte anos, a casa de José Olympio se dedicou á atividade editorial com sucesso surpreendente, publicando livros de autores então desconhecidos como José Lins do Régo, Graciliano Ramos e muitos outros. Fato curioso, na historia da livraria, são as anedotas que surgiram do longo convivio dos escritores, muitas delas fatos verídicos, que enriquecem a crônica literária do Rio.

Conta-se por exemplo, que Graciliano passava as tardes sentado numa cadeira nos fundos da livraria, fumando os seus inseparáveis cigarros "Selma" e ruminando o seu pessimismo. Um dia, Oto Maria Carpeaux, alarmado com o descrédito que caracterizava o intelectual moderno, sem possibilidade de sobrevivência econômica e sem o menor prestigio junto ás massas, assim lhe falou: "— Graciliano, nessa marcha nos vamos terminar pedindo esmolas. — Ao que o velho Graça, mais pessimista ainda, perguntou: " — A quem?"

Em torno do autor das "Memorias do Cárcere" contam-se ainda outras anedotas. Comprando o romance São Bernardo, comentou uma senhora com o caixeiro, na vista do escritor: " — Levo este, porque gosto muito de ler biografias de santos". E certa dama elegante perguntou um dia ao escritor se era verdade que estivera na Russia. Obtendo resposta afirmativa, e julgando que ele voltara de lá decepcionado com o comunismo, indagou-lhe numa comparação ilustre que servia ainda para exhibir seus conhecimentos: " — E' verdade que o senhor voltou da Russia, como André Gide? Graciliano, lembrando-se de uma particularidade de André Gide, que também contribuiu para sua fama internacional tomou um susto e repeliu a pergunta: " — Como Gide não, minha senhora".

Mas nem sempre foram de riso os dias da tradicional casa da rua do Ouvidor. Houve brigas também. Uma delas, a unica aliás que terminou em "vias de fato", se deu entre o romancista Marques Rebelo e o académico Osvaldo Orico. Exaltados os ânimos, os escritores lembraram-se de que suas mãos poderiam transformar-se em meios de expressão mais vigorosos que as letras rabiscadas no papel.

Há dias, porém, as portas da famosa loja se fecharam para que seja construído no local do antigo prédio um grande edificio. Mas os escombros das velhas paredes não conseguirão sepultar a crônica da livraria, nem as amizades que ali se firmaram, nem as idéias que ali se discutiram e se concretizaram, muitas delas, em valiosos volumes para as nossas estantes.

M. L. R.

Anexo n.º 9 - 25 anos de atividade Editorial

25 ANOS DE ATIVIDADE EDITORIAL

GILBERTO FREYRE

A FRATERNA amizade que há anos me prende ao editor José Olympio Pereira não deve impedir-me de juntar o meu aplauso às várias homenagens que ele vem recebendo pelo 25.º aniversário da sua atividade editorial. Quem diz José Olympio, não diz apenas um indivíduo, mas uma instituição. Quem diz Editora José Olympio não diz apenas um estabelecimento comercial, mas uma força, um ânimo, um espírito, há anos inseparável da cultura brasileira. Mais do que isto, José Olympio é um exemplo de que a iniciativa particular pode tornar-se tão nacional, tão pública, tão esplendidamente superior ao simples interesse privado quanto um ministério ou um serviço, dos que existem oficial e ostensivamente para atender às necessidades de um povo neste ou naquele setor. Ministar quer dizer servir; e neste nobre sentido, José Olympio vem sendo um dos melhores ministros que a chamada República das Letras tem há 25 anos a seu serviço no Brasil. Sua atividade editorial desde os seus começos vem se destacando da pura atividade comercial para elevar-se a serviço público; para assumir dignidade ministerial; para concorrer para o bem do Brasil e para o desenvolvimento da cultura brasileira com uma série de esforços organizados e sistemáticos que tornam a constelação dos Irmãos Pereira um grupo raro de beneméritos. Porque José Olympio contagiou a todos os seus irmãos com o seu exemplo; e hoje os Pereira formam no Brasil uma constelação editorial que até no estrangeiro é conhecida pela coesão do seu ânimo fraternal e pelo vigor do seu espírito público. Agem todos como se fôsem um só. Animados dos mesmos propósitos. Fiéis ao mesmo programa. E esse programa, traçado por José Olympio, quando ainda moço e romântico, vem sendo o de servir a "Casa" à cultura brasileira menos como uma empresa particular, ávida de lucros, que como um ministério, a serviço de um interesse ou de uma causa nacional.



Cabeça pesada... dolorida...
indisposição após as
refeições... tome logo

SAL de UVAS

PICOT



em seu inconfundível
envelope amarelo

É evidente! Se você sente azia... excesso de acidez... ou a cabeça "estourando"... normalize as funções digestivas, com o Sal de Uvas Picot - um anti-ácido refrescante e suave laxante. A vida é bem melhor com Picot!

SAL de UVAS
PICOT

é muito mais
saudável!

Anexo nº. 10 - Trinta anos de cultura e livros

do Ouvidor, ao fundo do qual estavam “os grandes”, num maravilhoso aquário inacessível... E para nós mais inacessível ainda era o sobrado da Rua Primeiro de Março, no qual José Olympio, no seu pequeno e imenso Olimpo, sancionava se devíamos ou não “entrar para a literatura”...

Lembro-me do temor que me acometeu ao tentar a difícil prova. Compareci enfiado, a pasta dos originais sob o braço, uma carta de Menotti del Picchia para garantir, ao menos, a seriedade da minha audácia. Para José Olympio, aquela visita era mais uma entre dezenas que lhe faziam diariamente. Sopesou as laudas escritas, sopesou-me, leu as linhas de Menotti. Era breve como um “Está entregue”, mas corria-me um frio fino nas vértebras. Disse que eu aparecesse – e seu vasto ar imperial tinha – ou me parecia ter – um halo de condescendente ironia. Apareci, vergado como um postulante; e o Leviatã me disse que os originais estavam com o Graça. O Graça, sim, Graciliano Ramos. Fugiu, espavorido. Durante um mês nem passei pela porta da Ouvidor, onde, lá dentro, o Graça fumava um cigarrinho, como se chupasse as minhas laudas. Quando ousei surgir de novo, Júpiter fulminou-me: “O Graça gostou; mas os seus originais se perderam. Tem cópia?” Não tive coragem de dizer que não tinha, e me prometi imediatamente escrever tudo de novo, porque a sua frase envolvia uma aceitação, um vislumbre de aceitação... Recomecei; mas, dias depois, Júpiter telefonou. Achara os originais, ia publicá-los, o Graça queria conhecer-me. E foi Júpiter que me apresentou a amigos queridos, a Geminiano Amado, a Murilo Mendes, a José Lins do Rego e ao Graça, o impenetrável Graça que me fumava pelo seu cigarrinho, e ao menino José Condé, que se divertia ao ver os sustos dos autores ante os recortes de crítica, e ao difícil, labiríntico Osório Borba, e ao bom mano Athos, e ao Altamir, que me encaminhava ao fundo do aquário da Ouvidor, e ao prestidigitador Luís Jardim, e...

O seu nome, no rodapé do meu livro, é que fez o meu, no cabeçalho. Não o digo por vaidade do meu, mas pela vaidade de quantos outros nomes que José Olympio fez com o seu, dando-lhes o carimbo de validade,

a carteira de identidade para poderem existir, nomes anônimos aos quais seu nome abriu as vitrines, os jornais, as próprias páginas dos volumes que edita. Fui um deles, pequeno, humilde nome. Não o teria sido, e nem teria o melhor que me deu, os meus melhores amigos, se não fosse José Olympio Pereira, fazedor de constelações e de meteoros.

RACHEL DE QUEIROZ

Trinta anos de cultura e livros

A Cigarra, Rio – fevereiro de 1962

A imprensa e os escritores brasileiros têm comemorado este fim de 61, com grandes fanfaras, os 30 anos de fundação da Livraria José Olympio Editora, ou, como a chamam os seus íntimos, “a Casa”. É uma marca para a cultura nacional esse aniversário. Trinta anos de livros na rua, 30 anos a lançar nomes obscuros que se tornam ilustres, 30 anos de edições primorosas, 30 anos de traduções das obras mais importantes na cultura ocidental; obra de um grupo de homens ligados quase todos por laços de família, mas ligados principalmente por um ideal comum: a fé na cultura e a confiança nos seus valores.

Curioso esse tipo de chefe do clã e da firma, o editor José Olympio. Procuo afastar, para falar nele, as interferências pessoais, meus sentimentos pessoais, os quase 30 anos de amizade e convivência que nos fazem praticamente irmãos. Procuo ver com olhos estranhos esse homem grande, de fala lenta, de máscara imperial, de modos autoritários: e fico a discutir comigo o que é que faz a singularidade do homem José Olympio entre os seus contemporâneos. Não é um letrado, embora viva entre os livros, dos livros, para os livros. (Ele cultivava mesmo a faceirice de se fazer muito menos letrado do que o é – talvez para evitar qualquer idéia de competição entre os seus editados. Nós gostamos de dizer, caçoando, que ele não quer é ser confundido conosco.) Não é um capitão de indústria, nem político, nem militar, nem do *society*. Não possui jornal nem estação de rádio (no entanto, ninguém tem melhor im-

prensa neste país). O que eu acho que J.O. é, na sua plenitude, é um homem. Na sua integridade, na sua generosa autenticidade, primeiro e acima de tudo um homem. Que participa como ninguém das angústias do seu tempo, que se aproxima como nenhum outro homem do seu semelhante. Entre os dons que Deus lhe deu, um dos mais importantes será, imagino eu, o dom de ser amigo. Na hora boa e na hora ruim. Para abrir champanhe e festejar um vitorioso, como para visitar, socorrer, consolar o que está sofrendo. O amigo que, no grande escritor, como no mais humilde auxiliar de balcão, sabe encontrar o traço comum de humanidade que os iguala a ambos, dando-lhes o mesmo testemunho de compreensão e fraternidade.

Dizemos que ele é editor porque ama os livros, mas isso é apenas uma parte da verdade. Pois J.O. ama os livros, mas não com aquele amor egoísta ou fetichista do bibliófilo, ou o do rato de biblioteca; o que ele ama nos livros é principalmente o seu significado social, o seu alcance e força civilizadora. Não lhe interessam grupos ou igrejinhas; não visa ao triunfo do momento, ao fácil best-seller. Pelo contrário, tem deixado lhe fugir muitos best-sellers legítimos, como se considerasse que esses não precisam mais de sua ajuda. Lançou-os, sustentou-os quando obscuros; ou em dificuldades; agora já podem voar com as próprias asas, deixa-os partir, com a sua bênção...

O que ele acredita é na cultura. No que ele tem fé não é neste nem naquele escritor, mas *no escritor*. O que ele procura não é vender livros indiscriminadamente, como quem vende repolhos; mas produzir, distribuir, tornar conhecidos os livros que mereçam divulgação.

E a sua paixão pega, como doença. De um a um os irmãos lhe foram seguindo as pegadas: Daniel, o vice-presidente da editora, o que tomou a si a “parte de Marta”: desdenha o brilho, não aparece nunca, é um trabalhador infatigável e uma das vigas mestras do complexo arcabouço da Casa. Antonio Olavo, que mais do que editor é escritor, excelente escritor, mestre da forma e um dos grandes introspectivos, talvez o mais dotado dos atuais representantes da linha Machado-Graciliano. Athos, um dos mais jovens em idade, mas dos mais antigos na editora, é o

Anexo nº. 11 - Carta a José Olympio

O que pensava o vitorioso romancista de:

- CAPITÃES DE AREIA
- MAR MORTO
- JUBIABÁ

Sobre a Editora José Olympio em Dezembro de 1962.

Rio, 19 de dezembro de 1962

Meu querido José Olympio:

Um dos motivos que me trouxeram ao Rio foi o desejo de participar da homenagem que seus amigos e admiradores vão lhe prestar, depois de amanhã, pelos seus sessenta anos. Seu amigo e seu admirador dos mais fiéis e antigos, seria uma alegria para mim abraçá-lo pessoalmente. No entanto, sou obrigado a embarcar amanhã para a Bahia, e, assim, não estarei presente. O nosso Enio Silveira — uma espécie de José Olympio da nova geração — é portador de meu abraço de calorosa afeição.

Meu caro José, nenhuma homenagem mais justa, perdoe o lugar comum. Se em nosso país já se prestasse atenção real às coisas da cultura, se o governo atentasse nelas, você teria todos os títulos e condecorações e vantagens e considerações, um bocadinho de coisas às quais você não dá maior importância. Você tem muito mais do que isso: tem a amizade dos escritores, artistas e editores brasileiros, conscientes da obra que você realizou. Nesse quarto de século é difícil apontar-se um nome com maior contribuição ao desenvolvimento de nossa cultura. Se começamos a ter, no Brasil, a profissão de escritor, moral e materialmente importante, a quem o devemos mais do que a você?

No dia em que se escrever a história da grande obra realizada por José Olympio, terei um depoimento a prestar. Sinto hoje a satisfação de ter sido funcionário e editado da Casa nos seus inícios, nos tempos heróicos, quando você iniciou uma revolução em nossa indústria editorial. Outros haviam realizado algumas escaramuças, entre eles o inesquecível Gastão Cruis. Mas foi você quem fez a revolução, mudou os dados do problema, acreditou na literatura nacional, em nossos escritores. Eramos uns meninos rebeldes e agressivos e o moço paulista nos deu o apoio necessário. Você se lembra do telegrama para Zé Lins propondo a edição de dez mil exemplares para "Banguê"? Zé Lins pensou que fôsse uma brincadeira. Já naquele tempo sua virtude fundamental era o poder de ser amigo e solidário. Eram tempos de briga e andávamos, com as colorações mais diversas, sendo presos, perseguidos, não havia dinheiro. Você procurava tirar gente da cadeia, arranjava dinheiro, editava mesmo os mais subversivos inimigos do Estado Novo, generoso e intrépido. Você e sua obra cresceram junto com a literatura brasileira moderna, estão para sempre ligadas. No fundo das províncias os jovens literatos sonhavam ter seu livro editado pela José Olympio. Tanto quanto qualquer mulher fatal, você perturbou o sono dos jovens com talento. Uma beleza de vida, José Olympio.

Mesmo depois de deixar de ser funcionário e editado seu, jamais me considereí desligado de sua obra e de você pessoalmente. Seu amigo — vivemos tanta coisa juntos que a nossa amizade não poderia jamais ser abalada — e seu admirador, estive, por assim dizer, presente a cada sucesso seu, a cada iniciativa em benefício da literatura e do escritor brasileiros, vi crescer em monumento de cultura aquele sonho que você plantou e floresceu. Feliz de ter nele colaborado. Estou batendo esta carta e ao mesmo tempo, emocionado, recordo dezenas de fatos acontecidos naquele tempo inicial. Você se lembra de Graciliano preso e você editando "Angústia" com o velho na cadeia, cometendo assim um crime contra os donos do poder e, ao mesmo tempo, fazendo maior a nossa ficção, para sempre maior? Mas não vou contar casos, ainda não me sinto na idade das memórias. Um dia, contarei.

Quero é lhe trazer meu abraço, José Olympio, estar de qualquer maneira presente a esta festa de amizade e gratidão. Dizer-lhe muito obrigado e desejar que você viva muitos e muitos anos prosseguindo seu trabalho, dando a seus amigos o calor de sua afeição, mestre José Olympio, grande brasileiro.

Seu amigo afetuosamente


Jorge Amado

Anexo nº. 12 - Retrato de um País e de um Povo



Fotografia faz história: Vargas visita o escritório de José Olympio na Praça Quinze. Afonso Arinos de Melo Franco conversa com o presidente da República, Rosalina Coelho Lisboa, de vestido es tampado, é toda atenção. José Olympio todo de branco (gravata também branca) aparece à direita. Getúlio Vargas vinha de publicar "A nova política do Brasil".

Retrato de um País e de um Povo

Afonso Arinos de Melo e Franco

ROMA, 24 de setembro de 1971.
Meu Caro José Olympio,
Com as memórias de Cândido Mota Filho, a Coleção Documentos Brasileiros completa 150 títulos.

E uma feliz oportunidade que isto aconteça através da recordação de uma existência exemplar, como a do ilustre brasileiro de São Paulo, sempre presente, e muitas vezes na primeira linha, aos mais diversos e complexos episódios da gestação do Brasil moderno. Nas letras, Cândido Mota Filho foi atuante no movimento modernista de 1922, para evoluir, com outros companheiros daquela rebelião libertária, até à Academia Brasileira. Na política, continuador da tradição paterna dentro dos quadros do partido que fundou a República, chegou a Ministro de Estado. No direito, alcançou as honras mais altas que essa ciência oferece, na cátedra da Faculdade do Largo de São Francisco e no hemiciclo do Supremo Tribunal Federal.

Mas todos esses títulos correspondem e consagram apenas as qualidades humanas do escritor paulista, a riqueza da sua afetividade, a sua austeridade sem alardes, a sua doce filosofia, ao mesmo tempo cristã e heraciana.

Com o número comemorativo de uma etapa vencida, nossa Coleção festeja um brasileiro que enobrece o tempo em que vive.

Mas ela própria, a série de livros memoráveis editados pela Casa, iniciada por Gilberto Freyre, continuada por Octávio Tarquínio de Sousa, e que hoje tenho a honra de coordenar, ela própria, a nossa Documentos Brasileiros, constitui um dos maiores momentos da cultura nacional.

Parodiando a frase latina, pode-se dizer que nada do que for brasileiro lhe será estranho.

Nossa terra e nosso povo nela aparecem de corpo inteiro, em estudos muitos deles clássicos, (no sentido que Sainte-Beruve atribui a este qualificativo), alguns não só de reputação nacional, como de repercussão internacional.

A geografia, a história política, a história literária, a crítica, a sociologia, a biotipologia e a caracterologia, a história das idéias, a filologia, o folclore, o urbanismo, a interpretação sociopsicopolítica, a evolução da técnica e do trabalho, a biografia, a história administrativa, a etnografia, a colonização, a miscigenação, a história religiosa, a história militar, a história econômica, e finalmente, as memórias, eis o vasto campo, pode-se dizer a totalidade do Brasil, no seu

corpo, na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças, que se acha reunida ao vivo, em 150 obras todas belas, algumas excepcionais. O conjunto delas forma uma construção bibliográfica que faz honra à nacionalidade.

A Coleção é a nau capitânia de sua frota numerosa, meu caro José Olympio. Embora comercialmente talvez não se destaque, entre outras realizações da Casa, em permanente crescimento, a verdade é que a Documentos Brasileiros representa hoje, como fez ontem e como fará amanhã, o sentido puramente brasileiro da obra empresarial e cultural a que você dedicou a existência, com o apoio dos seus irmãos e filho, e com a colaboração de amigos velhos, entre os quais me inscrevo, há perto de quatro décadas.

Percorrer o índice da Documentos Brasileiros é uma experiência ao mesmo tempo melancólica e consoladora. E relembrar, ao lado de nomes de mestres consagrados, há muito desaparecidos, as imagens daqueles que conosco conviveram de perto, mas que também já se foram, bem como as figuras de esquecidos companheiros de geração em plena produtividade, ou de jovens que abrem a sua rota e serão os mestres de amanhã.

Um país tem sua perenidade cultural nesse constante movimento. O aprimoramento de uma cultura em expansão processa-se por esta incessante afluência, que aumenta a herança nacional sem desfigurá-la.

O círculo perfeito de uma cultura fechada indica estabilidade e primor, mas também morte. Assim o helenismo, o arabismo e o renascentismo, o enciclopedismo completaram seus ciclos. Nossa cultura, com tantos e tão várias influências, lusas, africanas, asiáticas, nórdicas, indígenas, além de outras, não se estiola em realizações finais: antes sua marca permanente está na mutação. Esta mutação coordenada, em torno ao que podemos considerar os pólos de atração de tradições e de esperanças comuns, é que faz a força do Brasil novo, isto é, do Brasil de sempre, que acompanha o tempo universal.

Hoje um homem da minha geração pode olhar com confiança — além de amor — o futuro de seu povo.

Ele está indicado, no mais alto nível de possibilidades, nos mais altos padrões de inteligência, pela estante de livros que já constitui a Coleção Documentos Brasileiros, a qual, certamente, esperará a mutação e a permanência do Brasil.

Anexo nº. 13 - *O que pensava A. A. Lima de J.O: ainda o duque de Olinda*

O QUE PENSAVA ALCEU AMOROSO LIMA DE JOSÉ OLYMPIO Ainda o Duque de Olinda

Tristão de Athayde

O grande aniversário cultural deste ano vai ser, sem dúvida, o cinquentenário da Editora José Olympio. Iniciava o Brasil, em 1930, nova fase de sua era republicana e S. Paulo ainda acordava estremunhado do pesadelo de 1930, quando um jovem filho de Batatais, com escassos 29 anos de idade e ainda mais escassos haveres, se lançava, afoitamente, à mais bela e incerta das aventuras, a fundação de uma nova editora. Começando do nada e vencendo as mais árduas vicissitudes, tanto pessoais como editoriais, conseguiu o nosso patriarca, nesse meio século, alcançar este ano uma consagração nacional, que nenhum dos seus antecessores pôde atingir. Quando, em 1972, o nosso incomparável peregrino dos livros chegou aos setenta, tive ocasião de expressar, em curtas mas profundamente sentidas palavras, o meu afeto e a minha incondicional veneração. Como, durante esses últimos oito anos, tanto um como outra só têm crescido, julgo ser a melhor homenagem, que lhe posso prestar, a transcrição desse artigo, confirmando e multiplicando tudo aquilo que então tentara exprimir nas seguintes palavras.

Para quem dá valor às palavras, e de modo particular às qualificativas, é sempre com muita hesitação que nos permitimos aplicar algumas. Bom, está bem. Melhor, vá lá. Mas, ótimo ou sobretudo o maior? Acodem sempre as comparações. Os outros. A relatividade dos valores humanos. A contingência dos juízos subjetivos. A lição do understatement britânico, segundo o escritor espanhol Julio Alcarce: "Quando nós dizemos de alguém que es um genio imortal, os ingleses o qualificam de distinguished scholar... E basta. Mas bastará para o maioral dos nossos livreiros? E, para que não dizer, dos nossos livros? Resolveu ele encerrar o ano de 1972, lembrando-se de que também nasceu em 1902, como tantos outros brasileiros iustres, com a literatura brasileira do

século XX. Com ele, porém, não tenho a menor dúvida de empregar o comparativo máximo no seu território humano: é o maior editor que até hoje teve a nossa literatura. E dificilmente será desbancado dessa incômoda posição singular, pelos seus sucessores.

Sua posição no século XX se apresenta em sentido diametralmente oposto a do nosso maior editor do século XIX. Dizia-se, com razão, que a Casa Garnier passou a vida explorando os escritores brasileiros. No século XXI poderão dizer que, no século XX, se invertem as posições. E se não foram os escritores brasileiros que exploraram o maior dos nossos editores, é que, na mansão olimpica, encontraram sempre uma lareira e uma família. Nunca um explorador da pena. E muito menos das penas alheias. Dispensamo-nos de repetir as cifras alucinantes de edições (média anual: 100 títulos novos) promovidas por esse homem providencial, que o maior dos seus editados (reitero o pecado latino, sem remorso...) alinhou no aniversário do patriarca bibliográfico de Marquês de Olinda. Assim como outras informações revelaram, então, para quem as desconhecia, as acrobacias impressionantes e arriscadas, que elevaram o menino paupérrimo de Batatais (que olhava com inveja a bicicleta do companheiro José Frederico Marques, único da turma de madrugadores imberbes, da então remota vila paulistana, a possuir tão avançado engenho de progresso) à posição singular que hoje ocupa no alto de nossa vida cultural contemporânea.

A maioria dos provincianos pobres, que conquistam as grandes capitais, fazem-no geralmente a golpes de cotoveladas. Ou fechando cuidadosamente o coração. Deixando-o em casa, como dizia um conde milionário a meu pai, quando foi interceder, junto dele, por um ex-colega comum então em dificuldades financeiras, e cuja residência

lhe fora hipotecada. A vida em São Paulo e no Rio, do menino pobre de Batatais, foi marcada exatamente pelo procedimento oposto. Quando se fizer a história secreta do nosso José Olympio, o que não se sabe excederá de muito o que já se sabe. Foi sempre dando que recebeu. Foi sempre perdendo que ganhou. Foi sempre ajudando que venceu. Mas, tudo isso, com muita cautela e também muita imprudência. Cautela no cuidado de nunca dar murros em faca de ponta e de sempre estar de bem com os de cima. Como vêm, não estou fazendo uma apologia, mas um retrato realista de uma criatura humana que passou, por si mesma, do nada ao tudo, e não de uma estátua de museu de cera. A única cera dessa figura humaníssima, de muita carne e pouco osso, é a do seu coração. Imprudência, por outro lado, ao que dizem, no modo de administrar seus próprios bens. Será o lado noturno desse astro luminoso de nossas letras.

Mas o segredo do que representa aquela casa envidraçada da Rua Marquês de Olinda, para nossa literatura contemporânea, é precisamente ser uma encruzilhada, um pique, uma praça aberta à inteligência e à liberdade, por onde circulam escritores ou escreventes de tendências afins ou contraditórias, num sadio pluralismo e respeito recíproco, que será um verdadeiro modelo, até mesmo para a nossa vida pública, hoje desgraçadamente em situação diametralmente oposta. Pois a grande virtude dos olímpicos é, precisamente, representarem um oásis, um refúgio, um alívio e afinal uma grande lição para todos nós, editados ou não por esse setentão, que irradia, em torno de si, tal aureola de mansidão e de paz, que só nos devemos arrepender, como ora o faço, de não respirar com mais frequência o ar oxigenado que enche os nossos pulmões, e purifica a nossa inteligência, naquela Tijuca urbana do melhor convívio humano.

Anexo n.º 14 - José Olympio

LUX
JORNAL

ÚLTIMA HORA
Rio de Janeiro

7 ABR 1987

VASP - a empresa aérea que melhor conhece o Brasil.

ADONIAS FILHO

7/4/87

José Olympio

NÃO creio que se possa levantar a história da cultura brasileira, nos últimos 50 anos, sem que se torne obrigatória a imediata citação de José Olympio. Hoje, quando a casa que fundou completa o cinquentenário, é bom lembrar o paulista de sangue baiano que chegou ao Rio após a Revolução de 30. E chegou para cumprir uma missão complexa e difícil que era a de articular o escritor brasileiro com o povo. Tornava-se evidente, naqueles idos que, apesar de todos os obstáculos que bloqueavam a indústria do livro – como a falta de equipamento moderno no parque gráfico e a ausência de uma rede de transportes para a distribuição –, havia um povo a reclamar o País nos problemas e nos costumes, em sua leitura. Monteiro Lobato demonstrara antes que, se louco existisse, tomasse a missão quase impossível: editar escritores brasileiros para brasileiros.

O livro de autor brasileiro era nada mais e nada menos que um órfão. Procurá-lo e fazê-lo, pois, era mais sacrifício de sacerdote que trabalho de industrial. Sempre há um inovador, porém, que tem a coragem de quebrar a rotina e enfrentar os fantasmas. E foi mesmo essa vocação de insurgente e inconformista que trouxe José Olympio de São Paulo para, cumprindo um destino, impor novas relações entre o povo e o escritor brasileiro.

José Olympio, ao se estabelecer na Rua do Ouvidor, e apesar das aparências, não abriu uma livraria. Ergueu uma praça de guerra como se fosse um selvagem a lutar pelo maior veículo de uma civilização que é precisamente o livro. E guerra dura que tantas vezes provoca o desânimo, mas ele não permitiu que perdesse a ofensiva até que a orfandade do livro brasileiro acabou. As coleções realizadas, de romances, poesias e uma brasileira como a **Documentos Brasileiros**, estão nas bibliotecas a provar como José Olympio fez a guerra em favor do livro brasileiro. As gerações literárias durante este meio século, que foram herdeiras dos modernistas porque concretizaram as suas reivindicações, encontram naquela casamata a base da irradiação. Não seria justo citar-se um ou outro nome – como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso Guimarães Rosa – porque a verdade é que todos os estreates, a partir de 30, ali tiveram a oportunidade e encontraram o sucesso.

O escritor brasileiro, alguns anos depois que José Olympio se instalou na Rua do Ouvidor – com a velha livraria logo se convertendo em ponto de encontro da inteligência –, não tardou a saber que contava com ele para tornar seu o mercado do seu próprio País. A autonomia do livro brasileiro de literatura, em consequência, que passou a circular como mercadoria de interesse econômico através de uma indústria de fato e que hoje responde pelos **best-sellers** nacionais, foi uma conquista dele, José Olympio. E, se agora temos um campo editorial feito, que reclama a ficção brasileira como gênero de primeira necessidade, não será difícil concluir o que exigiu de esforço, perseverança e trabalho.

É preciso não esquecer, porém, que José Olympio, ao tempo em que integrava o livro brasileiro no processo industrial e comercial, renovava-o graficamente com a mobilização de artistas como Santa Rosa, Osvaldo Goeldi, Poty e Luiz Jardim. E, efetivamente, um pouco mais do que isso porque, ao lado da preocupação artística, sobressai o programa que – partindo da própria afirmação do livro brasileiro – não ignorou as reedições. Sílvio Romero, por exemplo, retornou às gerações mais recentes. Mas, editor de brasileiros, sem cálculo possível dos estreates que lançou por instinto profissional, José Olympio jamais ignorou que a literatura é uma só na variação nacional de suas manifestações. É o que explica se tornasse o lançador criterioso, em língua portuguesa, de grandes romancistas de todos os povos e a eles associasse, como tradutores, os melhores ficcionistas brasileiros. A incorporação que conseguiu, e se consultarmos o catálogo, é realmente extraordinária.

É por tudo isso que, ao apresentar-se a biografia de José Olympio – a convivência larga e íntima com os escritores contemporâneos –, será inevitável a evocação de um tempo cultural à sombra dos acontecimentos e das figuras. Muito do País, e da melhor parte do País, esteve nesse tempo. Hoje, porém, tudo o que conta, quando tantos se abastecem da semente da Rua do Ouvidor, é a certeza de que não há comenda ou moeda que pague a José Olympio. A gratidão, e tão somente a gratidão de todos, é o único resgate possível para tamanha contribuição cultural.

Anexo n.º 15 - Retrato humano de um editor

437
**Carlos
 Drummond
 de Andrade**

*Retrato humano
 de um editor*

No momento, os escritores prestam homenagem a José Olympio Pereira pelo cinquentenário de fundação de sua famosa livraria-editora. Unânime, o louvor é centrado neste ponto: o que o JO faz pela literatura brasileira, lançando autores inéditos e criando mercado para o livro em geral, torna-o benemérito da cultura: um civilizador.

Mas sua personalidade não se esgota nesse fazer profissional de interesse público. Ele é também o homem que se apaixonou pela vida como oportunidade de relação com o Outro: a vida como ponto de encontro de sensibilidades e consciências.

José Olympio, desde os primeiros tempos até hoje, recebe os amigos da Casa com a doçura e a gravidade de quem marcou reunião para examinar os negócios do mundo e "resolvê-los" afetuosamente. Ouve, pondera, diverge e discute, sempre fiel a este princípio: a discordância não importa. Importa é a convivência pacífica em torno da xícara de café, quando todas as opiniões, inclusive as absurdas, podem ser enunciadas sem que nada altere a mistura curiosa de otimismo-pessimismo (ou pessimismo-otimista) que faz do dono da casa um homem preocupado com a sorte da Terra, especialmente do país, mas possuidor de uma ímbitável esperança.

O papo na sala do editor prolonga-se em bilhetes que ele manda aos interlocutores mais chegados, seja comentando o que cada um escreveu no jornal, seja enviando-lhe recortes de matérias jornalísticas que tenham escapado ao amigo. Devorador de jornais, gosta de catar neles a referência simpática, que sublinha a grossos traços vermelhos, para que não escape à atenção do destinatário. Nessa correspondência, o avô ocupa lugar saliente. É ele quem escreve este bilhete:

"Você deve ter visto essas declarações do nosso colega Erico Veríssimo aí espalhadas pelos jornais. Ainda ontem à tarde conversamos aqui sobre a nossa maçonaria de avós. Achei-o também colega nosso — além de avô — em pensamento político. Acho que pensamos nós dois como ele."

E ainda o avô institucional que perdura em JO, o autor deste outro bilhete, em tempo de ilusões logo fenecidas:

"Por que você não escreve no nosso Correto da Manhã uma carta ao Castelo mais Luis Viara mais Eugênio Gomes (os dois primeiros sei que também são avós, o nosso grande ensaísta não sei se também é) sugerindo-lhes a criação de mais um Ministério: o da Criança desamparada, abandonada, desgraçada. Quem sabe daria certo?"

Gosta de dizer-se velho ("velho amigo velho") mas exalta nos companheiros tão idosos quanto ele e até mais, a mocidade radiante. Se a leitura de um texto jornalístico o seduz não se contenta em achá-lo bom: manda ao autor, imediatamente, algumas linhas manuscritas, de caligrafia difícil, que testemunha a velocidade da emoção. Está sempre disposto a proclamar o talento alheio e sua capacidade de admirar leva-o a mandar tirar xerox dos textos felizes, para distribuição entre amigos.

Editor solicitado por tantos autores antigos e novos, implumes ou tarimbados, não se esquece de reclamar de escritores e poetas esquivos a obra que eles poderiam organizar e que jamais organizaram. Ficou célebre o telegrama que, por iniciativa sua, se expediu em 1954 a notável intelectual brasileiro, e que até hoje não alcançou o objetivo visado, não obstante respostas paliativas do querido destinatário. Vai transcrito a seguir:

"Transmitindo-lhe cordial mas enérgica intimação para que prepare com urgência originais seu livro estamos certos interpretar sentimento grande número amigos poesia inconformados sua esquivança que vem privando nossa literatura duma obra alta categoria artística. Afetuoso abraço. — Manuel Bandeira, José Olympio, Otávio Tarquínio de Sousa, Rodrigo MF Andrade, Anibal Machado, Onésio de Pennafort, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Geir Campos, CDA".

Analisando o telegrama não vejo nele o sinal de um editor esapenhado em ganhar dinheiro com obra de largo consumo, sabido que a poesia é negócio de poucos, produzindo mais êxtase do que lucro. Mas encontro o homem sensível que considera o livro objeto especial, destinado a recolher, expor e preservar a essência imaterial do homem: sua espiritualidade.

Assim é JO, em traços brevíssimos: o ser coexistente com os demais seres, e que aplicou essa inclinação natural na produção de livros, instrumento de comunicação e compreensão entre os homens, não pela unidade despersonalizadora, mas pela variedade. Autores de tendências diversas e até opostas, reunidos em volta de um editor, evidenciam a possibilidade de existir uma universidade de idéias sem cursos e instalações aparentes. Esta, a façanha cinquentenária de José Olympio Pereira, paulista de Batatais e residente na cidade dos livros — cidade de mil avenidas, governada pelo espírito.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Anexo n.º 16 – Quixote

QUIXOTE

Em homenagem aos 80 anos de José Olympio os editores criam um prêmio anual para aquele que mais se distinguir no apoio ao livro

COMPLETANDO 80 anos ontem, José Olympio Pereira — mais de 60 trabalhando com livros, sobretudo de autor nacional — procurou fugir às comemorações que seus colegas editores organizaram para festejar a data. Na antevespera, a filha Vera Teixeira Soares, mãe de cinco dos seus nove netos e participando da vida da editora desde 1979, informava:

— Ele deve sair do Rio por uma semana. Vai para um hotel-fazenda, em companhia de uns amigos, como fez o Carlos Drummond de Andrade. E está fazendo segredo do lugar até para nós.

Mas se o reservado José Olympio pensou que saindo da cidade — na qual se instalou em 1934, à Rua do Ouvidor 110, para em pouco tempo erguer uma casa editorial que fez história — estaria fora do alcance das homenagens, enganou-se. A partir deste ano, seu nome passa a ser sinônimo de prêmio. Um prêmio criado pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), a ser atribuído anualmente a instituição não ligada ao mercado livreiro mas que se tenha destacado no apoio e divulgação do livro, bem como a uma obra literária de qualquer gênero, selecionada por um mínimo de 100 pessoas como a melhor do ano.

— O primeiro a ganhar o prêmio será o próprio José Olympio — informa Regina Bilac, presidente do SNEL, órgão do qual J. O. — como é chamado pelos mais íntimos — foi dirigente nos anos 50. — Ele receberá uma estatueta concebida por Mario Agostinelli, representando a figura de Dom Quixote. Esse é o prêmio que destinaremos às instituições. Os autores distinguidos receberão uma certa quantia em dinheiro.

“Sempre fomos um pouco Dom Quixote”, disse há alguns anos José Olympio, referindo-se a sua própria editora, que ficou conhecida nos anos 30 e 40 por publicar “autores inteligentes”, estivessem deste ou daquele lado. Corajoso, atirado, José Olympio iniciou-se cedo no ambiente livreiro. Nascido em Batatais, São Paulo, começou a trabalhar aos 11 anos, lavando vidros na farmácia de Carlos Grau. Aos 14 foi para a

capital com a intenção de trabalhar na Casa Araujo Costa, que dava pousada e comida aos empregados. Quis o destino, porém, que seu padrinho Altino Arantes arranjasse para ele um lugar na Casa Garraux, uma livraria.

— Logo me apaixonei pelos livros, que tratava com carinho, tirando um a um das estantes, escovando-os — recorda o editor. — Trabalhava de sete da manhã às sete da noite para ganhar 30 mil réis. No resto do tempo lia muito. Esqueci o sonho de ser advogado e encarei a possibilidade de ser livreiro.

Passados mais de 10 anos, graças ao dinheiro obtido com a venda dos livros da biblioteca que havia pertencido ao juriconsulto Alfredo Pujol, J.O. inaugurava em São Paulo, na Rua da Quitanda, uma livraria com o seu nome. A transferência para o Rio deu-se três anos depois. Da Rua do Ouvidor, que logo se transformou em ponto de encontro dos mais conhecidos escritores, a livraria e editora mudou-se para o Beco das Carmelitas e depois para a Nilo Peçanha. Por fim construiu sede própria na Marquês de Olinda, Botafogo, onde permanece até hoje.

Médico e escritor, Pedro Nava é um dos 900 e tantos autores nacionais publicados pela José Olympio, que em 51 anos de existência formou um catálogo de mais de 4 mil 500 títulos, ao qual o romancista e acadêmico José Cândido de Carvalho se refere jocosamente como “Os Lusíadas do J.O”. Em uma lista que inclui nomes como os de Afonso Arinos, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Josué Montello, Rachel Jardim, João Cabral de Melo Neto, Nava é um dos poucos que até hoje foram publicados exclusivamente pela José Olympio.

— Fiquei lá pela profunda admiração nutrida pela figura de José Olympio — explica Nava. — Conheci-o nos anos 30, quando comecei a frequentar a sua livraria. Ele atendia pessoalmente, apesar de ser o dono. A primeira impressão que tive dele é a que conservo até hoje: a de um amigo

perfeito, que fez muito por grandes escritores, tirando-os da obscuridade.

Da dedicação de José Olympio às suas amizades fala Carlos Drummond de Andrade, lembrando que ele, pouco dado a sair de casa, “nunca vacilou em ir a uma repartição pública pedir por um amigo”. Mas se é de pouco andar, J.O. é de muito conversar. Gosta de uma prosa e os que integram seu círculo são unânimes em referir-se a ele como um grande contador de casos. Mas os elogios, como é natural, vão fundamentalmente para o editor de visão que iniciou sua atividade editorial publicando *Conhece-te pela Psicanálise*, de J. Ralph, isto quando a teoria de Freud era praticamente desconhecida no Brasil.

— Ele inventou no Brasil a profissão de editor e fez dela um sucesso — reconhece Alfredo Machado, diretor da Record, hoje detentor dos direitos de publicação de vários autores que tiveram de sair da José Olympio quando esta entrou em turbulência e acabou nas mãos do BNDE. Machado lembra que há dois anos fez uma proposta ao Banco no sentido de assumir o controle da editora, mantendo sua marca e seu fundador em posto de direção. Não recebeu resposta. Lamentável, diz Machado, porque J.O. “chegou aonde chegou porque quis fazer coisas que o Ministério da Cultura não faz, assumindo responsabilidades excessivas para um comerciante”.

Diretor-presidente da Nova Fronteira, outra grande editora do Rio, Sérgio Lacerda lembra uma frase célebre de Wellington sobre Napoleão para ilustrar o que pensa dos percalços de José Olympio. Quando o Imperador francês, às vésperas de ser derrotado em Waterloo, cruzou o Rio Meuse, chegou a cidade belga de Charleroi e dividiu o exército britânico em dois. Wellington fez-lhe o seguinte elogio: “This man does war honour” (Esse homem honra a guerra).

As dificuldades começaram para José Olympio em 1966, quando abriu o capital da editora, a fim de dinamizar o ritmo dos seus lançamentos. Ampliando o seu campo de atuação para a área educacional, criou duas subsidiárias

Anexo n.º 17 - José Olympio, octogenário

José Olympio, octogenário

Antonio Carlos Villaça

NESTE começo de dezembro, o editor José Olympio completa oitenta anos. Recolhido, tímido, ele não gosta de festas. Mas a data não lhe pertence. Pertence à cultura brasileira.

Porque José Olympio Pereira é uma figura hoje da história do Brasil. Já ultrapassou de muito o ciclo da vida privada, para projetar-se no plano maior do destino do País, como um dos seus construtores.

Ele pode ser avesso a ruídos e homenagens. Mas nós vamos buscá-lo no seu introspectivismo, para reverenciar nele o brasileiro que soube antecipar-se a seu tempo e anunciar o futuro. São apenas cinquenta anos de atividade editorial a serviço de um povo.

PRECISAMOS de testemunhos assim, de fidelidade e coragem discreta, silenciosa, para atrá-los deles renovarmos a nossa confiança na própria vida. José Olympio vem de longe, vem de Batatais, lá no interior de São Paulo, pertinho da humilde Brodosqui, em que nasceu Portinari. Ele vem da terra roxa, quase fronteira com Minas.

Menino ainda, seu padrinho de crisma Altino Arantes, então presidente de São Paulo, o acolheu no Palácio dos Campos Elísios, em cujo porão morou deslumbradamente. Foi então trabalhar na Casa Garraux, como simples caixeiro. Era o encontro do homem com o seu destino pessoal. José Olympio garoto se encontrava com o livro. E nunca mais se separou do livro. Pois a livraria foi a sua vida, a sua razão de ser, o seu rumo exclusivo.

Morre Alfredo Pujol, o estudioso de Machado de Assis, cuja cadeira ocupara na Academia, depois de Lafaiete Rodrigues Pereira. José Olympio compra-lhe a biblioteca. Assim, e com dinheiro emprestado, inicia a sua atividade independente.

Em 1932, funda a Livraria José Olympio Editora, em São Paulo. É apenas um rapaz de ainda vinte e oito anos. Mas logo percebe com seu faro que o futuro está no Rio de Janeiro. Transfere a direção da Editora para o Rio. E aqui edita as obras completas de Humberto de Campos, num plano editorial ousado para o tempo.

É ele quem lança José Lins do Rego, desde o segundo romance, desde *Banguê*. José Lins se considera um filho da Casa, uma criação da J. O. E atrás dele vem Gilberto Freyre. Em 1942, são publicadas as *Poesias* de Carlos Drummond de Andrade, que então completava quarenta anos e ainda não tivera uma edição adequada de sua obra.

José Olympio confunde-se com a própria atividade editorial no Brasil. Ele é por excelência o editor da literatura brasileira, como gostava de dizer

Alvaro Lins. Os endereços sucedem-se. Do Edifício da Bolsa a Casa muda-se para a Rua Nilo Peçanha, no Castelo. Dali, passou para a sede própria na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Quando a Casa completou vinte anos, Getúlio Vargas (então Presidente constitucional) compareceu à festa em pessoa. O prestígio de José Olympio era imenso. O Presidente Castello Branco visitou pessoalmente a nova sede em 1965.

HOUVE sempre um profundo sentido nacionalista, no trabalho de José Olympio. Acima de tudo, ele afirmou e afirma o seu amor ao Brasil. De tal modo que pode fazer suas as palavras deliciosas de Gilberto Amado: "quem não gosta do Brasil,

transformou-se com os anos em um ponto de encontro da vida intelectual brasileira.

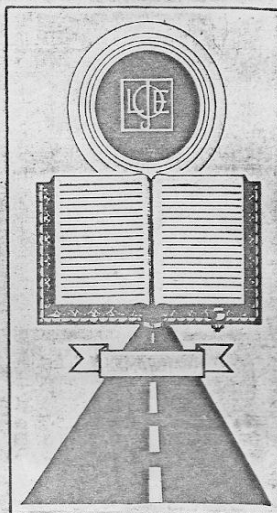
VÁRIAS gerações desfilarão por aquela sala famosa. Ali, ou nas salas anteriores da Praça Quinze e da Rua Nilo Peçanha, Vivaldo Coaracy se refugiava por alguns minutos, vindo de Paqueta. José Lins do Rego enchia a sala com o seu riso. Gilberto Freyre, quando vem ao Rio, almoça religiosamente na Casa. Carlos Drummond de Andrade e Rachel de Queiroz aparecem de vez em quando com a sua timidez invencível. Gilberto Amado, no último ano de vida, 1969, vinha todas as manhãs para conversar com José Olympio.

E ali se sucedem ou se sucediam homens os mais opostos, do general Nelson de Melo a Tristão de Ataíde, de Peregrino Júnior a Genolino Amado, de Francisco de Assis Barbosa a Geraldo França de Lima ou Afonso Arinos. Casa histórica, indubitavelmente, que foi a editora de Manuel Bandeira e Guimarães Rosa, como é a editora ainda hoje de Pedro Calmon e Dinah Silveira de Queiroz.

José Olympio gosta de dizer, enternecidamente: Rachel e Dinah são como duas irmãs minhas. E há o irmão de sangue, o romancista Antônio Olavo Pereira, o autor de *Marcoré*. Outro irmão, Daniel Pereira, também trabalha na Casa. E há as dedicações de vida inteira, como o sutil Adalardo Cunha, que trabalha na Casa há exatamente quarenta anos, e o ainda jovem Sebastião Macieira, secretário de J. O. Casa aberta, Casa acolhedora, Casa bem nossa, que mais parece uma Casa do Brasil.

E o menino de Batatais ali está, patriarca dessa Casa Grande da Literatura. Hoje, apoia-se na sua bengala. Mas ainda vai lá, com o seu gosto pela vida, com a sua paixão pelo Brasil. Há dois nomes na história do livro neste País: Monteiro Lobato e José Olympio. Dois pioneiros, dois abridores de caminhos, dois patriotas. José Olympio precisava escrever as suas Memórias. Que grande livro de fato ele nos daria, se decidisse contar a sua vida, desde a casa de Batatais, na aurora do século, até a Rua Marquês de Olinda.

Tristão de Ataíde gosta de chamá-lo Duque de Olinda. Há em J. O. uma aristocracia natural, uma elegância de maneiras, uma dignidade constante que o torna uma das figuras mais respeitadas da vida brasileira. Jamais fez discriminações mesquinhas. Editou Getúlio Vargas e Graciliano Ramos. Lançou Otávio de Faria, Luís Jardim e José Cândido de Carvalho. Trata-se, pois, de uma personalidade solar, de um líder da cultura brasileira. O seu prestígio pessoal salvou a Casa.



não me interessa." E é a pura verdade. Em 1936, fundou a *Coleção Documentos Brasileiros*, dirigida até o volume dezoito por Gilberto Freyre. E, depois, por Otávio Tarquínio de Sousa até o volume 110, em 1959. A partir de janeiro de 1960, o diretor da *Coleção* é Afonso Arinos de Melo Franco. São quase duzentos volumes publicados, desde *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que foi o primei-

ro. O Brasil está no centro das preocupações de José Olympio. Toda a sua vida, toda a sua conversa, todo o seu dia é Brasil. José Olympio é um conversador fascinante, informadíssimo, atualizado. Lê todos os jornais, todos os editoriais, todos os artigos. Recebe pessoas as mais diversas. A sua sala ampla e cheia de livros e jornais

Anexo nº. 18 - José Olympio: um semeador de livros

ele perfil

Há meio século, numa pequena loja de São Paulo, mais tarde transferida para o Rio, nascia a Livraria José Olympio Editora, que se transformaria na mais dinâmica editora brasileira, publicando, em 50 anos, mais de 4.500 títulos, dos quais cerca de 900 foram de escritores nacionais de primeira linha. Até hoje à frente dessa Casa que fundou, lançando autores inéditos e criando mercado para livros em geral, está José Olympio Pereira, que completa este mês 80 anos de idade. O acadêmico José

Monteiro, ele próprio um dos incentivados por J.O. no início da carreira, traça aqui o perfil desse benemérito da cultura nacional.

OSÉ OLYMPIO

um semeador de livros

Por José Monteiro
fotos do arquivo da Livraria José Olympio Editora

Não há ampla, com as janelas abertas sobre a Rua Marquês de Olinda, no bairro carioca de Botafogo, José Olympio está sentado, com ar pensativo, sob a vigiância do Cristo, que de longe o contempla, de braços abertos, sobre o Corcovado.

Neste 10 de dezembro, completa ele oitenta anos. A bengala em que se apóia para caminhar é um aminho natural: a figura gorda e forte, sólidamente plantada nos pés firmes, reclama sua pequena ajuda para mover-se nas salas e corredores de estanho que tem seu nome.

O rosto enérgico, sem uma ruga, não condiz com o envelhado de idade do editor. José Olympio não tem semblante de octogenário. A vida, se passou por ele deixando sulcos de amargura,

propôs-lhe o semblante glacial. Os cabelos longos acentuam-se-lhe à fisionomia. O espírito claro continua vitalizado para o futuro.

É ele quem me diz, depois de respirar as muitas folhas em que se empenhou a labor dos escritores e da cultura do Brasil.

"O editor é um remediado do livro."

Na verdade há dois tipos de editores: os numéricos e os realistas. Os primeiros vivem a aventura do livro, os segundos fazem do livro uma aplicação de capital, com rendimentos seguros. Se estes são necessários, a verdade é que são aqueles que abrem caminhos novos à cultura, prestigiando a iniciativa que anda aquilando a consagração do futuro. A consagração virá. Ou, será

OSÉ OLYMPIO

A minha bengala de José Olympio é a sua bengala. Na quarta e sexta semanas, está na relação dos livros que ele entrega aos seus membros, não realmente os sucessores catálogos da Livraria José Olympio Editora. Cada título é uma aventura. E aventura é que ele se lança com a consciência de um indomável ao seu país.

Já me senti, num antigo para WASHINGTON, há cinco anos, à base de Monteiro Lobato que José Olympio transformou em espigão de sua editora. "Uma nação se faz com homens e livros."

Na verdade, a base do futuro pode ser ainda mais certa: "Uma nação se faz com livros." Porque se os livros também são feitos pelos livros, a fim de que assemem a literatura que prende a alguns leitores, não dispõem uma razão.

José Olympio vai adotar Humberto de Campos na hora em que este evoluiu de cronista e contista galante para crítico, romanista e cronista literário. Ainda não, na hora posterior, milhares e milhares de volumes, assinados por Humberto. E dele, não, por seu tempo em três ou quatro anos, o escritor mais popular do Brasil — identificado às letras com os sentimentos populares.

Nos anos trinta, o romance de Nader de Lima começou a despetir, com José Américo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Caio Fernando Abreu, Armando Fontes, e logo José Olympio traz estes escritores à sua editora. Armando Fontes. Divulga-lhes a

ajuda um volume de auto e do editor? Ninguém me responde. O espírito do livro que Monteiro Lobato, ele mesmo o Brasil com novas obras e novos autores, tentando criar mercados para o livro e se- mear literaria, prestigiar escritores.

José Olympio se fez editor após a experiência de Monteiro Lobato. Porém, ter optado pela experiência dos editores realistas como Francisco Alves, mas preferiu estar sob o signo de aventura, fazendo nos novos romances, nos novos poemas, nos novos historiadores, nos novos contistas, nos novos críticos, nos novos ensaístas — sem esquecer os mestres consagrados, que tinham contribuído para ampliar o horizonte cultural do Brasil.

oltra, pouco importante que alguns deles — como Caio Fernando Abreu e Jorge Amado — sejam já voluta com a política pública. Na hora difícil, amparo e incentivo. E tem orgulho de obra que realizou sabendo que o país se transformaria a cada instante e que a literatura viria ao encontro de Jorge e de Caio.

Nunca tivemos que por nos só podiam ser divulgados como editores de si mesmos, José Olympio conheceu Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Agostinho Frederico Schmidt, Marinho Mendes, Roberto Couto, Adolfo Neto, e os outros, e lhes pagou direitos autorais.

Na década em que José Olympio iniciou a sua grande obra de editor, o mundo estava dividido pelo racionalismo ideológico: de um lado, a direita, do outro lado a esquerda. José Olympio editou um e outro, e apoiou o progresso e o pensamento liberal, para que o público se informasse sobre as diversas correntes e filosofias de suas próprias expressões.

A nação nova, que se estava construindo depois da Revolução de 30, recorre aos livros editados por José Olympio — um que se edita, e a editora reflete essa transformação — sem que se saiba ainda qual será o caminho por onde há de seguir as novas gerações na construção do mundo de amanhã.

Para que se tenha uma visão exata da obra de José Olympio, nos compila

mos de sua atuação editorial. Basta recordar que está aqui o livro — J.O. — em sua Livraria José Olympio Editora, no tombado de uma rua largada, não no Rio de Janeiro, no Sul, no Centro, no interior do Estado Brasileiro, nos grandes estados e nos lugares mais distantes. Por tudo isto, sempre se julga de editor, e está decidido irracionalmente à mesma inspiração — julga-se que há a mudança, para não o por um tema — tal como o poeta havia escolhido.

O prestigio que, no passado, alcançou a vida literária, lançou o nome de José Olympio à literatura brasileira. O ataque ao livro José Olympio foi na hora em que ele se movia, visando da construção do mundo moderno.

É preciso não esquecer que a inspiração nacionalista, que estava em grande parte o movimento de 1932, já apontava-se em sua parte dos livros lançados por José Olympio: A Educação Brasileira, o livro que ele publica na fase de intensa atividade do editor, segue a linha desta orientação. José Olympio não se alinhou ao Brasil apenas das obras fundamentais da cultura brasileira — uns, escritos por seu próprio direito, outros, destinados para sua iniciativa, e a editora reflete essa transformação — sem que se saiba ainda qual será o caminho por onde há de seguir as novas gerações na construção do mundo de amanhã.

Para que se tenha uma visão exata da obra de José Olympio, nos compila

mos de sua atuação editorial. Basta recordar que está aqui o livro — J.O. — em sua Livraria José Olympio Editora, no tombado de uma rua largada, não no Rio de Janeiro, no Sul, no Centro, no interior do Estado Brasileiro, nos grandes estados e nos lugares mais distantes. Por tudo isto, sempre se julga de editor, e está decidido irracionalmente à mesma inspiração — julga-se que há a mudança, para não o por um tema — tal como o poeta havia escolhido.

Se 10 de dezembro aos brasileiros, no quadro dos autores da Livraria José Olympio Editora, não se esquecer os livros de Jorge Amado nos prazos literários, mas José Olympio não deixou de editar livros. Caetano de Almeida, Francisco de Paula, George Sant, Zola ligam na catalogação da casa. E também os correspondentes de mais existência, como o Conto, de A Cidade.

Essa obra tem um caráter de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto

de prosaica. A abertura de prosa, só tiveram o amparo de José Olympio, quando José Olympio foi ao seu encontro, querendo editá-lo o livro. Assim nasceu a História Literária de Eça de Queiroz. De um momento para o outro, o modesto professor do Recife ocupou imediatamente a consolação, como o primeiro crítico de sua

obra. Quando Roberto



Anexo nº.19 - José Olympio, o mais brasileiros dos paulistas

SEXTA-FEIRA, 11 DE MAIO DE 1990

CRÔNICA*J.O., o mais
brasileiro
dos paulistas**Rachelo de Queiroz*

As pessoas morrem: é a lei da vida. E, pois, a gente deveria receber com naturalidade a presença da morte. Mas não: cada morte é, para nós, um choque terrível, como se o nosso morto fosse o único. Morreu, semana passada, José Olympio Pereira Filho, o editor José Olympio, o J.O.. Tinha 87 anos e vinha sofrendo muito; ele próprio já deveria desejar a indesejada. Mas que dor e que falta para nós todos que o amávamos.

Nós, os que pomos no papel nossos pensamentos, sonhos e imaginações, dependemos do editor, espécie de mágico que tem o poder de transformar em livro aquilo que eram apenas palavras, palavras. E quando temos o bom editor que nos solicita escritos, que põe em nós a sua confiança e seu dinheiro, ele vira a própria figura paterna.

J.O. editor, preencheu, melhor que nenhum outro, essa função. Os seus editados viraram seus amigos tão íntimos como só irmãos o seriam.

Sob o seu selo, nós escrevíamos tranquilos, certos de que cada trabalho concluído viraria um belo livro, preparado carinhosamente pelo Daniel, com capa e ilustrações do Santa Rosa, do Luís Jardim, do Eugênio Hirsch, do Poíy e dos demais artistas que foram sucedendo a esses, sempre o melhor do melhor. Depois de entregues os originais, não tínhamos que nos preocupar com mais nada: daí por diante, o problema era do J.O..

Falei em figura paterna? Na verdade, para os mais velhos, seria melhor dizer o Irmão. Sabia da nossa vida, interferia nos nossos problemas, chegava a

nos determinar o que fazer. Casamentos, divórcios, emprego, encrencas com polícia ou com patrão, falta de dinheiro! Ele opinava, ralhava, ajudava, com a autoridade de quem tinha sempre a boa solução. Aquele seu salão, decorado com as capas dos nossos livros, quanta vez serviu de confessionário e de chorador; de lá saíam sempre o telefonema, a carta de recomendação ou de reclamação para o grandola amigo dele, que nos oprimia ou nos ameaçava. Saía também o cheque providencial, na hora difícil.



Só em um ponto jamais saía dos lábios ou da pena de J.O. qualquer interferência: Era na nossa obra, naquilo que escrevíamos. Ele sempre foi amigo dos poderosos — presidentes, ministros, generais —, os grandes do nosso mundo conviviam com ele e o prestigiavam. Mas nós, seus autores, podíamos dizer o que quiséssemos contra ou a favor de autoridade, fardada ou paisana — ele não tomava conhecimento e não recusava publicação. Não conheci ninguém que tão completamente respeitasse a livre manifestação do pensamento. E, nessa sua posição, ganhou tal autoridade que publicava tanto os discursos de Getúlio, ditador, como as memórias de Graciliano, com suas terríveis recordações do cárcere getulista. Editava Plínio Salgado e Jorge Amado; parnasianos e antropófagos. A Casa era o asilo seguro onde se acolhiam e respeitavam todas as opiniões.

Verdade que ele tinha uma ternura particular por um grupo fiel de autores. Fazia sentir isso a cada um de maneira sutil, mas iniludível. Era uma solicitude, um interesse, até mesmo uma certa severidade, uma cobrança; a gente às vezes revidava, dizia que ele tinha "complexo de Luís XIV"; o José apenas ria e continuava mandando — e a gente acabava "obedecendo".

Sua imandade era grande, e ele a assumiu, como filhos. Depois o processo de adoção se alargou, e irmãos éramos nós também. Irmã fui eu, que hoje me dóo da sua morte, como me doeu a dos dois irmãos de carne, que perdi. Sempre me escrevia cartas e bilhetes me chamando carinhosamente de "ma soeur" — porque em francês, não sei. Ele não cultivava línguas estrangeiras. Cultivava corações, lealdade, amizade. Dava e tinha retorno. Foi um grande, neste mundo desigual.

Anexo n.º 20 - José Olympio: O homem e a Casa

INIAIO

20/21 maio 1990

JORNAL DO COMMERCIO

José Olympio: o homem e a Casa

MARCOS ALMIR MADEIRA

ESCRITOR E SOCIOLOGO. PRESIDENTE DO P.E.N. CLUBE

Perdemos um lidador: José Olympio Pereira. Não desses lidadores que apenas insistem, simples expressão de contumácia, de produtividade pela constância, tanto pode o hábito... O trabalho, no meu velho amigo, vinha carregado daquele ânimo, o élan vital que fascinava Bergson; não era só necessidade ou imperativo de vida — era desde logo esperança. Esperança natural no produto da sua faina, a lufa-lufa contagiosa. Esperança, antes de mais, no Brasil que lê; esperança, por isso mesmo, no escritor brasileiro. Além de ter promovido a canonização literária de tantos leigos da glória (revelou às elites barões nunca antes assinalados...), empilhando talentos novos nas estantes do Brasil, — além disso, que já seria muito, editou exatamente os contrários. Superiormente. Sans peur et sans reproche — agora, sim, vem a ponto. Logo compreendi que ele tanto gostasse do lema que me acudiu propor para o P.E.N. Clube: “Pela convivência intelectual acima da política ou apesar dela”. Foi de fato **acima dela** que ele editou um Graciliano Ramos e um Getúlio Vargas, embora se deva ressaltar que no plano da cultura, especialmente a literária, Vargas teria sido, provavelmente, um eleitor de Graciliano... Separou-os a tirania das circunstâncias.

Outra lição de superioridade de José Olympio: estava no auge a dissensão entre Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. Apípicos bombardeava Saquarema e a contra-ofensiva era forte. José Lins do Rego não vacilou: suspendeu a publicação de um artigo que havia escrito para *O Globo*, em louvor do pioneiro fluminense. Por sua vez, não hesitou o outro Zé, editor de gerações: editou os dois. O compromisso da Casa, dizia-me ele, era com a “cultura do Brasil”. Perguntei-lhe por que não dizia cultura brasileira em vez de cultura do Brasil. E ele, instantâneo, muito a seu jeito: “Comecei dizendo do Brasil e o pessoal já se habituou”. Fosse como fosse, compreendeu a exploração sentimental de Zé Lins. E como compreendia o autor de *Moleque Ricardo* se não compreendesse explosões?...

Mas não vinha apenas da sua imparcialidade, ou da sua isenção, a autoridade do editor; vinha também da sua nítida convergência para os valores novos. Na realidade, era ele um grande empírico, um intuitivo dos maiores: tinha o sentido do mérito alheio, um espontâneo respeito pela inteligência trabalhada e uma rapidíssima percepção dos seus valores, dos seus benefícios, da sua beleza. Intuitivamente, discernia a utilidade social e política da literatura. Mas discernia calado. Vio machadamente: “claro e quieto”. Era todo ação, muito principalmente quando contratava com as inteligências nascentes, as vocações em botão. De longe as percebia. Disse José Américo que “ver bem não é ver tudo; é ver que os outros não viram” (está n’A *bagaceira*). De fato, muitos olham sem ver, como quem ouve, mas não escuta ou como quem apreende, e não aprende. Outros já tinham visto, na Rachel de Queiroz d’O *Quinze*, a escritora. Mas a sua carreira se consolida e a fama vai viciando quando a bafeja merecidamente a *visão* do grande intuitivo. A moça do Ceará tinha a ninharia de uns vinte e sete anos. E José Olympio contratou-lhe o talento por tempo indeterminado. Ao escritor não basta a festa de lançamento; o decisivo é aparecer nas prateleiras do país — se possível, de Manaus a Porto Alegre. A José Olympio fazia isso, essa boa socialização do livro e da popularidade dos autores. Bem poderia dizê-lo o próprio Jorge Amado, de renome hoje mundial, traduzido torrencialmente, como por sua vez o confirmaria Guimarães Rosa, também editado aos borbotões em certa época. De outros que a Academia igualmente acolheu, um bom punhado, além de Jorge e Rosa, pode ser considerado da Casa, onde “sentaram praça”, como dizia o próprio Zé. Foi ele quem lhes assegurou a continuidade ou a estabilidade do prestígio literário, conquistado por suas vitórias iniciais em outras editoras, cada qual em sua província ou no Rio. Estou pensando em José Américo, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Gilberto Amado, Cassiano Ricardo, Pedro Calmon, Octavio de Faria, Aurélio, José Cândido de Carvalho, Origenes Lessa, além dos que continuam transitando por este mundo e frequentando o 3º andar do n.º 12, da Marquês de Olinda, como Luiz Viana Fi-

lho e Josué Montello; um contando vidas e o outro inventando, em expedientes de romance. Afonso Arinos não só fez tradição na Casa, como lá em função: dirige a Coleção Documentos Brasileiros, onde aparecem Américo Lacombe e Francisco de Assis Barbosa, seus “condôminos vitalícios”, como diria Alcantara Machado, na Casa de Machado de Assis e Lúcio de Mendonça. Mineiros como Melo Franco, são Cyro dos Anjos, Mário Palmério e Geraldo França Lima (este de fardão e discurso prontos). E quem esqueceria, entre os mineiros não-acadêmicos, o magrinho de Itabira, aquele exímio Drummond? Foi das máquinas da José Olympio que saiu o principal da sua obra de poeta e de cronista. Abgar Renault, seu companheiro de modernismo prudente nas Gerais, não foi dos mais assíduos à editora, mas supriu as suas intermitências, mostrando-nos, de lá, *A outra face da lua*. Lá também foi ter, egresso de São João del Rey e levando contos, Otto Lara Resende. Já Mário Palmério acampou, com todo o seu sertanismo, nos domínios de José Olympio. Nunca mais saiu. E o grande telúrico do Recife — o inventivo João Cabral? Por bom tempo, habitou a cidadela inconfundível. Dos baianos da Academia, o mais constante ultimamente é Herberto Salles, com a sua ficção e sua realidade pessoal em memórias. Quanto a Adonias Filho, registra a crônica da empresa que lá foi rodado seu primeiro romance. O conterrâneo Afrânio Coutinho compenhou seus hiatos, reunindo em cinco volumes o que afinal colheu d’A *literatura do Brasil* — um tratado diferente. Com suas páginas de erudição, incursionou o *carloca* Antônio Houaiss pelo antigo império editorial. A ele não faltou a presença, igualmente honrosa, de um Pontes de Miranda e um Barbosa Lima Sobrinho. De envolta, a mocidade madura de José Guilherme Merquior, a poesia e a prosa de Ledo Ivo, a pesquisa histórica de Lyra Tavares, o folclore poético de Ariano Suassuna, a ficção regional de Bernardo Ellis, a lírica de Carlos Nejar. As vezes, uma única aparição consegue marcar. É o caso de Evaristo de Moraes Filho. Das três grandes damas da Academia e da editora veterana, uma passou a viver em nossa saudade: Dinah Silveira de Queiroz, tão querida, tão lida, tão traduzida. Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon também já transpuseram a barra, como aconteceu com Rachel de Queiroz. São as pérolas do adereço que José Olympio nos deu. De mim posso dizer que tive a sua amizade. Data dos anos 40. Um belo dia, sem qualquer espécie de aviso, mandou incluir livro meu em noticiário de jornal, na lista de lançamentos próximos. Como lhe confessasse minha surpresa (eu não tinha escrito coisa alguma), entrou logo com a resposta: — “É para criar o compromisso”. Tudo aquilo vinha a ser afeto — um afeto autoritário e prestimoso. Era carinhoso nos atos, não nas palavras. De sorriso relativo, econômico nos abraços, dava-me às vezes a impressão de que preferia isolar-se, recolher-se, estar consigo mesmo; e não era isso. Gostava da roda, do grupo, dos amigos em torno; mas no próprio olhar, meio cismador, mais ou menos amortecido, havia uma fimbria de melancolia, uma nota que chegava a me parecer de saudade — uma saudade indefinida. Como que o mundo não lhe estava bastando. Bem apesar disso, era capaz de pilhéria fácil, da anedota salgada. Não cultivava sutilezas; era uma alma incisiva. Disse-lhe, numa conversa no Jóquei, que não havia reticências dentro dele; havia pontos de exclamação. E ele, positivo como sempre: — “Nessa pontuação eu não erro”.

Traços do seu caráter, características da sua compleição moral que me ficaram: a bondade para como os humildes e o estímulo que lhes dava. Interessava-se pela vidinha de todos. Um dia pediu-nos, a Octavio de Faria e a mim próprio, naquele seu tom imperativo, que felicitássemos o faxineiro da editora. É que o filho passara de ano na escola, e com boas notas. Quando Octavio lhe gabou o gesto com palavras significativas, o incisivo fechou-se e partiu para outro assunto. A bem pensar, era um sentimental envergonhado; tinha o pudor de não parecer sensível — uma bondade orgulhosa. Mas os atos, os gestos, as atitudes lhe anulavam as resistências... E como se comprazia, ainda que a seu modo, em assinalar os êxitos da Casa e dos escritores aficionados! Nisso não dissimulava a sua vaidade — uma vaidade de utilidade pública...

O editor, coletor de talentos, passou à história da nossa vida literária; o homem, por seus impulsos generosos, ficou nos corações.